



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**GRANDE AMOR ROMÂNTICO: EVIDÊNCIAS PSICOMÉTRICAS E
CONTRIBUIÇÕES PSICOSSOCIAIS**

NÁJILA BIANCA CAMPOS FREITAS

João Pessoa- PB

Setembro de 2020



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**GRANDE AMOR ROMÂNTICO: EVIDÊNCIAS PSICOMÉTRICAS E
CONTRIBUIÇÕES PSICOSSOCIAIS**

Nájila Bianca Campos Freitas, *Doutoranda*
Valdiney Veloso Gouveia, *Orientador*

Instituição Financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
– CNPq

João Pessoa- PB, Setembro de 2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL
DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

**GRANDE AMOR ROMÂNTICO: EVIDÊNCIAS PSICOMÉTRICAS E
CONTRIBUIÇÕES PSICOSSOCIAIS**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social (Doutorado), da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do grau de *Doutora* em Psicologia Social.

João Pessoa- PB, Setembro de 2020

**Catálogo na publicação Seção de Catalogação
e Classificação**

F866g Freitas, Nájila Bianca Campos.

Grande amor romântico : evidências psicométricas e contribuições
psicossociais / Nájila Bianca Campos Freitas. - João Pessoa, 2020.
137 f. : il.

Orientação: Valdiney Veloso Gouveia. Tese
(Doutorado) - UFPB/CCHLA.

1. Amor romântico. 2. Crenças. 3. Personalidade. 4. Valores humanos. 5.
Bem-estar. I. Gouveia, Valdiney Veloso. II. Título.

UFPB/BC

CDU 177.6

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Humanas e Letras
Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social
Doutorado em Psicologia Social

FOLHA DE APROVAÇÃO

A tese “GRANDE AMOR ROMÂNTICO: EVIDÊNCIAS PSICOMÉTRICAS E CONTRIBUIÇÕES PSICOSSOCIAIS”, elaborada por Nájila Bianca Campos Freitas, foi considerada aprovada por todos os membros da Banca Examinadora e aceita pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, como requisito final à obtenção do título de Doutora em Psicologia Social.

João Pessoa, 21 de Setembro de 2020.



Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia (UFPB, *Orientador*)



Prof. Dra. Karen Guedes Oliveira (Uninassau, *Membro Externo à Instituição*)



Prof. Dra. Ana Isabel Araújo Silva de Brito Gomes (Facene, *Membro Externo à Instituição*)



Prof. Dr. Carlos Eduardo Pimentel (UFPB, *Membro Interno ao Programa*)

Isabel Cristina Vasconcelos de Oliveira

Profa. Dra. Isabel Cristina Vasconcelos de Oliveira (UFPB, *Membro Externo ao Programa*)

Àqueles que tentam viver um relacionamento romântico saudável

AGRADECIMENTOS

Querido leitor, esta é a parte do trabalho acadêmico que geralmente deixamos por último. Interessa-nos antes escrever todos os estudos e, só após concluí-los retomamos para essa parte que, curiosamente, fica nas primeiras páginas e, acredito que isto não seja à toa, afinal, quase toda a ação humana depende ou são realizadas por intermédio de outros. Pois bem, por incrível que pareça, escrevê-la sempre me demandou horas e suscitou uma variedade de emoções, em decorrências das muitas recordações que passam por minha mente. Por exemplo, lembro-me que meus professores da educação infantil passavam as atividades no quadro e pediam para, ao realiza-la, levar até ele para dar o “visto”. O interessante era que o momento de maior realização não era, necessariamente, realizar a atividade, mas receber a aprovação do professor, isto é o visto no caderno e palavras como “Muito bem, você aprendeu tudo. Parabéns”, somente após isso, vinha o sentimento de alívio e realização. Os anos passam, assumimos outros níveis de escolaridade, mas algumas coisas ganham apenas um novo formato, mas a essência é a mesma, nesta ocasião, o doutorado. O ambiente acadêmico impõe a nós inúmeras atividades, muitas delas exaustivas, por vezes, nos motivam ao desejo de inovar, explorar nossa criatividade e autonomia, mas por tantas outras nos engessa e impedem de aprender, crescer. À vista disso, frequentemente, ao lermos trabalhos acadêmicos (TCC's, dissertações, teses), em sua maioria, identificamos um modelo padrão de agradecimentos (o qual não estou seguindo, como vocês podem observar. Espero não ter problemas por isso haha). Todavia, por estar concluindo o doutorado e esta ser, supostamente, a última etapa exigida para aqueles que pretendem seguir a carreira docente, usei finalizá-lo com o formato de agradecimentos um tanto diferente. Escrevo a vocês em um momento histórico vivenciado em todo o mundo que é a avassaladora “Pandemia do Covid-19” – se não és testemunha ocular desse período, muito provavelmente, ouvirás acerca deles. Lembram do

relato que citei acima sobre os anos escolares? O retomo aqui para destacar que, a aprovação e realização que me referia, dizem respeito ao fato de perceber o avanço no meu processo de aprendizagem, de proporcionar no outro a autorrealização por ter conseguido mediar o conhecimento, tornando-o acessível e significativo na vida dos seus alunos. Minha intenção é que você, caro leitor, ao ler isto possa refletir toda a sua trajetória, todas as adversidades superadas, as aprendizagens, os fracassos, que não percam o encanto em admirar seu processo de aprendizagem, que não fiquem presos somente a outros modelos, construa os seus, acrescente, isto é fazer ciência. Mas, sobretudo, não te esqueças dos que caminharam junto a você. Àqueles que orientaram teus estudos e processo de aprendizagem. Àqueles que te acolheram quando tudo ao seu redor estava desmoronando. Àqueles que mostraram teus erros, mas sem fazer-te sentir um fracassado. Àqueles que te lembram suas capacidades e conquistas. Àqueles que arrancaram de você muitas risadas. Àqueles que partilharam a mesa de refeições, tornando-o um momento de satisfação e alegria para o corpo, mas principalmente para a alma. Por fim, se seguir níveis de importância, finalizarei esta parte da tese destacando nomes de pessoas que foram cruciais para todo o meu crescimento pessoal e acadêmico. Desta feita, agradeço:

Ao meu orientador, professor Valdiney Veloso Gouveia, que não apenas orientou meu trabalho, mas também me ensinou a construir plano de curso, colocou-me em projetos de grande relevância, dando-me a oportunidade de crescer, sem antes colocar à prova minhas capacidades, do contrário me desafiou, apostando que me faria crescer. Muito obrigada professor, por tudo. Saiba que jamais esquecerei de tudo o que fizeste por mim e que serei eternamente grata.

À banca avaliadora, na pessoa do professor Carlos Eduardo, o qual me proporcionou os estudos iniciais referentes à estatística. À professora Isabel Cristina que, apesar das poucas interações, sempre que a encontrava era simpática, sorridente e atenciosa, me auxiliou em

momentos essenciais, quer com materiais acadêmicos, quer com palavras de conforto e conselhos. À professora Karen Guedes que tive a alegria de conhecê-la nas disciplinas da pós, sendo sempre solícita e alegre, em diversos momentos me ouviu e compartilhamos experiências pessoais e acadêmicas. À professora Ana Isabel que, apesar do pouco contato, quando a via era com simpatia e alegria. Obrigada professores por tornarem esse processo menos pesado e possível de ser vencido.

À minha família, meus pais José Freitas Souza, Maria Claudeci Campos e irmã Jéssica Katiane Campos Freitas por terem suprido minhas necessidades afetivas e financeiras. Por compreenderem esses longos anos de estudo, os quais impediram de estar com vocês em tantos momentos, até mesmo quando estávamos juntos presencialmente. Estendo também a Anderson Álvaro (cunhado), Cláudia Jamábia (titia), Loudes Campos (tia) e a Maria Luíza e Luiz Otávio (primos).

Aos meus amigos que conheci na universidade, mas que se tornaram amigos para a vida. Maria Gabriela, Alessandro Texeira, Bárbara Cunha, Olindina Neta, Tátilla Brito, Diego Loureto, Flávia Marcelly, Cristiane Pontes, Eugênia Lúcia, Gabrielly Rocha, Mariângela Estêves e Eliane da Silva. Com vocês desfrutei de todas as emoções existentes, aprendi sobre (ser) humano, autêntica. Quero tê-los sempre comigo.

Aos meus amigos de infância, os quais foram meus exemplos acerca de tantas áreas da vida, inclusive a acadêmica. Tamíres Caetano, Mirian Caetano, Talita Caetano, Heloísa Rocha, Nathalia Rocha, Lorena Gabriela, Livya Layanne, Rui Caetano e Miguel Caetano. Estendo aos pais, Rut Rocha, Semírames Caetano e Rubens Rocha, Sueli Caetano e Rui Rocha. Obrigada por sempre me tratarem tão bem, por terem auxiliado meus estudos em João Pessoa e tornar suas famílias a minha também.

Aos meus amigos que conheci após morar em João Pessoa, que me ensinaram sobre a vida, tornaram meus dias leves e felizes, me acolheram nas minhas necessidades,

principalmente, as espirituais. Sara Navarro, Samara Navarro, Manuela Patrício, Pedro Lucas, Suellen Mouta, Jullyane Baltar, Midiã Gonçalves, Raísa Meneses. Quero tê-los sempre comigo.

Ao grupo de estudos Bases Normativas do Comportamento Social (BNCS) por ter sido meu segundo lar durante esses quase 3 anos. Terem me ajudado nas coletas, leituras, divisões de tarefas. Sobretudo, por ter vivenciado manhãs, dias de muita alegria e aprendizados.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico por ter financiado meus estudos

GRANDE AMOR ROMÂNTICO: EVIDÊNCIAS PSICOMÉTRICAS E CONTRIBUIÇÕES PSICOSSOCIAIS

Resumo. O grande amor romântico diz respeito às expectativas sobre como relacionamento amoroso deve se formar, desenvolver, funcionar e ser mantido, ao menos idealmente. A presente tese aborda essa questão propondo a hipótese de que as crenças acerca do grande amor romântico estão ancoradas em variáveis psicológicas individuais e sociais. Para verificar tal hipótese, contou-se com os seguintes estudos: No Estudo 1, de natureza teórica, buscou-se introduzir a temática das crenças acerca do grande amor romântico e a partir disso, identificar os critérios que a compõe, tomando por base os modelos teóricos mais disseminados da Psicologia Social dos relacionamentos amorosos. No Estudo 2 (N= 276), de natureza quantitativa, desenvolveu-se uma medida (Escala de Crenças do Grande amor romântico; ECGAR) que reunisse evidências psicométricas satisfatórias de validade fatorial e convergente (tríade sombria, personalidade virtuosa, valores humanos e bem-estar), além da consistência interna. A Análise Fatorial Exploratória resultou em uma medida unifatorial com KMO = 0,64 e esfericidade de *Bartlett* $\chi^2(6) = 296,5; p < 0,001$, observou-se um índice de adequação satisfatório (CFI = 0,99), com valor-próprio de 2,18, variância explicada de 54,0% e índice de consistência interna de 0,84. A ECGAR foi correlacionada com traços de maquiavelismo ($r = -0,15$), psicopatia ($r = -0,23$), com as subfunções valorativas *normativa* ($r = 0,35$) e *interativa* ($r = 0,17$) e as variáveis do bem-estar *satisfação com a vida* ($r = 0,13$), *afetos positivos* ($r = 0,17$), *positividade* ($r = 0,22$), *vitalidade* ($r = 0,22$) e *afetos negativos* ($r = -0,20, p < 0,01$). Dessas, a ECGAR foi predita pela *psicopatia* [R^2 ajustado = 0,05; $F(1,263) = 14,88; p = 0,001$] subfunção *normativa* [R^2 ajustado = 0,12; $F(1,263) = 35,66; p = 0,001$] e *positividade* [R^2 ajustado = 0,05; $F(1,263) = 13,96; p = 0,001$]. No estudo 3 (N = 391), de natureza quantitativa, objetivou-se, por sua vez, testar os efeitos da Escala Triangular do Amor (intimidade, paixão e compromisso) nas crenças acerca do grande amor romântico, moderados pelos valores sociais. Comprovou-se então um efeito moderador dos valores sociais na relação $ETA_Total \rightarrow ECGAR$ ($\beta = 0,20, t = 2,07, p = 0,039$), verificou-se ainda que quanto mais as pessoas forem guiadas por valores sociais, maior será a interação entre ETA e ECGAR. Portanto, conclui-se que a compreensão acerca das crenças acerca do grande amor romântico favorece o conhecimento dos componentes que as contitue, bem como as variáveis psicossociais que interferem na sua formação. Isto posto, possibilita compreender previamente como se constitui os relacionamentos românticos e, a partir disso, realizar interferências que antecedem seu início e, em razão disso, prevenir ou estimular mecanismos que otimizarão uma relação saudável e durável.

Palavras-chave: amor romântico; crenças; personalidade; valores humanos; bem-estar.

GREAT ROMANTIC LOVE: PSYCHOMETRIC EVIDENCE AND PSYCHOSOCIAL CONTRIBUTIONS

Abstract. Great romantic love is about expectations of how a loving relationship should form, develop, function and be maintained, at least ideally. The thesis addresses this issue by proposing the hypothesis that beliefs about great romantic love are anchored in individual and social psychological variables. To verify this hypothesis, the following studies were conducted: In Study 1, theoretical in nature, it was sought to introduce the theme of beliefs about great romantic love and, thus, identify the criteria that it is composed of, based on more widespread theoretical models of Social Psychology on loving relationships. In Study 2 (N = 276), of a quantitative nature, it was developed a measure (Great Romantic Love Belief Scale) that gathered satisfactory psychometric evidence of factorial and convergent validity (dark triad, virtuous personality, human values and well-being), in addition to internal consistency. The Exploratory Factor Analysis resulted in a single factor where KMO = 0.64 and Bartlett sphericity $\chi^2(6) = 296.5$; $p < 0.001$), a satisfactory adequacy index (CFI = 0.99) was observed, with a eigenvalue of 2.18, explained variance of 54.0% and internal consistency index of 0.84. ECGAR was correlated to traits of Machiavellianism ($r = -0.15$), psychopathy ($r = -0.23$), with the normative ($r = 0.35$) and interactive ($r = 0.17$) valuative subfunctions and the variables of well-being and satisfaction with life ($r = 0.13$), positive affects ($r = 0.17$), positivity ($r = 0.22$), vitality ($r = 0.22$) and negative affects ($r = -0.20$, $p < 0.01$). Of these, ECGAR was predicted by psychopathy [adjusted $R^2 = 0.05$; $F(1,263) = 14.88$; $p = 0.001$] normative sub-function [adjusted $R^2 = 0.12$; $F(1,263) = 35.66$; $p = 0.001$] and positivity [adjusted $R^2 = 0.05$; $F(1,263) = 13.96$; $p = 0.001$]. In study 3 (N = 391), quantitative in nature, the objective was, in turn, to test the effects of the Triangular Love Scale (intimacy, passion and commitment) on beliefs about great romantic love, mediated by social values. A moderating effect of social values on the ETA_Total relation to ECGAR was then proven ($\beta = 0.20$, $t = 2.07$, $p = 0.039$), it was also found that the more people are guided by social values, the greater the interaction between ETA and ECGAR. Therefore, it is concluded that the understanding about beliefs on great romantic love favors knowledge of the components that comprise it, as well as the psychosocial variables that interfere in their formation. Given this, it makes it possible to understand how romantic relationships are formed prior to their formation and, accordingly, carry out interferences that prevent or stimulate mechanisms to optimize a healthy and lasting relationship.

Keywords: romantic love; beliefs; personality; human values; welfare.

GRAN AMOR ROMÁNTICO: EVIDENCIA PSICOMÉTRICA Y CONTRIBUCIONES PSICOSOCIALES

Resumen. El gran amor romántico tiene que ver con las expectativas sobre cómo debe formarse, desarrollarse, funcionar y mantenerse una relación amorosa, al menos idealmente. La presente tesis aborda este tema proponiendo la hipótesis de que las creencias sobre el gran amor romántico están ancladas en variables psicológicas individuales y sociales. Para verificar esta hipótesis, se contaron los siguientes estudios: En el Estudio 1, de naturaleza teórica, se buscó introducir el tema de las creencias sobre el gran amor romántico y, a partir de eso, identificar los criterios que lo componen, con base en los modelos teóricos más extendidos de psicología social sobre relaciones amorosas. En el Estudio 2 (N = 276), de carácter cuantitativo, se desarrolló una medida (Escala de Creencias del Gran Amor Romántico; ECGAR) que recogió evidencia psicométrica satisfactoria de validez factorial y convergente (tríada oscura, personalidad virtuosa, valores humanos y bienestar), además de la consistencia interna. El análisis factorial exploratorio resultó en un factor único con KMO = 0.64 y esfericidad Bartlett $\chi^2(6) = 296.5$; $p < 0.001$), se observó un índice de adecuación satisfactorio (CFI = 0.99), con un valor propio de 2.18, una variante explicada de 54.0% y un índice de consistencia interna de 0.84. El ECGAR se correlacionó con rasgos de maquiavelismo ($r = -0.15$), psicopatía ($r = -0.23$), con la normativa ($r = 0.35$) e interactiva ($r = 0.17$) y los variables de bienestar y satisfacción con la vida ($r = 0.13$), afectos positivos ($r = 0.17$), positividad ($r = 0.22$), vitalidad ($r = 0.22$) y afectos negativos ($r = -0.20$, $p < 0.01$). De estos, ECGAR se predijo por psicopatía [R^2 ajustado = 0.05; $F(1.263) = 14.88$; $p = 0.001$] subfunción normativa [R^2 ajustado = 0.12; $F(1.263) = 35.66$; $p = 0.001$] y positividad [R^2 ajustado = 0.05; $F(1.263) = 13.96$; $p = 0.001$]. En el estudio 3 (N = 391), de naturaleza cuantitativa, el objetivo era, a su vez, probar los efectos de la Escala de Amor Triangular (intimidad, pasión y compromiso) en las creencias sobre el gran amor romántico, mediado por valores sociales. Luego se demostró un efecto moderador de los valores sociales en la relación ETA_Total con ECGAR ($\beta = 0.20$, $t = 2.07$, $p = 0.039$), también se encontró que cuanto más personas se guían por los valores sociales, mayor será la interacción entre ETA y ECGAR. Por lo tanto, se concluye que la comprensión de las creencias sobre el gran amor romántico favorece el conocimiento de los componentes que lo forman, así como las variables psicosociales que interfieren en su formación. Dicho esto, se permite comprender de antemano cómo se constituyen las relaciones románticas y, a partir de ahí, realizar interferencias que preceden a su comienzo y, como resultado, prevenir o estimular mecanismos que optimizarán una relación sana y duradera.

Palabras clave: amor romántico; creencias; personalidad valores humanos; bienestar.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	17
LISTA DE FIGURAS	18
INTRODUÇÃO	19
ARTIGO 1.....	27
O GRANDE AMOR ROMÂNTICO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E CONCEITUAIS ¹ .	27
Resumo	28
Abstract.....	28
Resumen	28
Introdução.....	29
Modelos Teóricos acerca do Amor Romântico	32
Teoria dos Estilos do Amor	33
A Teoria Triangular do Amor	35
Teoria Tetrangular do Amor	36
Teoria do Apego Romântico	38
Relação entre o grande amor romântico e os modelos teóricos.....	40
Correlatos do Amor Romântico	42
Conclusão e Direções Futuras	44
Referências	46
ARTIGO 2.....	52
GRANDE AMOR ROMÂNTICO: EVIDÊNCIAS PSICOMÉTRICAS PRELIMINARES NO CONTEXTO BRASILEIRO ²	52
Resumo	53
Abstract.....	53
Resumen	53
Introdução.....	55
<i>Mensuração das Crenças do Grande Amor Romântico</i>	58
Método.....	62
<i>Delineamento e hipóteses</i>	62
<i>Participantes</i>	62
<i>Instrumentos</i>	62
<i>Procedimentos</i>	65
<i>Análise dos dados</i>	66
Resultados.....	66

<i>Análise fatorial exploratória da ECGAR</i>	66
<i>Evidências de validade convergente da ECGAR</i>	67
Discussão.....	70
Referências.....	78
ARTIGO 3.....	87
O EFEITO MODERADOR DOS VALORES SOCIAIS NAS CRENÇAS DO GRANDE AMOR ROMÂNTICO.....	87
Resumo.....	88
Abstract.....	88
Resumen.....	88
Introdução.....	90
Método.....	95
<i>Delineamento e Hipóteses</i>	95
<i>Participantes</i>	96
<i>Instrumentos</i>	96
<i>Procedimentos</i>	97
<i>Análise de dados</i>	98
Resultados.....	98
Discussão.....	99
Referências.....	106
CONCLUSÃO GERAL.....	114
Principais resultados empíricos.....	115
Limitações e direcionamentos futuros.....	117
REFERÊNCIAS.....	120
ANEXOS.....	126

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Correlatos entre crenças do grande amor com as personalidades sombria e virtuosa.....	66
Tabela 2. Correlatos entre crenças do grande amor com os valores humanos.....	66
Tabela 3. Correlatos entre crenças do grande amor com variáveis do bem-estar.....	67

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura</i>	1.	Funções,	subfunções	e	valores	
		específicos.....				90
<i>Figura</i>	2.	Diagrama conceitual do efeito moderador dos valores sociais na relação entre o amor e				
		crenças	do	grande	amor	
		romântico.....				92
<i>Figura</i>	3.	Efeito moderador dos valores sociais na relação entre os componentes do amor e				
		ECGAR.....				96

INTRODUÇÃO

Iniciar um relacionamento romântico depende de inúmeros fatores (e.g., personalidade, perspectiva de futuro, atratividade), não é à toa que em muitas culturas expressões como “você é o grande amor da minha vida” são códigos de linguagem utilizados que têm por intenção dizer o quanto o outro é importante, especial, compatível e único. Tal afirmação possui uma construção pautada em aspectos individuais e sociais pertencentes à vida dos amantes (Tukachinsky & Dorros, 2018). Todavia, a partir disso, emerge um questionamento: quais os mecanismos que conduzem as pessoas a acreditarem que existe ou que encontraram o grande amor romântico de suas vidas?

Poetas, músicos, psicólogos sociais, filósofos têm buscado ao longo da história explicar, mensurar, descrever e comparar o amor romântico na tentativa de defini-lo de forma completa e sem ambiguidade (Cerqueira & Rocha, 2018). Apesar de esses esforços terem proporcionado significativas contribuições, o amor romântico continua a ser considerado um construto com múltiplas definições, pautado em diferentes perspectivas. Por exemplo, a partir do âmbito evolucionista, o amor romântico é definido como um conjunto de adaptações, projetado para resolver problemas específicos de sobrevivência e reprodução, sendo até tido como um vício (Buss, 2015; Fisher, Xu, Aron, & Brown, 2016); já no entendimento sociocognitivo, é entendido como representações mentais personificadas de si mesmo e do parceiro romântico (eu e o outro), que cooperam, junto às representações relacionadas ao corpo, para a experiência do amor e serve como indicador da qualidade do relacionamento (Quintard, Jouffe, Hommel, & Bouquet, 2020), enquanto que uma visão social pode compreendê-lo como uma experiência emocional universal que é definida de forma diferente entre as culturas, logo, algumas culturas o definem como paixão e outras como romance (Beall & Sternberg, 1995; Karandashev, 2019).

Conforme comentado anteriormente, o amor romântico é multifacetado, difícil de ser conceituado de forma universal, uma vez que é explicado por diferentes perspectivas,

representado de acordo com os modelos culturais, subjacentes às sociedades, mas também, sentido de modo particular, individual. Por exemplo, presume-se que, se alguém acreditar que o outro tem uma personalidade amável, sociável e por considerar como atributos desejáveis, provavelmente fará com que adote iniciativas agradáveis para com o outro, impulsionando este a se comportar de igual modo (Buss & Schmitt, 2019). Assim, seria possível assumir que as expectativas ora formuladas acerca do outro eram verdadeiras. Para tanto, se a pessoa acreditasse que o outro possuísse outras características e resolvesse se comportar de outra forma, será que provocaria no outro, reações diferentes do exemplo anterior?

Isto posto, parece ser impreciso afirmar o papel causal que as crenças e comportamentos exercem para com o amor romântico. Apesar disso, Snyder (1984) considera que as crenças, sobre si mesmo ou os outros, estão relacionadas no início e na orientação das tomadas de decisões, envolvidas ativamente nas interações sociais e interpretações sobre os eventos (acontecimentos). Há décadas, o estudo acerca das crenças tem sido objeto de interesse dos pesquisadores (Sprecher, Wenzel, & Harvey, 2008). A propósito, tem-se verificado que o curso dos eventos na vida das pessoas e/ou sociedades podem sofrer influências em razão das crenças, inclusive, transformando falsas expectativas em realidade, ao menos para aquele(s) que as internalizam e buscam comprovar sua veracidade (Sardogan, 2014).

Logo, as crenças que os parceiros românticos constroem dizem respeito ao que julgam como essencial para o sucesso do relacionamento. Por assim dizer, os eventos iniciais que surgem a partir de interações e/ou percepções, são filtradas pelas crenças que avaliam o nível de congruência entre o que se desejava obter (ideal) e o que se tem (real). De forma ilustrativa, uma pessoa que acredita na premissa que o grande amor romântico será aquele (a) que apresentará, desde o primeiro momento de interação, compatibilidade com suas preferências (e.g., bom humor, sociável, solidário). Ao supostamente perceber que obteve esta

experiência, a interpretará como um evento atípico, singular, especial, incomum a outras experiências, atribuindo então, ênfase às expectativas e avaliações positivas, uma vez que demonstram congruência com as crenças pré-estabelecidas. Portanto, os padrões ideais que alguém mantém para uma experiência romântica única e bem-sucedida, em parte, determinam a relevância atribuída a eventos e percepções iniciais particulares (Hefner, 2019).

Nesses termos, as crenças românticas auxiliam a interpretar o que significa sentir-se confortável, realizado e protegido para estabelecer uma relação a longo prazo. Pode-se pensar então que as crenças de relacionamento são como óculos que colorem e filtram a percepção dos eventos iniciais, à medida que acontecem, atribuindo-lhe significados. Assim, as interpretações acerca dos eventos ficam a depender das estruturas cognitivas constituídas de crenças (Papp, Liss, Erchull, Godfrey, & Waaland-Kreutzer, 2017). Afirma-se então que o estudo das crenças é imprescindível para os relacionamentos românticos, pois permitirá identificar a interdependência entre o desejável e o vivenciado. Apesar disso, um número expressivo de estudos sobre crenças de relacionamentos românticos tende a explorar as relações a longo prazo, negligenciando seu papel potencial prévio na iniciação do relacionamento (Knee & Bush, 2008).

É oportuno e até mesmo indispensável observar que as crenças pré-estabelecidas atribuídas aos relacionamentos românticos desempenham um papel fundamental na: (a) avaliação da relação, dependendo de como se percebe o parceiro a partir de um ideal; (b) interpretação otimista de como os eventos são percebidos e vivenciados no início do relacionamento; (c) disfuncionalidade que pode levar a pessoa a interpretar as experiências de relacionamento de maneira prejudicial, e (d) interferência implícita de como a estabilidade das impressões e dos problemas orientam a maneira pela qual o significado é atribuído a novas experiências (Sprecher et al., 2008).

Esses papéis das crenças têm muito a dizer sobre como os mesmos eventos, em

relacionamentos relativamente novos, passam a ser interpretados de diferentes maneiras, afetando nas atribuições, avaliações e resultados do relacionamento. O termo “crença” é bastante consolidado na psicologia e seu estudo é de relevância fundamental para o desenvolvimento teórico da psicologia social (Krüger, 2013). Sua formação ocorre de forma individual, sendo assim, deve-se levar em consideração seu grau de aceitação subjetiva, uma vez que se relacionam com os demais processos, conteúdos e estados psicológicos, influenciando nas tomadas de decisões, bem como nas condutas sociais. Apesar das crenças serem constituídas individualmente, são transmitidas socialmente, por meio das experiências coletivas, podendo influenciar, ainda que inconscientemente, as práticas sociais, projetos de futuro pessoal, assegurando sentido à existência.

Diante disso, no entendimento de Angel (2017), as crenças são conceituadas como representações mentais, relacionando-se com os processos cognitivos, afetivos, motivacionais e de ações. Nesta direção, têm origem na experiência individual e se manifestam de forma objetiva, isto é, mediante a linguagem oral e escrita, que por meio do processo de socialização, novas crenças vão sendo adicionadas às já existentes, dando origem a novos sistemas de crenças. Este processo ocorre pela via de origem interna, resultante da cognição (e.g., pensamento, imaginação, memória) e a via externa que é a percepção, subsidiada pelas sensações (Krüger, 2013). As crenças podem ser classificadas, entre outros critérios, de forma funcional e temporal. Em termos funcionais e aplicáveis às pesquisas científicas destacam-se as crenças descritivas, interpretativas e explicativas. Para interesse da presente tese, cabe-se concentrar nas explicativas, uma vez que buscam identificar relações funcionais entre variáveis independentes e dependentes.

É interessante destacar que a construção das crenças acerca do amor romântico difere daquelas referentes a objetos físicos, pois existe um vínculo entre pensamentos e comportamentos, além de causar mudança real nas interações sociais. Em termos práticos, as

crenças formuladas acerca do grande amor romântico podem exercer implicações cognitivas, afetivas e comportamentais da pessoa que as formula, bem como, na maneira como o outro (alvo) irá respondê-las. Ademais, as crenças de caráter interpessoal exercem um papel ativo na mudança da realidade social, emergindo a necessidade de conhecer os fatores a elas subjacentes.

A partir desta leitura, é adequado considerar a interferência dos valores humanos na construção e manutenção desse tipo de crenças, uma vez que as ações humanas são movidas com base nas prioridades valorativas que são adotadas no decorrer da vida. De forma coesa, adotarão os valores em caráter funcional que guiam os comportamentos humanos e expressam cognitivamente suas necessidades, sendo então peças fundamentais no desenvolvimento do pensamento e ação dos indivíduos (Gouveia, 2013; 2016). Logo, são princípios-geral que guiam as pessoas de forma transcendental, isto é, não se centram em situações, objetos e instituições específicos, mas a vida do indivíduo como um todo (Gouveia, 2016).

Ademais, de acordo com a *teoria funcionalista dos valores*, modelo teórico adotado na presente tese, existem dezoito valores alocados dentro de uma estrutura que representa seis valores básicos (i.e., normativa, representada por obediência, religiosidade e tradição), presentes nos indivíduos, independente da cultura (Soares, 2015). Presume-se, porém, a possibilidade de variação das prioridades valorativas pelas culturas/indivíduos em razão da dimensão espaço-temporal, isto é, os acontecimentos político-econômicos, em consonância com as experiências pessoais, acumuladas ao longo dos anos, fornece abertura a novas informações, possibilitando a mudança nas prioridades valorativas e, conseqüentemente das crenças e dos comportamentos (Gouveia, 2016).

Sob este entendimento, as crenças formuladas acerca do amor podem sofrer mudanças por fatores vinculados às prioridades valorativas (individual e/ou coletivo), bem como, as experiências pessoais (e.g., desilusões, traições, incompatibilidades). Verificar tal interação

torna possível apreciar aquilo que decorre das crenças (efeitos) ou resulta delas (causa; Snyder, 1984). Aplicando isso à área da psicologia social, Krüger (2013) considera-se imprescindível o estudo acerca das crenças, assim como o desenvolvimento de instrumentos para identificá-las, dado que podem ser ferramentas de informações para a prática profissional (e.g., anamnese, diagnóstico, prognóstico). Pois, as crenças possibilitam a interpretação da realidade na qual os indivíduos estão inseridos, mas também os orienta acerca das condutas e posicionamentos, visando o ajustamento social.

Essa linha de raciocínio demonstra a relevância do estudo dos valores e das crenças, para tanto, incita a elaboração de questões essenciais a respeito, por exemplo: quais variáveis individuais e sociais oferecem sustentação às crenças do grande amor romântico? Existe um padrão de fatores subjacentes que fomentam e influenciam na manutenção das crenças acerca do grande amor romântico? Intencionando responder esses questionamentos, esta tese objetiva, precisamente, verificar um conjunto específico de variáveis psicossociais, a saber, personalidade sombria e luminosa, valores humanos, bem-estar (e.g., positividade, satisfação com a vida e afetos) e os componentes do amor romântico, dado que pesquisadores têm dedicado grandes esforços em demonstrar que essas variáveis têm desempenhado um papel significativo na formação, manutenção e ruptura dos relacionamentos românticos (Barros, Soares, & Hernandez, 2019; Caprara, Alessandri, & Caprara, 2019; Ekas, Timmons, Ghilain, & Alessandri, 2015). Logo, a presente tese foi desenvolvida pautada no seguinte questionamento: quais variáveis psicológicas subsidiam as crenças acerca do grande amor romântico? Para isto, o objetivo geral é verificar em que medida as variáveis psicológicas (individuais e sociais) se relacionam com as crenças acerca do grande amor romântico.

Dito isto, a tese está estruturada em três artigos e uma conclusão geral. No *Artigo 1*, de natureza teórica, se objetiva realizar uma apresentação dos principais modelos teóricos que estudam o amor romântico na psicologia social, e recortar aspectos que sustentam a criação

das crenças que permeiam a figura do grande amor romântico. Na sequência, o *Artigo 2*, de natureza empírica, tem por objetivo conhecer as crenças no grande amor romântico, para isto, foi desenvolvida uma medida com evidências de validade fatorial, convergente e consistência interna (Escala de Crenças do Grande Amor Romântico; ECGAR), para isto, realizou-se um mapeamento de construtos que estão fortemente relacionados com os relacionamentos românticos. Por fim, o *Artigo 3*, de natureza também empírica, objetivou testar os efeitos moderadores dos valores sociais (normativa e interativa) na relação entre os componentes do amor (intimidade, paixão e compromisso) e as crenças do grande amor romântico. Quanto à *Conclusão geral*, apresenta-se um panorama dos três artigos, destacando seus principais achados, limitações, como também, apontando sugestões para estudos futuros.

ARTIGO 1

**O GRANDE AMOR ROMÂNTICO: PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E
CONCEITUAIS¹**

**THE GREAT ROMANTIC LOVE: THEORETICAL AND CONCEPTUAL
PRESUPPOSITIONS**

**EL GRAN AMOR ROMÁNTICO: PRESUPUESTOS TEÓRICOS Y
CONCEPTUALES**

Título Abreviado: ESTUDOS SOBRE O GRANDE AMOR ROMÂNTICO

Nájila Bianca Campos Freitas

Valdiney Veloso Gouveia

Universidade Federal da Paraíba

¹Artigo submetido para publicação na revista Estudos em Psicologia

Resumo

O amor romântico é um componente que se manifesta na vida da maioria das pessoas. Compreendê-lo demanda um esforço maior, em razão de suas divergências teóricas e metodológicas. É provável que o grande amor romântico não se configura como algo presente, vivido, mas idealizado, por isso, não tendo sido consumado e gerando expectativas positivas, cria-se um conjunto de crenças que o torna, único, incomum. Nesta direção, o presente artigo buscou introduzir as características acerca das crenças do grande amor romântico, tomando como aportes modelos teóricos da Psicologia Social. Diante disso, consideraram-se as crenças acerca do grande amor a partir dos componentes ideal romântico, equilíbrio e durabilidade, autorrealização e aspectos sociais, atrelando a isso variáveis intrínsecas e extrínsecas e suas implicações, na formação das crenças acerca do grande amor romântico.

Palavras-chave: crenças; grande amor, relacionamento, psicologia social.

Abstract

Romantic love is a component that manifests itself in most people's lives. Understanding it requires a bigger effort due to its theoretical and methodological divergences. It is likely that great romantic love is not something present, lived, but idealized, therefore, having not been consummated and generating positive expectations, a set of beliefs is created that makes it unique, unusual. In this direction, this article seeks to introduce the characteristics of the beliefs of great romantic love, taking as theoretical models of Social Psychology. Therefore, the beliefs about great love were considered from the components of romantic ideal, balance and durability, self-realization and social aspects, linking to these intrinsic and extrinsic variables and their implications, in the formation of beliefs about great romantic love.

Keywords: beliefs; great love, relationship, social psychology.

Resumen

El amor romántico es un componente que se manifiesta en la vida de gran parte de las personas. Comprenderlo exige un gran esfuerzo, debido a sus diferencias teóricas y metodológicas. Es probable que el gran amor romántico no se configura como algo presente, vivido, sino idealizado, por lo tanto, al no haber sido consumado y generar expectativas positivas, crea un conjunto de creencias que lo hace, único, inusual. En esta dirección, el presente artículo buscó introducir las características sobre las creencias del gran amor romántico, teniendo como insumos los modelos teóricos de la Psicología Social. En vista de ello, las creencias sobre el gran amor fueron consideradas desde los componentes románticos ideales, el equilibrio y la durabilidad, la autorrealización y los aspectos sociales, vinculando las variables intrínsecas y extrínsecas y sus implicaciones en la formación de las creencias sobre el gran amor romántico.

Palabras clave: creencias; gran amor, relación, psicología social.

Introdução

João sentou logo atrás de Júlia na aula de música. Para João foi amor à primeira vista. Desde a primeira vez que a viu, ele não conseguia esquecê-la. Porém, certo dia João foi decepcionado quando viu Júlia saindo da aula acompanhada do seu namorado. A possibilidade de um relacionamento romântico entre João e Júlia tinha acontecido somente na mente dele. Nesta situação, João após conversar e conhecer melhor Júlia, descobriu que gostava dela, porém não a amava de verdade.

Marvin e Laura estudaram juntos todos os anos escolares anteriores à faculdade. Laura amava o sorriso, o cabelo e os momentos que passava com Marvin. Ela passava muito tempo sonhando com o romance com Marvin. Os anos e interações fizeram com que Laura despertasse um sentimento de amor por Marvin, porém ela nunca expôs seus sentimentos para ele. Após concluírem o ensino médio, eles foram estudar em cidades distantes e, passado um tempo, Marvin começou a namorar outra pessoa. Ainda assim, Laura manteve a sensação de que Marvin foi seu grande amor, o que a fez mantê-lo em suas lembranças, as quais foram protegidas com muitos sentimentos de amor.

Arthur e Clara eram vizinhos e conviviam desde criança, o que os fez se tornarem melhores amigos e confidentes. Durante a adolescência e início da vida adulta, ambos tiveram relacionamentos amorosos com outras pessoas, porém sempre terminavam. Os anos se passaram, eles concluíram a faculdade e foram promovidos aos empregos que desejavam. Para celebrar tudo isso, ambos resolveram fazer uma viagem e foi nesta ocasião que perceberam que o que sentiam um pelo outro, mais do que amizade, era amor. Eles conheciam os defeitos e qualidades um do outro, sabiam como era enfrentar as situações ruins e boas. Diante de tudo isso, ambos acreditavam que não haveria outra pessoa capaz de superar o grande amor que sentiam um pelo outro.

Os cenários apresentados acima ilustram histórias verdadeiras (com nomes fictícios)

que são frequentemente vivenciadas pelos indivíduos, para alguns de forma prazerosa, mas para outros de maneira dolorosa. Seja qual tenha sido a história de amor, relacionar-se com o outro é algo preponderante na vida da maioria dos indivíduos. Especificamente, no que se refere aos relacionamentos amorosos, é possível que no decorrer do tempo estes assumam direções diferentes das planejadas no início da relação, o que pode acontecer em razão de vários fatores, como instabilidade dos sentimentos, mudanças de expectativas, surgimento de novos interesses particulares.

Talvez um dos problemas inerentes aos relacionamentos compreenda a confusão que por vezes se estabelece entre gostar e amar. Alguns autores têm indagado se são as mesmas coisas e, se não, como podem estar relacionados (Hendrick & Hendrick, 1986; Sternberg, 1997). No âmbito da Psicologia Social, o amor romântico foi inicialmente abordado por Zick Rubin (1970) ao se dedicar em diferenciar os termos amar e gostar; então o amor foi definido como uma atitude em relação a uma pessoa em particular que envolveria uma predisposição para pensar, sentir e se comportar em relação a essa pessoa, enquanto que o gostar teria duas dimensões: afeição e respeito (Hernandez, 2015).

Sternberg (1987), por sua vez, comparou alguns modelos teóricos acerca do tema e resumiu a relação entre gostar e amar em três formas: (1) estão inseridos em uma mesma escala unidimensional, porém são quase que independentes um do outro; (2) correspondem a conjuntos sobrepostos, compartilhando alguns atributos (e.g., amizade), mas outros são exclusivos de cada um (e.g., amar deve envolver paixão, compromisso); e, por fim, (3) gostar é um subconjunto do amor, sendo este uma entidade de multicomponentes, que vai além do gostar.

O amor romântico é um componente que está presente desde os primeiros anos de vida das pessoas (França, Natividade, & Lopes, 2016). Ele é descoberto das mais diversas formas e em distintos lugares; por exemplo, quando criança ele se faz presente nas amizades da

vizinhança e nas brincadeiras na escola, na adolescência ou vida adulta vem à tona por meio de grupos sociais que são formados, em festas, no trabalho, na universidade, nos encontros de amigos ou, mais recentemente, nas redes sociais (e.g., *Facebook, Instagram*).

Sternberg (1987) considera que gostar e amar são como rótulos aplicados a uma variedade de fenômenos inter-relacionados e não como distintos cujas complexidades desafiam a análise científica. É certo que a experiência do amor pode ser fragmentada, porém independente da forma, lugar ou momento, a maioria das pessoas já teve ou espera encontrar alguém a quem possa com muita felicidade e confiança dizer: *Você é o meu grande amor!* E isso é influenciado em razão da sua representação ao longo da história, a partir da mitologia, da literatura clássica (e.g. *Bela Adormecida, Romeu e Julieta*), de filmes, músicas ou experiências vividas ao longo da vida pelo próprio indivíduo ou outras pessoas próximas a ele (Montañés, Megías, & Moya, 2015; Rodríguez-Santero, Muñoz, & Gálvez, 2017).

Independente do meio social, encontrar o grande amor envolve expectativas, quer seja da realidade vivenciada ou do idealismo construído, isto é, da imaginação criada pelo indivíduo (Sternberg & Barnes, 1985). Portanto, as expectativas criadas em relação ao outro são empregadas por Thibaut e Kelley (1959) como *nível de comparação*. Segundo estes autores, a comparação corresponde não somente às experiências vivenciadas pela própria pessoa ou por outras, mas também aquelas que são estimulantes para si.

Parece evidente, pois, que mesmo dois indivíduos vivenciem em níveis similares a experiência real do amor, o grande amor parece depender de outros fatores, especialmente do nível de comparação quanto ao outro ideal criado pelo(a) parceiro(a) (Sternberg & Barnes, 1985). Logo, viver um grande amor se refere não apenas a sentimentos experimentados, a compatibilidade de personalidades, gostos e expectativas frente ao futuro, mas, para além disso, está atrelado a atributos desejáveis que se presume que o(a) parceiro(a) possua (Gonçalves et al., 2018). Não obstante, os parceiros podem desfrutar de uma relação

satisfatória, caso a discrepância (i.e., o nível de comparação entre o amor vivenciado e o ideal) seja semelhante para ambos. Deste modo, a qualidade do amor parece depender do grau de comparação constituído por meio das percepções formadas acerca do outro real e ideal (Hoffmeister, Carvalho, & Marin, 2019).

Frente ao que se comentou até aqui, parece pertinente o seguinte questionamento: como pode ser definido o grande amor romântico? O presente artigo tem como objetivo precisamente identificar as características acerca das crenças acerca do grande amor romântico, tomando como aportes modelos teóricos da Psicologia Social. Especificamente buscar-se-á apresentar os principais modelos teóricos vinculados à temática do amor romântico, procurando conceitua-lo e identificar possíveis variáveis com as quais o construto “grande amor” estaria associado.

Modelos Teóricos acerca do Amor Romântico

O amor é um fenômeno complexo que parece derivar, em parte, de instintos e impulsos transmitidos geneticamente, mas, provavelmente, também é aprendido da modelagem de papéis sociais que, por meio da observação, passa a nomear como amor determinadas vivências (Sternberg, 1986). Até o início do século XX a temática do amor atraía a atenção somente de poetas, compositores e filósofos, uma vez que ele era caracterizado em razão de sentimentos, impulsos, pensamentos e comportamentos direcionados à conquista do outro (Karandashev, 2015).

Entretanto, a partir do século XXI os estudos foram significativamente impulsionados mediante modelos teóricos que buscavam apresentar propostas a partir de perspectivas evolutiva, social ou cultural do amor (Sternberg & Weis, 2006). Especificamente no que se refere ao campo da Psicologia, os estudos iniciais foram introduzidos no âmbito da clínica, baseados em perspectivas psicanalítica (Freud, 1955) e humanista (Maslow, 1962/1954). Na perspectiva da psicanálise, Freud (1955), em sua Teoria Psicosexual, afirmou que o amor em

relação a um objeto externo ocorre apenas após a construção do ideal de ego do indivíduo, sendo configurado a partir daquilo que é observado como algo que falta ao indivíduo. Reike (1944), por sua vez, possuía uma visão um pouco diferente da teoria psicanalista tradicional, dado que considerava o amor como uma força motivadora, isto é, um interesse apaixonado por outra personalidade.

Maslow (1962/1954), a partir de uma perspectiva humanista, pensava que existiam dois tipos de amor: (a) *D-love* (*deficiency love* / amor deficiente), o qual correspondia ao sentimento de amor em relação à outra pessoa, que surgia com o objetivo de sanar as próprias deficiências; e (b) *B-love* (*being love* / amor do ser), tido como o que ocorre entre pessoas autorrealizadas, que podem amar outras pessoas pelo que elas são de fato.

Estes modelos teóricos foram importantes para o aprofundamento e a elaboração de outras teorias do amor, bem como de métodos para avaliá-lo, sobretudo no campo da Psicologia Social. Deste modo, entre as teorias que já podem ser consideradas clássicas, destacam-se: (1) Teoria dos Estilos do Amor (Hendrick & Hendrick, 1986, 2006; Lee, 1977); (2) Teoria do Apego e o Amor Romântico (Shaver, Hazan, & Bradshaw, 1988); (3) Teoria Triangular do Amor (Sternberg, 1986; Sternberg & Weis, 2006); e (4) Teoria Tetrangular (Yela, 1998; 2000), as quais serão, brevemente, apresentadas a seguir.

Teoria dos Estilos do Amor

A Teoria dos Estilos de Amor foi desenvolvida por Lee em 1970 a partir do fundamento que considerava o amor como algo apreendido. Deste modo, este autor, no intuito de categorizar os estilos do amor, realizou inicialmente um levantamento acerca da palavra amor em filmes e livros de romance, da psicologia e filosofia. Em seguida, os categorizou em diferentes estilos que, posteriormente, foram aplicados e confirmados mediante entrevistas com uma amostra de heterossexuais e homossexuais.

Para abranger a quantidade dos estilos de amor, Lee (1977) tomou por base a metáfora

da roda de cores (cores primárias dão origem a cores diferentes). Nesta direção, os estilos de amor primário corresponderiam a cores primárias: *Eros*, *Ludus* e *Storge*, que poderiam ser combinados para dar origem três estilos secundários de amor, cada uma correspondendo a uma cor secundária: *Mania*, *Pragma* e *Ágape*.

Acerca dos estilos primários de amor, *Eros*: as pessoas têm em conta o amor a partir da atração que sentem pelo outro, especialmente, em função da aparência física, apresentam intensidade, imediatismo e gostam de expressar seu prazer em estar com o outro de forma verbal e tátil; *Ludus*: as pessoas veem o amor como forma de diversão e ausência de compromisso com um único parceiro, logo, sentem atração por diferentes pessoas e não se sentem inibidos em se relacionar com todas ao mesmo tempo; *Storge*: as pessoas consideram que o amor surge por meio do conhecer intimamente o outro, antes de sexualmente, nesse sentido é uma relação demarcada sobretudo por aspectos de intimidade em detrimento a questões físicas (Cassepp-Borges & Ferrer, 2019).

Já os estilos secundários do amor, *Mania*: junção de *Eros* e *Ludos*, refere-se a um amor obsessivo, possessivo e ciumento, que desenvolve a paixão e dependência de forma intensa; *Pragma*: junção de *Storge* e *Ludus*, retrata o amor por compatibilidade, isto é que se adequa aos padrões sociais (e.g., idade, religiosidade, visão política) e *Ágape*: junção do *Eros* com o *Storge*, corresponde a um amor altruísta, no qual a pessoa está disposta a doar-se, ser gentil, cuidadoso e atencioso sem esperar nada em troca (Lee, 1977).

Lee (1977) estimava que a partir das experiências pessoais, os estilos de amor poderiam variar de um para outro no decorrer da vida. De fato, ele pensava que tais estilos eram constituídos mediante aspectos sociais (e.g., papéis de gênero, diferenças culturais, experiências amorosas anteriores ou atuais), não sendo algo genético. Contudo, apesar de suas contribuições, era necessário comprovar empiricamente a estrutura proposta de seis tipos ou estilos de amor, validando-os em diferentes contextos. Em virtude disso, Hendrick e

Hendrick (1986, 2006) introduziram o conceito de atitude para a identificação dos estilos propostos por Lee (1977), tornando-os consistentes e passíveis de verificação empírica. Nesta direção, estes autores desenvolveram a *Love Attitudes Scale* (LAS), composta por 42 itens igualmente distribuídos entre os seis estilos de amor. Esta medida foi adaptada ao contexto brasileiro por Neto et al. (2000) e Cassep-Borges (2010).

A Teoria Triangular do Amor

A Teoria Triangular do Amor foi elaborada por Robert J. Sternberg, quem procurou abordar tanto a natureza do amor quanto à variedade de amores em vários tipos de relacionamentos. Deste modo, este autor postulou que o amor poderia ser entendido em termos de um modelo tripartite, formado pelos componentes: (1) *intimidade*: sentimentos de proximidade, conexão e vínculo nos relacionamentos amorosos; (2) *paixão*: impulsos que induzem ao envolvimento romântico, atração física e relação sexual; e (3) *compromisso/decisão*: decisão de amar alguém (relacionamento de curto prazo) e o compromisso de manter o amor (relacionamento de longo prazo; Sternberg, 1986, 1997). Procurando tornar mais facilmente compreensível seu modelo, Sternberg tomou em conta conceitos da geometria; especificamente, considerou a figura de um triângulo cujos vértices representariam cada um dos componentes do amor.

O modelo triangular assegura que a combinação dos componentes formam sete tipos de amor, a saber: *gostar* (intimidade), *paixão* (paixão), *amor vazio* (comprometimento), *amor romântico* (intimidade + paixão), *amor companheiro* (intimidade + comprometimento), *amor inconsequente* (paixão + comprometimento) e *amor consumado* (intimidade, comprometimento e paixão). Por exemplo, o amor romântico se revela com o desejo de estar junto, já o amor companheiro é expresso por meio da amizade e permanência na relação de casal, ainda que não exista o componente da paixão (Sternberg, 1997). Deste modo, estima-se que cada indivíduo possua seu triângulo amoroso e um relacionamento bem sucedido

dependerá da compatibilidade dos triângulos dos parceiros, os quais permitirão a evolução e/ou modificação da relação ao longo do tempo (Hernandez, 2016).

A combinação e o equilíbrio dos três componentes do amor revela um amor consumado, já a escassez desses revela a ausência de amor. A experiência do amor pode ser fragmentada de várias maneiras, sendo por isso importante notar desde o início que a presente partilha em intimidade, paixão e compromisso não é a única possível, nem é válida para todos os fins. O grau de importância destes componentes do amor pode mudar ao longo do tempo dentro de um relacionamento, bem como nos diferentes relacionamentos que as pessoas formam (Sternberg, 1986).

Para mensurar os componentes do amor, Sternberg (1997) elaborou a *Triangular Love Scale* (Escala Triangular do Amor), originalmente em inglês e composta por 45 itens. A primeira tentativa de sua adaptação ao contexto brasileiro foi realizada já nos anos 1990 (Hernandez, 1999), embora em anos subsequentes versões diferentes e, inclusive, mais reduzidas, foram propostas, mostrando evidências satisfatórias de validade fatorial e consistência interna (Cassepp-Borges & Teodoro, 2007; Gouveia, Fonsêca, Cavalcanti, Diniz, & Dória, 2009).

Este modelo se configura como um dos mais importantes na área da psicologia, tendo sido amplamente aplicado em diversos estudos (Askarpour & Mohammadipour, 2016; Hernandez, 2016; Sabiniewicz, Borkowska, Serafińska, & Sorokowski, 2017). Porém, o instrumento e a teoria precisam ser revistos e ampliados, uma vez que a escala apresenta variabilidade quanto aos seus componentes (Cassepp-Borges & Teodoro, 2007; Gouveia et al., 2009; Hernandez, 2016). Possivelmente, estes questionamentos impulsionaram novas tentativas de elaboração teórica, como a que se descreve a seguir.

Teoria Tetrangular do Amor

Em razão de algumas limitações identificadas na *Teoria Triangular do Amor* (e.g.,

inconsistência dos componentes), Yela (1998, 2006) propôs a Teoria Tetrangular do Amor. Especificamente, ele sugeriu que o componente paixão deveria ser subdividido em dois, ficando seu modelo assim definido: *paixão romântica*, *paixão erótica*, *intimidade* e *compromisso*. A *paixão romântica* estaria relacionada com a idealização do outro e da relação, pautado na crença de uma viver algo “mágico”, constituindo o amor como onipotente e um meio para a felicidade; a *paixão erótica* seria regida por aspectos como o desejo sexual e a atração física, as quais seriam retidas a partir dos estímulos recebidos por fatores internos e externos ao indivíduo; a *intimidade* corresponderia a reciprocidade, manifestada por meio de apoio afetivo, compreensão, comunicação, confiança e conforto ao lado do parceiro(a), os quais se desenvolveriam a partir da convivência/interação entre o casal e, com o passar do tempo, se tornariam mais consolidados; e, por último, o *compromisso* se referiria à decisão de permanecer na relação, independente de conflitos e crises geradas na dinâmica amorosa (De Andrade, Wachelke, & Howat-Rodrigues, 2015).

No bojo de sua teoria do amor, Yela (2006) considera que o processo da felicidade no contexto relacional estaria atrelado a um conjunto de variáveis (e.g., biológicas, histórico-sociais, demográficas, psicológicas), apresentando três fases contínuas que os relacionamentos amorosos percorreriam: o *enamoramento*: fase inicial e breve, bastante evidenciada pelo componente paixão erótica, na qual o casal tenderia a experimentar emoções intensas de desejo um pelo outro, ficando o componente compromisso à deriva; o *amor passionai*: caracterizada pelo crescimento da paixão romântica, intimidade e do compromisso; e, por fim, o *amor companheiro*: fase de reorganização dos componentes em que a intimidade e o compromisso se tornariam cada vez mais notórios no decorrer da relação, enquanto que a paixão romântica e a paixão erótica assumiriam menor importância.

Yela (1996) considera que reconhecer essas fases é fundamental para que as pessoas compreendam que os relacionamentos amorosos, assim como as demais dimensões da vida

humana, perpassam por mudanças ao longo do tempo. Tendo isso em conta, poder-se-ia ponderar as expectativas, as falsas crenças ou as desinformações que, por vezes, conduzem a frustrações de processos que deveriam ser encarados como absolutamente esperados e normais (e.g., diminuição da paixão erótica no decorrer dos anos).

Por fim, com o propósito de comprovar empiricamente esses apontamentos, Yela (2006) construiu a *Escala Tetrangular do Amor (ETA)*, tomando por base diversos estudos (e.g., Sternberg, 1997). A ETA foi originalmente composta por 60 itens, tendo sido posteriormente reduzida a 20 itens, sendo cinco para representar cada um de seus componentes (Yela, 2006). Esta escala foi adaptada ao contexto brasileiro por Gouveia, Carvalho, Santos e Almeida (2013), os quais reuniram evidências satisfatórias de validade fatorial, consistência interna e invariância fatorial em relação ao sexo dos respondentes.

Teoria do Apego Romântico

Psicólogos sociais e antropólogos apresentaram taxonomias de diferenças individuais (e.g., estilos de amor de Lee, componentes do amor de Sternberg) para caracterizar a variabilidade de como as pessoas abordam os relacionamentos amorosos (Fraley & Shaver, 2000). Embora tais estudos tenham sido fundamentais para a temática do amor, Hazan e Shaver (1994) apontaram que não apresentavam estruturas teóricas convincentes para explicar os fenômenos normativos do amor (diferenças individuais). Nesta direção, estes autores recorreram à Teoria do Apego, construída por J. Bowlby, elaborada com base em critérios funcionalistas e etológicos, apresentando o vínculo emocional entre os bebês e seus cuidadores (Bowlby, 2002). Suas ideias asseguravam que o apego era um componente importante durante o percurso da vida humana, isto é, do berço até a morte.

De acordo com a Teoria do Apego, as pessoas experimentam um turbilhão de emoções intensas durante a formação, manutenção, ruptura e renovação das relações de apego. Dito de outro modo, elas vivenciam ansiedade em situações em que se sentem ameaçadas em perder

alguém importante, logo experimentam a tristeza quando realmente a perdem e, do contrário, segurança e alegria, respectivamente, em razão da manutenção do vínculo. De fato, com o desenvolvimento de estudos acerca da interação bebê e cuidador, outros pesquisadores ampliaram a compreensão da natureza e etiologia da solidão e do amor em adultos (Fraley & Shaver, 2000). Por exemplo, identificaram que pessoas que relataram problemas de relacionamentos durante a infância tendiam a serem adultos mais solitários e apresentavam comportamentos de distanciamento ou excessiva dependência de seus parceiros românticos (Rubenstein & Shaver, 1982; Shaver & Hazan, 1987; Weiss, 1973).

Em razão do anteriormente comentado, Hazan e Shaver (1987) formularam a Teoria do Apego Romântico com o intuito de dispor de um modelo teórico unificado que possibilitasse o entendimento do desenvolvimento, a manutenção e a dissolução das relações íntimas, assim como da personalidade, da regulação emocional e da psicopatologia (Shaver & Hazan, 1988; Shaver, Hazan, & Bradshaw, 1988). Eles conceituaram o amor romântico como um processo de apego, seguindo a mesma sequência das etapas de desenvolvimento e resultando nos mesmos tipos de diferenças individuais (e.g., vinculação entre pais e filhos).

Hazan e Shaver (1987) apresentaram quatro pressupostos que sustentam seu modelo teórico: (1) a dinâmica emocional e comportamental das relações românticas entre adultos, assim como as relações entre o bebê e o cuidador, são governadas pelo mesmo sistema biológico; (2) os tipos de diferenças individuais observadas nas relações entre o bebê e o cuidador – padrões de apego descritos por Ainsworth (1979): seguro, ansioso, ambivalente e ansioso/evitador – são semelhantes aos observadas nos relacionamentos amorosos (estilos de amor); (3) diferenças individuais no comportamento do apego adulto são reflexos das expectativas e crenças que as pessoas formaram sobre si mesmas e seus relacionamentos íntimos com base em suas histórias de apego; e, por fim, (4) o amor romântico envolve a interação de três sistemas comportamentais: apego, cuidado e sexo.

Por último, é importante frisar que a partir de critérios evolutivos, a teoria do apego considera que o ser humano possui vários sistemas de comportamentos que aumentam a possibilidade de sobrevivência e o sucesso reprodutivo. Deste modo, o sistema de apego estabelece uma função importante com os demais (e.g., acasalamento, cuidado). Nesta direção, a Teoria do Apego Romântico agregou contribuições à temática do amor ao inserir a influência da Psicologia Evolutiva, tornando um marco teórico importante para a Psicologia do Desenvolvimento e, inclusive, a Psicologia Social (Shaver & Mikulincer, 2006).

Relação entre o grande amor romântico e os modelos teóricos

Nos modelos teóricos previamente descritos é possível encontrar indícios que levam a pensar em algo como o grande amor romântico, considerando-o que está vinculado a um sistema de crenças, representados pelos aspectos: ideal romântico (Freud, 1955; Yela, 1998, 2006), equilíbrio e durabilidade (Sternberg, 1986, 1997) e autorrealização (Maslow, 1962/1954), os quais são influenciados em decorrência dos aspectos sociais. É provável que essa ideia de grande amor romântico estabeleça um único alvo ou fonte, comumente não disponível. Em relação ao ideal romântico, refere-se a um conjunto de crenças sobre o poder do amor e a perfeição do romance (Buyukcan-Tetik, Campbell, Finkenauer, Karremans, Kappen, 2017). Portanto, diz respeito às expectativas sobre como um relacionamento amoroso deve se formar, desenvolver, funcionar e ser mantido, ao menos idealmente (Karandashev, 2015).

A constituição desse ideal romântico (ou grande amor) é geralmente composta por quatro temas, a saber: (1) o amor pode ignorar falhas; (2) o amor pode procurar aquele companheiro perfeito; (3) o amor pode acontecer instantaneamente; e, por último, (4) o amor pode superar todos os obstáculos (Weiser, Hilliard, & Knox, 2018). No plano social, este grande amor romântico corresponde a crenças compartilhadas que existem em uma cultura e que se estendem além das preferências individuais. Tais crenças se desenvolvem e são

reforçadas por instituições culturais, como escolas, igrejas e mídia (Fisher & Garcia, 2019).

Acerca do equilíbrio e da durabilidade do amor, Sternberg (1986) os considera a partir da analogia da figura geométrica do triângulo, denominando cada uma de seus vértices de componentes do amor: *intimidade*, *paixão* e *compromisso*. A inter-relação destes componentes forma oito possibilidades de amor: (1) ausência de amor, (2) gostar, (3) amor apaixonado, (4) amor vazio, (5) amor romântico, (6) amor companheiro, (7) amor tolo e (8) amor consumado. Poder-se-ia associar o grande amor ao amor consumado, uma vez que este diz respeito ao amor completo que resulta da combinação dos três componentes. Contudo, apesar de Sternberg (1986) pensar ser possível ter uma relação amorosa satisfatória nos três componentes, é difícil mantê-la, dependendo de como o casal conduzirá a relação e as situações nas quais estarão inseridos. Quanto maior a quantidade e equilíbrio dos componentes do amor que uma pessoa experimenta em relação à outra, mais consolidadas as áreas do triângulo amoroso e por isso será a relação do casal (Hernandez & Soares, 2013; Sternberg, 1986, 1997).

Maslow (1962/1954) não desenvolve uma concepção específica sobre o grande amor. Trata sobre a necessidade de pertença e amor, mas também discute sobre dois tipos de amor: amor do ser (*B-Love*) e amor deficitário (*D-Love*). Provavelmente, parece mais plausível conceber o amor do ser como conectado com a noção de um grande amor. Este tipo de amor traduz um afeto pautado na aceitação plena da outra pessoa; ama-se o outro pelo que é (ou acreditamos que seja), muito mais do que pelo que pode nos oferecer. Em princípio, comparado com o amor deficitário, o amor do ser é a forma mais saudável e sustentável deste afeto. Não obstante, talvez não se tenha a chance de viver ou alcançar plenamente este tipo de amor, ficando mais como um ideário humano.

Em razão do anteriormente comentado, é cabível conceber o grande amor como relacionado com a paixão romântica, no sentido que emprestou Yela (2006). Trata-se, pois,

de uma idealização do outro e da própria relação, o que tem fundamento na crença de viver algo “mágico”, constituindo o amor como algo onipotente e um meio para a felicidade. Contudo, talvez este amor não seja jamais consumado. Aliás, define-se uma nova modalidade de amor; quando se consuma o amor, na perspectiva de Sternberg (1986), maximizam-se os três vértices do amor. O grande amor, entretanto, não se configura como algo presente, vivido, mas idealizado; certamente teve uma vivência prévia que o fomentou, dando-o sentido, fazendo surgir seu ideário. Precisamente por isso, não tendo sido consumado e gerando expectativas positivas, criou-se um conjunto de crenças que o tornam na mente da pessoa o grande amor, o único amor. Nesta direção, é possível pensar no grande amor como algo não consolidado; uma espécie de amor vazio, experiências iniciais de uma relação que são idealizadas, vislumbrando algo mágico, irreal e coerente com as expectativas de cada um.

Correlatos do Amor Romântico

Acreditar no grande amor ou vivenciar uma relação amorosa são características pertencentes à espécie humana (Kapusta et al., 2018). Como apontado no decorrer deste artigo, o amor é compreendido a partir de diferentes perspectivas e está atrelado a aspectos intrínsecos (biológicos) e extrínsecos (ambientais) da existência humana. Amar pode ser representado em razão da sua intensidade. Por exemplo, mulheres casadas há mais de dez anos revelam que o amor intenso (desejo físico, envolvimento e intensidade) por seus parceiros vai além de possuir uma felicidade geral, sendo influenciado por pensamentos positivos acerca do parceiro, envolvimento em atividades novas e desafiadoras. Ademais, os casais em meio a problemas na relação podem apresentar um nível de satisfação baixo, mas continuarem a vivenciar interações sexuais e sentirem fortes sentimentos de amor, sobretudo por meio do contato físico (Barros, Soares, Hernandez, 2019; Hernandez, Costa, Ribeiro, Areias, & Santos, 2015).

O amar pode estar vinculado a características individuais. Por exemplo, pessoas que

possuem traços psicopáticos, maquiavélicos e narcisistas conceberão o amor romântico como uma experiência momentânea ou curta, prezando por uma distância emocional do outro. Portanto, por terem pouca empatia, vivenciam o amor de forma racional e não emocional (Ináncsi, Láng, & Bereczkei, 2015).

Em contrapartida, amar pode revelar um funcionamento psicossocial saudável, que tende a estar associado com o bem-estar psicológico (Love e Holder, 2016; Mognillansky & Nussbaum, 2017). Por exemplo, a satisfação com a vida pode ser fortemente predita em razão do amor companheiro, enquanto as emoções positivas são boas preditoras do amor apaixonado. Deste modo, sugere-se que a relação entre amor e felicidade não é simples; o amor se associa com emoções que requerem o envolvimento de diferentes componentes (e.g., uma pessoa pode estar muito satisfeita com sua vida em geral, mas viver situações de conflito com seu parceiro).

O ato de amar também pode promover mais sentido de vida. De fato, as pessoas tendem a ter mais sentido existencial quando estão amando, dado que o amor pode ser vivenciado com um fator de proteção, apoio afetivo, confiança e diálogo. Nesta direção, o amor, enquanto meta mais elevada da existência humana, tem em conta o outro como algo único e irrepetível (Aquino et al., 2012). Contudo, há que se dizer que se pode ter uma concepção não exclusivista do ato de amar; por exemplo, algumas pessoas podem ser favoráveis a se relacionar com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, apoiando ou mantendo uma relação poliamorosa (Kansky, 2018; Perez & Palma, 2018).. Esta visão mais pragmática e lúdica do amor o configura como algo liberal, menos atrelado às normas sociais (Hatakeyama, Almeida, & Falcão, 2017). O amor, neste caso, é algo pontual, não único, eterno ou exclusivo. Provavelmente esta seja uma visão contrária do grande amor (Nistal, 2019).

O amar pode estar vinculado a variáveis sociais, a exemplo dos valores humanos.

Neste caso, pessoas que se pautam por valores pessoais tenderão a priorizarem seus interesses individuais em razão da relação romântica, do contrário, pessoas que são guiadas mais por valores sociais darão mais ênfase ao parceiro(a) romântico e a relação, podendo até abdicar de seus vontades pessoais para favorecer ao outro (Gouveia & Guedes, 2017).

Diante desses apontamentos, parece evidente que o amor por si mesmo é considerado um fenômeno amplo, tendo múltiplos correlatos. Neste contexto, tem sido recorrente a ideia de que o amor tem a ver com sentido de vida e bem-estar, além de ser mais recorrente a concepção de exclusividade, isto é, a ideia de que se ama a uma pessoa por vez e que, talvez, o grande amor seja um evento único (Kansky, 2018). Por certo, mesmo sem ser consumado, esse grande amor ou a idealização de um amor, o lado romântico da paixão, presume-se que tenha potencial para despertar elementos positivos da vivência humana.

Conclusão e Direções Futuras

O presente artigo teórico teve como objetivo principal identificar características do grande amor romântico, visitando modelos teóricos da Psicologia Social. Estima-se que isso tenha sido alcançado, favorecendo pensar acerca da temática do amor romântico de forma diferente: tratando da experiência do que seria um grande amor. Embora seja tema recorrente em linguagem cotidiana, filmes e romances, pouco se sabe a respeito de forma sistemática. Não obstante, conjecturou-se que esse tipo de amor se traduz como uma forma idealizada, uma paixão romântica ou amor não consolidado, que, em razão de sua idealização e esperança de vivenciá-lo um dia, pode ter repercussão em dimensões do bem-estar humano.

Os estudos empíricos descritos que relacionaram o amor romântico com variáveis psicossociais parecem sustentar o anteriormente comentado. Neste marco, ainda que o amor romântico tenha sido inicialmente explorado apenas em termos poético-filosóficos, estudos recentes e o ensaio ora apresentado alarga a compreensão acerca de sua natureza (biológica, sociocultural), bem como dos benefícios e malefícios que esta experiência pode ter na vida

dos seres humanos. Neste cenário, conhecer acerca do grande amor romântico poderá ser relevante para preencher lacunas a respeito, levantando alguns de seus correlatos, como traços de personalidade (e.g., amabilidade, neuroticismo, sombrio), sociais (e.g., valores humanos, crença no mundo justo, estilos parentais), positivos (e.g., gratidão, positividade, sentido de vida) e relacionamentos amorosos (e.g., entusiasmo e busca de verdade nos relacionamentos amorosos, ciúme, satisfação conjugal).

Por fim, os apontamentos realizados previamente suscitam alguns questionamentos acerca do grande amor romântico, que merecem ser explorados em estudos futuros, a exemplo de saber: (1) como mensurá-lo, (2) de que forma se associam com os componentes intimidade, paixão e compromisso, (3) que variáveis psicossociais podem explicá-lo e, por fim, (4) que implicações podem ter para relacionamentos interpessoais presentes e futuros. Confia-se que este artigo ofereça algumas pistas, mas será preciso ainda muito esforço por conhecer mais detalhadamente o papel de um grande amor na vida das pessoas.

Referências

- Ainsworth, M. D. S. (1979). Attachment as related to mother-infant interaction. *Advances in the Study of Behavior*, 1–51. doi: [http://dx.doi.org/10.1016/s0065-3454\(08\)60032-7](http://dx.doi.org/10.1016/s0065-3454(08)60032-7)
- Aquino, T. A. A., Gouveia, V. V., Patrício, K. S. C., Silva, M. G. S., Bezerra, J. L. M., Souza Júnior, V. B., & Oliveira Neto, W. M. (2012). O amor entre jovens em tempos de ficar: Correlatos existenciais e demográficos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 32(1), 112-125.
- Askarpour, A., & Mohammadipour, M. (2016). Psychometric properties of Sternberg love scale. *Journal of Fundamental and Applied Sciences*, 8(4), 20-36. doi: <http://dx.doi.org/10.4314/jfas.v8i2s.164>.
- Barros, R. S. N., Soares, A. B., & Hernandez, J. A. E. (2019). Social skills, empathy, love, and satisfaction in the family life cycle. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 36, e180032. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-0275201936e180032>.
- Bowlby, J. (2002). *Apego: A natureza do vínculo*. (3ª ed.). São Paulo: Martins Fontes
- Buyukcan-Tetik, A., Campbell, L., Finkenauer, C., Karremans, J. C., & Kappen, G. (2017). Ideal Standards, Acceptance, and Relationship Satisfaction: Latitudes of Differential Effects. *Frontiers in Psychology*, 8. doi: <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01691>.
- Cassep-Borges, V. (2010). Amor e construtos relacionados: Evidências de validade de instrumentos de medida no Brasil. *Tese de doutorado*. Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- Cassepp-Borges, V., & Ferrer, E. (2019). Are We Missing the Circumplexity? An Examination of Love Styles. *Journal of Relationships Research*, 10, E21. doi: <http://dx.doi.org/10.1017/jrr.2019.13>.
- Cassepp-Borges, V., & Teodoro, M. (2007). Propriedades psicométricas da versão brasileira da Escala Triangular do Amor de Sternberg. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 513-

522. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79722007000300020>.

- De Andrade, A. L., Wachelke, J. F. R., & Howat-Rodrigues, A. B. C. (2015). *Relationship Satisfaction in Young Adults: Gender and Love Dimensions*. *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships*, *9(1)*, 19–31. doi: <http://dx.doi.org/10.5964/ijpr.v9i1.157>
- Fisher, H. E., & Garcia, J. R. (2019). Slow love: Courtship in the digital age. In R. J. Sternberg & K. Sternberg (Eds.), *The new psychology of love* (p. 208–222). Cambridge University Press.
- Fraley, R. C., & Shaver, P. R. (2000). Adult romantic attachment: Theoretical developments, emerging controversies, and unanswered questions. *Review of General Psychology*, *4(2)*, 132–154. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/1089-2680.4.2.132>.
- França, P. S. de, Natividade, J. C., & Lopes, F. de A. (2016). Evidências de validade da versão brasileira da Escala Amor do Marriage and Relationships Questionnaire (MARQ). *Psico-USF*, *21(2)*, 233–244. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-82712016210202>.
- Freud, S. (1955). Group psychology and the analysis of the ego. In: *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*. vol. IS. London: Hogarth.
- Gonçalves, M. P., Gouveia, V. V., Cavalcanti, T. M., Bezerra, C. C., Medeiros, É. D., Oliveira, G. F., Menezes, I. G., Alchieri, J. C., Silva, J. P., Oliveira, L. C., França-Freitas, M. L. P., Figueiredo, R. M. É., Cavalcanti, T. N., & Santos, W. S. (2018). Atributos desejáveis de parceiro ideal: Podem variar segundo o sexo e o lugar de residência? *Temas em Psicologia*, *26(3)*, 1221-1234. doi: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2018.3-04Pt>.
- Gouveia, V. V. & Guedes, I. O. (2017). Porque sei que é amor! Orientações axiológicas e atitudinais na escolha de realizações afetiva e profissional. (Relatório de pesquisa) Programa de Iniciação Científica – PIBIC. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB.

- Gouveia, V. V., Carvalho, E. A. B., Santos, F. A., & Almeida, M. R. (2013). Escala Tetrangular do Amor: Testando sua estrutura e invariância fatorial. *Psicologia: Ciência & Profissão*, 33(1) 32-45. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-98932013000100004>.
- Gouveia, V. V., Fonseca, P. N., Cavalcanti, J. P. N., Diniz, P. K. C., & Dória, L. C. (2009). Versão abreviada da Escala Triangular do Amor: Evidências de validade fatorial e consistência interna. *Estudos de Psicologia*, 14(1), 31-39.
- Hatakeyama, N. H., Almeida, T., & Falcão, D. V. S. (2017). Amor, relacionamentos amorosos e poliamor na perspectiva de jovens universitários e idosos. *Kairós*, 20(2). doi: <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2017v20i2p271-292>.
- Hatfield, E., & Walster, G. W. (1981). *A new look at love*. Reading, MA: Addison-Wesley.
- Hazan, C., & Shaver, P. (1987). Romantic love conceptualized as an attachment process. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(3), 511–524. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.52.3.511>.
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5(1), 1–22. doi: http://dx.doi.org/10.1207/s15327965pli0501_1.
- Hendrick, C., & Hendrick, S. S. (1986). A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 392-402. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.50.2.392>.
- Hernandez, J. A. E. (1999). Validação da estrutura da Escala Triangular do Amor: Análise fatorial confirmatória. *Aletheia*, 9, 15-26.
- Hernandez, J. A. E. (2015). Evidências de Validade de Construto da Escala de Componentes do Amor. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31(2), 249-257. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-37722015021828249257>.
- Hernandez, J. A. E. (2016). Análise fatorial exploratória e hierárquica da Escala Triangular do Amor. *Avaliação Psicológica*, 15. doi: <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2016.1501.02>.

- Hernandez, J. A. E., Costa, S. V., Ribeiro, J. R., Areias, C. A., & Santos, K. N. V. (2015). Autorrelatos do amor no ciclo vital adulto. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 15(2), 747-763.
- Hoffmeister, A., Carvalho, L. M., & Marin, A. H. (2019). Compreendendo o amor e suas expressões em diferentes etapas do desenvolvimento. *Revista Subjetividade*, 19(3). doi: <http://dx.doi.org/10.5020/23590777.rs.v19i3.e9529>.
- Ináncsi, T., Láng, A., & Bereczkei, T. (2015). Machiavellianism and adult attachment in general interpersonal relationships and close relationships. *Europe's Journal of Psychology*, 11(1), 139–154. doi: <http://dx.doi.org/10.5964/ejop.v11i1.801>.
- Kansky, J. (2018). What's love got to do with it?: Romantic relationships and well-being. In E. Diener, S. Oishi, & L. Tay (Eds.), *Handbook of well-being*. Salt Lake City, UT: DEF Publishers.
- Kapusta, N. D., Jankowski, K. S., Wolf, V., Chéron-Le Guludec, M., Lopatka, M., Hammerer, C., & Blüml, V. (2018). Measuring the capacity to love: Development of the CTL-Inventory. *Frontiers in Psychology*, 9. doi: <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01115>.
- Karandashev, V. (2015). A cultural perspective on romantic love. *Online Readings in Psychology and Culture*, 5(4). doi: <http://dx.doi.org/10.9707/2307-0919.1135>.
- Lee, J. A. (1977). A typology of styles of loving. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 3(2), 173-182.
- Love, A. B. & Holder, M.D. J. (2016). Can Romantic Relationship Quality Mediate the Relation Between Psychopathy and Subjective Well-Being? *Journal of Happiness Studies*, 17(6), 2407-2429. doi: <http://dx.doi.org/10.1007/s10902-015-9700-2>.
- Maslow, A. (1954). *Motivation and personality*. New York: Harper & Row.
- Maslow, A. H. (1962). *Toward a psychology of being*. Princeton, NJ: Van Nostrand.

- Moguillansky, R., & Nussbaum, S. (2017). Bem-estares e mal-estares do amor no casal moderno. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(2), 33-54.
- Montañés, P., J. L., Megías, S. L., & Moya, M. (2015). Influence of early romantic relationships on adolescents' sexism. *Revista de Psicología Social*, 30(2), 219-240. doi: <http://dx.doi.org/10.1080/21711976.2015.1016756>.
- Nistal, T. A. (2019). Poliamor, amor libre o en libertad? Potencialidades y dificultades. *MLS Psychology Research*, 2(1). <https://doi.org/https://doi.org/10.33000/mlspr.v2i1.212>.
- Perez, T. S., & Palma, Y. A. (2018). Amar amores: o poliamor na contemporaneidade. *Psicologia & Sociedade*, 30, e165759. doi: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2018v30165759>.
- Reik, T. (1944). *A psychologist looks at love*. New York: Farrar & Rinehart.
- Rodríguez-Santero, J., Muñoz, M. A. G-C, & Gálvez, A. M. P. (2017). “Los estilos de amor en estudiantes universitarios. Diferencias en función del sexo-género”. *Revista Internacional de Sociología*, 75 (3). doi: <http://dx.doi.org/10.3989/ris.2017.75.3.15.171>.
- Rubenstein, C., & Shaver, P. (1982). *In search of intimacy*. New York: Delacorte
- Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 16, 265–273.
- Sabiniewicz, A., Borkowska, B., Serafińska, K., & Sorokowski, P. (2017). Is love related to selfies? Romantic selfie posting behavior and love levels among women and men. *Personality and Individual Differences*, 111, 297–300. doi: <http://dx.doi.org/10.1016/j.paid.2017.02.038>.
- Shaver, P. R., & Hazan, C. (1988). A biased overview of the study of love. *Journal of Social and Personal Relationships*, 5(4), 473–501. doi: <http://dx.doi.org/10.1177/0265407588054005>.
- Shaver, P. R., & Mikulincer, M. (2006). A behavioral system approach to romantic love

- relationships: Attachment caregiving, and sex. In R. J. Sternberg & K. Weis (Eds.), *The new psychology of love* (pp. 35-64). New Haven: Yale.
- Shaver, P., Hazan, C., & Bradshaw, D. (1988). Love as attachment: The integration of three behavioral systems. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 264-292). New York: Yale University.
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93(2), 119-135. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0033-295X.93.2.119>.
- Sternberg, R. J. (1997). Construct of a triangular love scale. *European Journal of Psychology*, 27, 313-335.
- Sternberg, R. J., & Barnes, M. L. (1985). Real and ideal others in romantic relationships: Is four a crowd? *Journal of Personality and Social Psychology*, 49(6), 1586-1608. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.49.6.1586>.
- Sternberg, R. J., & Weis, K. (2006). *The new psychology of love*. Yale: University of Yale.
- Thibaut, J. W., & Kelley, H. H. (1959). *The social psychology of groups*. New York: Wiley.
- Weiser, D., Hilliard, T., & Knox, D. (2018). "I thought you loved me too?": Outcomes of discrepant involvement in romantic relationships. *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships*, 12(2), 267–282. doi: <http://dx.doi.org/10.5964/ijpr.v12i2.313>.
- Yela, C. (1998). Temporal course of basic dimensions of love throughout relationships. *Psychology in Spain*, 2, 76-86.

ARTIGO 2

GRANDE AMOR ROMÂNTICO: EVIDÊNCIAS PSICOMÉTRICAS

PRELIMINARES NO CONTEXTO BRASILEIRO²

**GREAT ROMANTIC LOVE: PRELIMINARY PSYCHOMETRIC EVIDENCE IN THE
BRAZILIAN CONTEXT**

**GRAN AMOR ROMÁNTICO: EVIDENCIAS PSICOMÉTRICAS PRELIMINARES EN
EL CONTEXTO BRASILEÑO**

Nájila Bianca Campos Freitas

Valdiney Veloso Gouveia

Universidade Federal da Paraíba

² Artigo submetido para publicação na revista Avances en Psicología Latinoamericana

Resumo

O objetivo do presente estudo foi desenvolver uma medida para mensurar o grande amor romântico (Escala de Crenças do Grande Amor Romântico; ECGAR), reunindo evidências psicométricas no contexto brasileiro. Neste sentido, especificamente, realizaram-se validade fatorial e convergente (tríade sombria, personalidade virtuosa, valores humanos e bem-estar) da ECGAR. Para tal, contou-se com 264 estudantes universitários, sendo a maioria com média de idade de 26,20 anos, do sexo feminino (83,3%), solteiras (71,2%), heterossexual (86,7%) e de classe social média (54,2%). A Análise Fatorial Exploratória resultou em uma medida unifatorial com KMO = 0,64 e esfericidade de *Bartlett* χ^2 (6) = 296,5; $p < 0,001$, observou-se um índice de adequação satisfatório (CFI = 0,99), com valor-próprio de 2,18, variância explicada de 54,0% e índice de consistência interna de 0,84. A ECGAR foi correlacionada com traços de maquiavelismo ($r = -0,15$), psicopatia ($r = -0,23$), com as subfunções valorativas *normativa* ($r = 0,35$) e *interativa* ($r = 0,17$) e as variáveis do bem-estar satisfação com a vida ($r = 0,13$), afetos positivos ($r = 0,17$), positividade ($r = 0,22$), vitalidade ($r = 0,22$) e afetos negativos ($r = -0,20$, $p < 0,01$). Desse modo, conclui-se que ECGAR apresentou índices satisfatórios de validade (fatorial e convergente) e consistência interna e, a partir disso, permitindo assim compreender a relação entre as crenças do grande amor romântico com variáveis psicológicas individuais e sociais.

Palavras-chave: amor romântico, validade, correlatos, psicométrico.

Abstract

The objective of the present study was to develop a gauge to measure great romantic love (Great Romantic Love Belief Scale), gathering psychometric evidence in the Brazilian context. In this sense, specifically, factorial and convergent validity (dark triad, virtuous personality, human values and well-being) of Great Romantic Love Belief Scale was carried out. To this end, there were 264 university students, the majority with an average age of 26.20 years old, female (83.3%), single (71.2%), heterosexual (86.7%) and middle class (54.2%). Exploratory Factor Analysis resulted in a single factor measurement with KMO = 0.64 and Bartlett χ^2 (6) sphericity = 296.5; $p < 0.001$, there was a satisfactory adequacy index (CFI = 0.99), with eigenvalue of 2.18, explained variance of 54.0% and internal consistency index of 0.84. The Great Romantic Love Belief Scale was correlated with traits of machiavellianism ($r = -0.15$), psychopathy ($r = -0.23$), with the normative ($r = 0.35$) and interactive ($r = 0.17$) and the variables of well-being satisfaction with life ($r = 0.13$), positive affects ($r = 0.17$), positivity ($r = 0.22$), vitality ($r = 0.22$) and negative affects ($r = -0.20$, $p < 0.01$). Thus, it is concluded that Great Romantic Love Belief Scale presented satisfactory indexes of validity (factorial and convergent) and internal consistency and, from that, allowing to understand the relationship between the beliefs of great romantic love with individual and social-psychological variables.

Keywords: romantic love, validity, correlates, psychometric.

Resumen

Este estudio buscó desarrollar una medida para evaluar el gran amor romántico (Escala de Creencias del Gran Amor Romántico; ECGAR), reuniendo pruebas psicométricas en el contexto brasileño. En específico, fue evaluada la validez factorial y convergente (tríada oscura de la personalidad, personalidad virtuosa, valores humanos y bienestar) del ECGAR.

Para ello participaron 264 universitarios, la gran parte de ellos con un promedio de edad de 26.20 años, mujeres (83.3%), solteras (71.2%), heterosexuales (86.7%) y de clase social mediana (54.2%). El Análisis Factorial Exploratorio demostró una solución unifactorial con un índice de KMO = 0.64 y la esfericidad de Bartlett $\chi^2 (6) = 296.5$; $p < 0.001$), también se observó un índice de adecuación satisfactorio (CFI = 0.99), con un valor propio de 2.18, una varianza explicada del 54% y un índice de consistencia interna de 0.84. La ECGAR se correlacionó con rasgos de maquiavelismo ($r = -0.15$), psicopatía ($r = -0.23$), con los valores normativos ($r = 0.35$) e interactivos ($r = 0.17$) y las variables del bienestar satisfacción con la vida ($r = 0.13$), afectos positivos ($r = 0.17$), positividad ($r = 0.22$), vitalidad ($r = 0.22$) y afectos negativos ($r = -0.20$, $p < 0.01$). Así, concluimos que la ECGAR presentaba índices satisfactorios de validez (factorial y convergente) y de consistencia interna. A partir de ello, es posible comprender la relación entre las creencias del gran amor romántico con las variables psicológicas individuales y sociales.

Palabras clave: amor romántico, validez, correlaciones, psicométrico.

Introdução

O amor é um fenômeno fundamental a existência e evolução humana, exercendo assim uma relação positiva para sua saúde e sobrevivência (Fletcher, Simpson, Campbell, & Overall, 2015). As pessoas se apaixonam no decorrer de suas vidas, assumindo em seus relacionamentos (e.g., parental, fraterno, amigos, romântico) diferentes quantidades de amor. A psicologia do amor romântico é uma ciência que abarca diversas explicações acerca da gênese, manutenção e término das relações amorosas (Schlösser & Camargo, 2014). Avaliar o amor romântico envolve uma certa complexidade, pois refere-se a um sentimento misterioso que desperta sensações de prazer e afeto que, ora se manifestam em uma maior intensidade, ora em menor intensidade (Sternberg & Weis, 2006).

Desse modo, mensurar a quantidade do amor romântico remete as mesmas dificuldades pertencentes a outros construtos avaliados pela Psicometria como a inteligência, personalidade, depressão e ansiedade (Cassepp-Borges & Pasquali, 2012). Isso pode ser comprovado mediante o estudo de Schlösser e Camargo (2014), que ao realizarem uma revisão sistemática da literatura acerca de estudos brasileiros, entre os anos de 2002 a 2012, utilizando os descritores *relacionamentos amorosos* e *amor*, encontraram 114 artigos, desses apenas 4,3% referiam a temática de instrumentos psicológicos, os demais correspondiam a relacionamento conjugal (26,3%), psicanálise (25,4%), sexualidade (20,1%), saúde (15%), violência (7,9%) e ciúme (5,2%).

Desse modo, nota-se que, embora a produção de pesquisas acerca do amor romântico tenha crescido a partir da primeira década do século XXI no cenário nacional, ainda mantém um padrão relativamente insuficiente diante da sua complexidade e multidimensionalidade, principalmente de estudos empíricos de cunho quantitativo e experimental (Gonçalves, 2012; França & Natividade 2016).

Tomando por base Sternberg e Weiss (2006) ao afirmarem que uma única perspectiva

teórica sobre o amor é insuficiente para abarcar todo o seu entendimento, será discutido acerca do grande amor romântico, o qual assume que corresponde a um sistema de crenças, incorporadas a partir de aspectos presentes nos diferentes modelos teóricos da Psicologia Social. Sendo assim representados por: (1) *Ideal romântico*, (2) *Equilíbrio e durabilidade* e (3) *Auto realização*, sendo, para tanto, influenciado em razão dos (4) *Aspectos sociais* presentes nas diferentes culturas.

Embora não seja objetivo desse artigo aprofundar na discussão acerca das crenças, é plausível destacar que, neste contexto, se assume que se referem a qualquer afirmativa realizada pelas pessoas, com base em suas experiências pessoais, logo são investigadas através da linguagem oral e escrita (Krüger, 2013). Sua verificação empírica ocorre por meio dos tipos de pesquisa correlacional ou experimental e as técnicas mais usuais são questionários, escalas e testes objetivos.

O estudo das crenças é fundamental no âmbito da psicologia em razão dos seguintes motivos: (1) Em junção aos demais processos psicológicos, influenciam na tomada de decisões, orientando desse modo nas condutas sociais; e, (2) Interfere na formulação de projetos futuros, implicando no sentido que atribuímos à nossa existência (Krüger, 2013). Isto posto, a seguir buscar-se-á detalhar acerca dos aspectos que compõe o grande amor romântico.

O *ideal romântico* evidenciado nos modelos teóricos dos autores Freud (1955) e Yela (1998; 2006), promove a libertação dos indivíduos da realidade, por meio de um conjunto de crenças em torno do amor que corresponderá as expectativas ideais formuladas acerca do parceiro romântico e da relação. Quanto ao *equilíbrio e durabilidade*, o grande amor romântico está relacionado a crença de que os componentes do amor (*paixão, intimidade e compromisso/decisão*; Sternberg, 1986) devem ser mantidos de forma equilibrada e durável, isto é a funcionalidade entre eles precisa ocorrer na mesma proporção, de forma que um não é

mais importante do que o outro, mas sim possuem uma relação harmônica, interdependente e sem rupturas.

Para Maslow (1962/1954), o amor é uma necessidade humana que deve ser suprida, conduzindo a *autorrealização*. Para tanto, embora não desenvolva o conceito acerca do grande amor romântico, compõe características que o representa, considerando o amor como algo altruísta, não possessivo e que dispõe de maior prazer e aceitação de si próprio e do outro, uma vez que suas necessidades básicas e superiores forem atendidas (Hernandez, 2003; Maslow, 1979). Assim, quanto mais essa necessidade for satisfeita, melhores serão as condições de saúde mental do indivíduo (Leste, 2013). Atrelado a isso, Maslow (1962/1954) classifica dois tipos de amor: (*B-Love*) e amor deficitário (*D-Love*). Desses, o primeiro provavelmente se assemelha ao grande amor romântico, pois corresponde a ideia de aceitação plena do outro; e de estar disposto a vivenciar um amor que corresponderá ao que se acredita que o outro seja e que é capaz de oferecer.

Já os *aspectos sociais*, exercem influência na formação das crenças do grande amor romântico, com base no momento histórico-cultural, disseminadas pelos diversos ambientes sociais (e.g., instituições familiar, educacional e religiosa), mídias sociais (e.g., *facebook*, *twitter*, *websites*) e variáveis psicológicas (e.g., atitudes, valores). A título de exemplo, Karandashev (2015) considera razoável supor que os relacionamentos amorosos dispõem de aspectos demasiadamente negativos em culturas individualistas, uma vez que, apesar do casamento ser percebido como ideal, a motivação de uma pessoa para se tornar independente pode se contrapor com a necessidade de estabelecer uma relação romântica, na qual outra pessoa terá que ser incluído no seus planos pessoais.

À respeito disso, procurando identificar a existência de medidas prévias acerca das crenças do grande amor romântico, realizaram-se buscas no mês de Novembro de 2019, nas bases *Index Psi*, *PubMed*, *Scielo* e *Google Acadêmico*, utilizando diferentes descritores:

“escala”, “crenças do grande amor romântico” e “grande amor romântico”. Ressalta-se que nas buscas não foi limitado o período de publicação. No caso, não se encontrou qualquer estudo a respeito; porém, foi possível localizar instrumentos que avaliam o amor romântico.

Mensuração das Crenças do Grande Amor Romântico

Em resumo, existem alguns instrumentos para mensurar o amor romântico. Para tanto, nota-se que os mesmos avaliam o amor a partir de diversas dimensões, porém sem se referirem especificamente ao grande amor romântico. Acerca desses instrumentos, é importante destacar (*Love Attitude Scale* – Hendrick & Hendrick, 1986; *Triangular Love Scale* – Sternberg, 1986/2006; *Tetragonal Model* – Yela, 2006), todos validados para o contexto brasileiro. Desse modo, tais medidas serão brevemente detalhadas a seguir, em razão de serem amplamente utilizadas em estudos nacionais e internacionais, ademais por se referirem de forma discreta aos aspectos que compõe o grande amor romântico.

A Escala de Estilos de Amor - *Love Attitude Scale* (LAS; Hendrick & Hendrick, 1986; 2006), a qual mensura aspectos ligados ao sistema de crenças e atitudes individuais, por meio de 42 itens, divididos equivalentemente em seis dimensões (*Eros, Ludus, Storge, Pragma, Mania e Ágape*), com escala de resposta de cinco pontos, variando de 1 (Discordo fortemente) a 5 (Concordo fortemente). Esta medida inclui no seu núcleo aspectos ligados a variáveis emocionais e traços de personalidade e para o contexto brasileiro foi encontrado índices de confiabilidade variando entre 0,55 fator *Ludus* (e.g., Quando me parceiro (a) fica muito dependente de mim, prefiro distanciar-me um pouco) a 0,81 fator *Ágape* (e.g., Não consigo ser feliz a menos que coloque a felicidade de meu parceiro (a) antes da minha; Andrade & Garcia, 2009).

A Escala Triangular do Amor - *Triangular Love Scale* (ETA; Sternberg, 1986). Esta medida, é composta originalmente por 45 itens, distribuídos equitativamente em três fatores: *intimidade, paixão e compromisso*. Os espaços em branco não precisam ser preenchidos pelos

respondentes (e.g., “Sinto que _____ realmente me compreende”); servem apenas para que imaginem o nome do parceiro(a) romântico. Os itens são respondidos em uma escala com 9 pontos, com os extremos: 1 (Não me descreve nada) e 9 (Me descreve totalmente). Na versão reduzida proposta por Gouveia, Fonsêca, Cavalcanti, Diniz e Dória (2009) constando de 15 itens, apresentou índices de confiabilidade variando entre 0,86 (*Intimidade*) a 0,88 (*Compromisso*).

A Escala Tetrangular do Amor - *Tetrangular Model* (ETA; Yela, 2006), corresponde a uma versão modificada da *Escala Triangular do Amor* (Sternberg, 1986), que procura mensurar o amor a partir de quatro componentes, a saber: *paixão erótica* (e.g., fico muito excitado sexualmente quando beijo _____), *paixão romântica* (e.g., me pego pensando frequentemente em _____ durante o dia), *intimidade* (e.g., me comunico bem com _____) e *compromisso* (e.g., considero firme meu compromisso com _____). A escala total é composta por 20 itens, distribuídos igualmente entre os quatro componente, que são respondidos em escala de cinco pontos, tipo *Likert*, variando de 1 (Não me descreve nada) a 5 (Descreve-me totalmente), apresentando índices de confiabilidade total de 0,93, já entre os componentes variou entre 0,74 (*paixão romântica*) a 0,92 (*compromisso*; Gouveia, Carvalho, Santos, & Almeida, 2013).

Além dos apontamentos descrito acima acerca da pertinência em descrever essas medidas, destaca-se também a aplicabilidade com diversas variáveis psicossociais, disseminadas em contextos multiculturais, as quais julga-se pertinente mencionar, uma vez que o amor romântico é um componente presente no decorrer da vida da maioria das pessoas, o qual se manifesta desde o desejo de vivenciar até a concretização de fato.

Correlatos do amor romântico

Isto posto, McKeever (2017) comenta que quando uma pessoa se dispõe a amar outra, busca estratégias de aumentar a quantidade de valor em suas vidas. Dessa forma, são

despendidos maiores esforços para a potencialização de componentes do bem-estar (e.g., satisfação com a vida, positividade, afetos e gratidão), visando com isso uma relação amorosa mais satisfatória e de maior valor (Barros, Soares, & Hernandez, 2019).

Segundo Love e Holder (2016) diferentes características dos relacionamentos românticos podem interferirem no bem-estar que os indivíduos oferecem ao outro e a relação. Por exemplo, a psicopatia e o maquiavelismo, ambos construtos da personalidade sombria, estão associados a baixos níveis de bem-estar, isto é felicidade, afetos positivos e satisfação com a vida (Love & Holder, 2014; Jonason, Valentine, Li, & Harbeson, 2011). Ademais, indivíduos com alto nível de personalidade sombria tendem a desvalorizar os traços positivos dos parceiros românticos (Ináncsi, Láng & Bereczkei, 2016). Sob outra perspectiva, traços positivos podem influenciar em relacionamento amorosos saudáveis (South, Krueger, Elkins, Iacono, & McGue, 2016).

O altruísmo é mencionado pelo estilo de amor ágape (Hendrick & Hendrick, 1990) ou “*B-Love*” (Maslow, 1954). Refere-se assim a um amor incondicional, no qual os amantes são orientados em prol do bem do outro, exercendo implicações importantes para a dinâmica interpessoal e a qualidade geral dos relacionamentos românticos. Nesta direção, Regan (2016) verificou que os parceiros enfatizavam a realização do amor altruísta, isto é se dispor a doar-se incondicionalmente em seus relacionamentos românticos pode depender da etnia e sexo dos indivíduos. A título de informação, nesse estudo, indivíduos afro-americanos relataram níveis mais baixos de amor altruísta, em comparação a latinos, asiático das ilhas do Pacífico e brancos não hispânicos, quanto ao sexo, os homens apresentaram maior grau de altruísmo do que as mulheres.

Ademais, a positividade, enquanto disposição geral para avaliar positivamente as experiências da vida, tem sido associada a melhores indicadores de bem-estar nos indivíduos, dado que engloba os componentes autoestima, satisfação com a vida, esperança e otimismo,

favorecendo assim a uma diminuição de afetos negativos e aumento de afetos positivos (Caprara et al, 2012; Horiuchi, Tsuda, Yoneda, & Aoki, 2018).

Assim, embora as variáveis acima mencionadas correspondam mais a critérios de natureza individual, o grande amor romântico também sofre influência em decorrência de aspectos sociais (Ekas, Timmons, Pruitt, Ghilain, & Alessandri, 2015). Isso pode ser evidenciado, por exemplo, a partir da interferência dos valores sociais nos relacionamentos românticos. A isso, justifica-se pelos seguintes motivos: (1) os valores humanos (e.g., normativos e interativos) guiam os comportamentos e expressam cognitivamente as necessidades dos indivíduos (Gouveia, 2013); e, (2) influenciam na escolha do parceiro(a) romântico, manutenção do relacionamento e resolução das estratégias frente aos conflitos (Freitas, 2017; Gomes, Gouveia, Silva Júnior, Coutinho, & Santos, 2013).

Considerando a importância do amor romântico na vida das pessoas e sua relação com variáveis psicológicas, evidencia-se uma ascensão no interesse científico por parte dos pesquisadores acerca de tais assuntos (Horiuchi et al., 2018; Love & Holder, 2016; Regan, 2016). Diante desse panorama, é pertinente questionar sobre o que caracteriza o grande amor romântico e quais variáveis psicológicas a ele se associam? Uma vez que pode elucidar ainda mais a área de estudos vinculada aos relacionamentos amorosos.

Isto posto, o presente estudo tem por objetivo oferecer uma contribuição psicométrica a temática dos relacionamentos amorosos, especificamente acerca da temática do grande amor romântico. Para isto, (1) buscar-se-á construir uma medida breve acerca do grande amor romântico que reúna evidências satisfatórias de validade (fatorial e convergente) e consistência interna; e, (2) relacionar-se-á o grande amor romântico a variáveis externas (personalidade sombria, valores humanos e bem-estar), a fim de reunir evidências de validade convergente.

Método

Delineamento e hipóteses

Trata-se de um estudo não-experimental (correlacional), do tipo *ex post facto*, com ênfase psicométrica. Tendo em conta a inexistência de medidas voltadas para avaliação do grande amor romântico no contexto brasileiro, neste artigo o objetivo foi construir um instrumento, bem como conhecer as suas propriedades psicométricas. Adicionalmente, buscou-se relacionar essa medida com variáveis externas (traços de personalidade, valores humanos e bem-estar) objetivando reunir indícios de validade convergente. Para tal, foram elaboradas três hipóteses principais, sendo elas: (H1) O grande amor romântico irá se correlacionar negativamente com a personalidade sombria e positivamente com a personalidade luminosa (Ináncsi et al., 2016; Love & Holder, 2016); (H2) O grande amor romântico irá correlacionar-se positivamente com os valores sociais (Gouveia & Guedes, 2017); e por fim, (H3) O grande amor romântico irá se correlacionar positivamente com as variáveis de bem-estar (Hudson, Lucas, & Donnellan, 2019; Kansky, 2018; Oravec, Dirsmith, Heshmati, Vandekerckhove, & Brick, 2020).

Participantes

Participaram 264 estudantes universitários, sendo a maioria com média de idade de 26,20 anos (DP = 7,23; variando de 17 a 56 anos), do sexo feminino (83,3%), solteiras (71,2%), heterossexual (86,7%) e de classe social média (54,2%). Por último, a maioria se autodeclarou como católica (44,3%) com religiosidade média (46,6%).

Instrumentos

Escala de Crenças do Grande Amor Romântico (ECGAR). Composta de cinco itens (e.g., Item 3 *Você acredita em um grande e único amor*) com escala de resposta dicotômica (0 = não; 1 = sim), para avaliar as crenças do grande amor. No presente estudo, encontrou-se

uma consistência interna satisfatória de (0,84; *Expected a Priori reliability*).

Escala de Satisfação com a Vida (ESV; Diener, Emmons, Larsen & Griffin, 1985). Esta medida foi adaptada no Brasil por Gouveia, Milfont, Fonseca e Coelho (2009). Composta por cinco itens que avalia o julgamento global dos indivíduos sobre suas vidas (e.g., “*Na maioria dos aspectos, minha vida é próxima ao meu ideal*”). É composta por uma escala de resposta de 7 pontos, variando de 1 (*discordo totalmente*) a 7 (*concordo totalmente*). No estudo brasileiro, encontrou-se um índice satisfatório de consistência interna ($\alpha = 0,87$).

Escala de Afetos Positivos e Negativos (EAPN-10; Reis et al., 2000). Esta medida foi adaptado para o contexto brasileiro por Gouveia et al. (2019) e os indivíduos devem assinalar as experiências emocionais nos últimos dias. Esta escala é composta por dez adjetivos, sendo cinco positivos (e.g., *feliz, alegre, satisfeito*) e cinco negativos (e.g., *deprimido, preocupado, frustrado*). Para o contexto brasileiro, encontrou-se uma consistência interna satisfatória ($\alpha = 0,84$ afetos positivos; $\alpha = 0,80$ afetos negativos). Os itens são respondidos em uma escala de sete pontos, com os extremos entre 1 (*Nada*) e 7 (*Extremamente*).

Escala de Vitalidade Subjetiva (EVS; Ryan & Frederick, 1997). Adaptada para o contexto brasileiro por Gouveia et al., (2012), a qual visa a mensuração da energia e do estado vital, demarcando o bem-estar das pessoas. É composta por sete itens (e.g., “*Desejo viver cada novo dia*”), com a escala de resposta variando entre sete pontos 1 (*Nada verdadeiro*) a 7 (*Totalmente verdadeiro*). No estudo brasileiro, encontrou-se um índice satisfatório de consistência interna ($\alpha = 0,73$).

Escala de Positividade (EP; Caprara et al., 2012). Adaptada para o contexto brasileiro por Souza, Araújo, Gouveia, Coelho e Gouveia (2014). Busca-se avaliar as tendências individuais na avaliação da vida e experiências de uma perspectiva positiva, sendo composta por oito itens (e.g., “*eu tenho muita fé no futuro*”; “*eu geralmente sinto-me confiante comigo mesmo*”). A escala de resposta varia entre cinco pontos (1= *Discordo totalmente* a 5=

Concordo totalmente) e no estudo brasileiro apresentou um índice satisfatório de consistência interna ($\alpha = 0,85$).

Questionário dos Valores Básicos (QVB; Gouveia, 2013). Este instrumento mensura as prioridades valorativas dos indivíduos. Constituído por 18 itens, sendo distribuídos três itens em cada subfunção (*Experimentação; Realização; Suprapessoal; Existência; Interativa e Normativa*), representando seus valores específicos (e.g., Subfunção *Interativa*, representado pelo valor “*Apoio social. Obter ajuda quando a necessite; sentir que não está só no mundo*”). Tais descritores são respondidos em uma escala de sete pontos, entre 1 (Totalmente não importante) a 7 (Totalmente importante). Os índices de consistência interna foram satisfatórios, variando nas subfunções valorativas entre $\alpha = 0,48$ (*suprapessoal*) e $\alpha = 0,70$ (*normativo*). *Tríade Sombria* (*Dark Triad Dirty Dozen-DTDD*; Jonason & Webster, 2010). Adaptado para o contexto brasileiro por Gouveia, Monteiro, Gouveia, Athayde e Cavalcanti (2016). A medida é formada por 12 itens, distribuídos equitativamente em três traços: maquiavelismo (e.g., *Costumo bajular as pessoas para conseguir o que quero*) e as formas subclínicas narcisismo (e.g., *Eu tendo a buscar prestígio ou status*) e psicopatia (e.g., *Eu tendo a ter falta de remorso*). A escala de resposta é de 5 pontos, variando de 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente). A consistência interna do conjunto de itens foi de ($\alpha = 0,85$).

Inventário de Personalidade Virtuosa (IPV; Oliveira & Gouveia, 2017): Composta por 18 itens que integram três fatores de personalidade de primeira ordem (perdão, gratidão e altruísmo), em seis fatores de segunda ordem (remissão e incriminação; reconhecimento e inexpressividade; e, beneficência e egotismo). A escala de resposta é de 5 pontos, variando de 1 (Não me descreve) a 5 (Descreve-me totalmente). A consistência interna foi superior a ($\alpha = 0,70$).

Procedimentos

Para a construção da ECGAR, procedeu-se inicialmente com a consulta prévia à literatura especializada sobre relacionamentos românticos e a instrumentos já existentes (Sternberg, 1986; Maslow, 1962/1954; Yela, 1998, 2006). A partir disso, foram selecionados os critérios (ideal romântico; equilíbrio e *durabilidade*; autorrealização e aspectos sociais). Os itens da ECGAR foram elaborados segundo os critérios elencados por Pasquali (2010) de simplicidade (expressão de uma única ideia), clareza (frases curtas e de fácil compreensão para indivíduos com nível de escolaridade baixo da população-alvo), variedade (uso de diferentes termos e itens positivos e negativos) e credibilidade (avaliar o que se propõe, sem parecer ser algo sem utilidade). Isto posto, conforme recomendado pela literatura (Pacico & Hutz, 2015; Pasquali, 2010; Reppold, Gurgel & Hutz 2014), os itens elaborados foram submetidos a inspeção de especialista (psicólogos e pesquisadores familiarizados com a temática) para que assim avaliassem a qualidade e evidências de validade de conteúdo dos itens (e.g., pertinência, semântica).

Os participantes responderam ao presente estudo por meio de um questionário disponível em formato eletrônico, via internet, disponibilizado nas redes sociais e e-mail. No endereço eletrônico referente ao estudo, na primeira página do formulário havia explicações acerca dos objetivos da pesquisa, bem como as respectivas instruções sobre como responder aos instrumentos. Todos os participantes foram informados do caráter voluntário e anônimo da pesquisa, o qual poderia vir a desistir a qualquer momento. A duração média de resposta foi de 20 minutos.

Em relação aos aspectos éticos, previamente à coleta de dados, o projeto foi submetido à Plataforma Brasil (CAAE: 29861820.7.0000.5188), com o intuito de verificar sua adequação aos princípios éticos em pesquisas científicas envolvendo seres humanos, de acordo com o que regulamenta o Conselho Nacional de Saúde e o Ministério da Saúde, por

meio da resolução nº 510/16 (Brasil, 2016).

Análise dos dados

Os dados foram tabulados e analisados pelos *softwares* estatístico: Factor 9.2 e *SPSS* (versão 21). Com o primeiro, realizou-se as Análises Fatorial Exploratória (AFE; Lorenzo-Seva & Ferrando, 2013). Investigou-se a dimensionalidade da ECGAR aplicando-se o método *Hull Comparative Fit Index* (CFI; Lorenzo-Seva, Timmerman, & Kiers, 2011) para fins de determinação da estrutura fatorial do instrumento através da AFE categórica, *Unweighted Least Squares* (ULS), baseada em correlações policóricas. Com o segundo, procedeu-se com análises descritivas (média, desvio padrão e frequência) para caracterizar a amostra do estudo e análises de correlação *r* de Pearson para comprovar a validade convergente da ECGAR com variáveis externas.

Resultados

Para atender aos objetivos propostos no estudo, os resultados foram divididos da seguinte forma: a princípio procurou-se avaliar a qualidade psicométrica dos itens, como evidências de estrutura interna e confiabilidade; em seguida, buscou-se verificar a validade convergente entre a ECGAR com as seguintes variáveis: (1) Personalidades Sombria e Luminosa; (2) Valores Humanos; e por fim, (3) Bem-estar (satisfação com a vida, afetos positivos e negativos, vitalidade e positividade).

Análise fatorial exploratória da ECGAR

No primeiro momento, buscou-se realizar a AFE por meio de uma matriz de covariâncias com correlações policóricas; os indicadores sustentaram a plausibilidade de submeter a matriz de dados ao procedimento analítico da AFE, ou melhor, *Kaiser-Meyer-Olkin* = 0,52 e o teste de esfericidade de *Bartlett* $\chi^2 (10) = 606,7; p < 0,001$). Quanto à dimensionalidade da medida, ao aplicar o método *Hull*, com a finalidade de conhecer o

número de fatores a serem extraídos, através do estimador ULS, os resultados apontaram uma estrutura unifatorial. A partir disso, verificou-se um índice de ajuste insatisfatório (CFI = 0,83), com valor-próprio (*eigenvalue*) de 2,22 e variância total de 44,0%. Ao analisar as cargas fatoriais, quatro itens saturaram acima de 0,30, exceto o item 4 (*Você já teve um grande amor?*), o qual apresentou carga fatorial de 0,11, de modo que se optou por excluí-lo da estrutura fatorial.

Nesta direção, foi realizada uma nova AFE com os quatro itens, os quais demonstraram uma matriz de correlações policóricas adequada comparado com a primeira análise (*Kaiser-Meyer-Olkin* = 0,64; teste de esfericidade de *Bartlett* χ^2 (6) = 296,5; $p < 0,001$). Em relação à dimensionalidade da estrutura, adotando o mesmo estimador (método Hull, USL) foi observado, novamente, um único fator, apresentando um índice de adequação satisfatório (CFI = 0,99). O valor-próprio foi de 2,18 e variância explicada de 54,0%. As cargas fatoriais para os itens 01 “*É possível amar, no curso da vida, a mais de uma pessoa, em momentos diferentes?*”, 02 “*Você pensa que é possível amar a duas pessoas ao mesmo tempo?*”, 03 “*Você acredita em um grande e único amor?*” e 05 “*Atualmente, você tem um grande amor?*” foram respectivamente de -0,84, -0,84, 0,53 e 0,25. O índice de consistência interna adotado *Expected a Priori* (EAP) *reliability* foi de 0,84. Portanto, as relações com outras variáveis adotaram a presente estrutura unifatorial da ECGAR.

Evidências de validade convergente da ECGAR

Esta seção buscou relacionar por meio de três blocos de correlações, de acordo com a natureza dos construtos, entre as crenças do grande amor romântico com as seguintes variáveis: (1) Personalidade Sombria (narcisismo, maquiavelismo e psicopatia) e Personalidade Luminosa (perdão, gratidão e altruísmo); (2) Valores Humanos; e, (3) Bem-estar (satisfação com a vida, positividade, vitalidade e afetos positivos e negativos).

Inicialmente, verificaram-se as crenças do grande amor romântico com a

personalidade sombria e os resultados significativos foram com os traços de maquiavelismo ($r = -0,15$, $p < 0,05$) e psicopatia ($r = -0,23$, $p < 0,001$). Já com a personalidade luminosa não foram encontradas relações significativas com nenhum dos seus traços. Os dados detalhados podem ser observados na Tabela 1, descrita abaixo.

Tabela 1. Correlatos entre crenças do grande amor com as personalidades sombria e virtuosa

	M (DP)	1	2	3	4	5	6
1. Grande e Único amor	0,48 (0,27)						
2. Psicopatia	1,46 (0,62)	-0,23***					
3. Maquiavelismo	1,36 (0,60)	-0,15**	0,43***				
4. Narcisismo	2,06 (0,99)	-0,11	0,32***	0,53***			
5. Perdão	3,37 (0,87)	0,03	-0,19**	-0,32***	-0,30***		
6. Gratidão	4,24 (0,62)	0,11	-0,30***	-0,25***	-0,24***	0,27***	
7. Altruísmo	3,65 (0,58)	0,13	-0,10	-0,31***	-0,37***	0,31***	0,33***

Quanto aos valores humanos, foram encontradas correlações positivas e significativas apenas com as subfunções *normativa* ($r = 0,35$, $p < 0,001$) e *interativa* ($r = 0,17$, $p < 0,01$). Os dados detalhados podem ser observados na Tabela 2, descrita abaixo.

Tabela 2. Correlatos entre crenças do grande amor com os valores humanos

	M (DP)	1	2	3	4	5	6
1. Grande e Único amor	0,48 (0,27)						
2. Experimentação	5,04 (1,03)	-0,01					
3. Realização	4,85 (1,05)	0,01	0,46***				
4. Existência	6,21 (0,70)	0,07	0,24**	0,27***			
5. Suprapessoal	5,82 (0,77)	-0,01	0,37***	0,37***	0,36***		
6. Normativa	5,05 (1,29)	0,35***	0,05	0,18**	0,38***	0,24***	
7. Interativa	5,71 (0,84)	0,17**	0,22***	0,27***	0,37***	0,28***	0,44***

Quanto ao bem-estar foram encontradas correlações positivas e significativas com satisfação com a vida ($r = 0,13$, $p < 0,05$), afetos positivos ($r = 0,17$, $p < 0,01$), positividade ($r = 0,22$, $p < 0,001$) e vitalidade ($r = 0,22$, $p < 0,001$), e o fez inversamente com afetos negativos ($r = -0,20$, $p < 0,01$). Os dados foram detalhados na Tabela 3, descrita abaixo.

Tabela 3. Correlatos entre crenças do grande amor com variáveis do bem-estar

	M (DP)	1	2	3	4	5
1. Crenças do Grande Amor	0,48 (0,27)					
2. Satisfação com a vida	3,07 (0,93)	0,13*				
3. Positividade	3,55 (0,74)	0,22***	0,68***	0,53***		
4. Vitalidade	3,56 (1,17)	0,22***	0,58***	0,45***	0,73***	
5. Afetos Positivos	5,03 (1,00)	0,17**	0,63***	0,53***	0,75***	0,76***
6. Afetos Negativos	3,79 (1,15)	-0,20**	-0,47***	-0,36***	-0,60***	-0,68***

A partir do exposto constata-se que as crenças acerca do grande amor se correlacionaram com as seguintes variáveis: psicopatia, maquiavelismo, subfunções

normativa e interativa e o bem-estar. Com base nesses achados, buscar-se-á a seguir discutir os a luz de estudos científicos anteriores a este.

Discussão

O objetivo do corrente estudo foi investigar a crença no grande amor romântico, para isto, desenvolveu-se uma medida breve verificando evidências preliminares de validade fatorial, bem como indicadores de consistência interna; e, em seguida, analisou-se a influência das variáveis psicológicas (personalidade sombria, valores humanos e bem-estar) no grande amor romântico.

Realizaram-se então as análises estatísticas da elaboração da ECGAR. Como exposto, primeiramente, investigou-se a fatorabilidade da matriz de dados por meio dos testes KMO e Esfericidade de *Bartlett*. Tais indicadores permitiram conhecer se o tratamento pelo método multivariado de análise fatorial pode ser empregado com sucesso, a qual foi gerada com base na comprovação de uma proporção de variância gerada de variáveis latentes e não a uma matriz identidade (Damásio, 2012). Desse modo, realizou-se uma AFE, na qual se adotou uma matriz de covariância com correlações policóricas, uma vez que esta é compatível com a natureza dicotômica da escala de resposta do presente instrumento (Holgado-Tello, Chacón-Moscoso, Barbero-García, & Vila-Abad, 2010). Quanto à dimensionalidade da medida, optou-se pela utilização do método *Hull* (Ceulemans & Kiers, 2006) para determinar a estrutura da medida. De fato, tal método tem demonstrado eficácia adequada quando diretamente comparado aos procedimentos estatísticos mais recorrentes na literatura para retenção de número de fatores em análises fatoriais (e.g., *eigenvalue* > 1, *scree plot*, *parallel analysis* e *minimum average partial*; Lorenzo-Seva et al., 2011).

Quanto às análises da versão original do instrumento, observou-se que a medida apresentou índice de ajuste insatisfatório (CFI = 0,83). Intencionando solucionar, optou-se por excluir o item 4 (*Você já teve um grande amor?*), dado que saturou com uma carga fatorial de

0,11 e isso pode ter ocorrido em razão da descrição do item, pois a expressão “já teve” refere-se a algo passado, já o grande amor romântico busca conhecer as crenças acerca do parceiro(a) romântico idealizado pelo outro, algo relativo ao futuro.

Em razão disso, efetivou-se uma nova AFE com os quatro itens, apresentando assim índices de ajuste aceitável. Verificada a adequação dos dados, acerca da dimensionalidade da estrutura, fixou-se os quatro itens em um único fator, considerando essa decisão com base no sentido teórico, bem como quantidade dos itens. Nesta direção, adotando-se o estimador (método Hull, ULS), o qual permite fazer uma simulação a partir de valores próprios simulados, observando assim (CFI = 0,99), com uma variância explicada de 54,0% e consistência interna de 0,84.

Apesar da medida da ECGAR dispor de poucos itens, nota-se que além dos resultados acima expostos demonstrarem que a mesma oferece uma estrutura aceitável para avaliar o grande amor romântico, atentou-se para a presença de itens positivos e negativos, dirimindo com isso o viés de respostas estereotipadas (Pasquali, 2010). Além disso, a literatura dispõe de diversas medidas psicométricas reduzidas que são amplamente utilizadas para avaliar construtos da psicologia em contextos transculturais, sendo úteis em contextos de pesquisa (Rammstedt & Beierlein, 2014). De toda forma, a versão final da medida foi composta por um número mínimo de itens aceitável, em termos de representatividade de um construto psicológica para fins de pesquisa (Hair Black, Babin, & Anderson, 2013).

Desse modo, assegura-se que os itens compostos pela ECGAR são coerentes com os critérios adotados para caracterização do grande amor romântico. Especificamente, pessoas que acredita ser possível amar, no curso da vida, a mais de uma pessoa, em momentos diferentes (*Item 1*) ou amar a duas pessoas ao mesmo tempo (*Item 2*), são contrários à ideia do grande amor, e conseqüentemente as afirmações que diz respeito aqueles que acreditam em um grande e único amor e/ou que possuem um grande amor (Regan, 2016; Neto & Wilks,

2017).

A crença do grande amor romântico está ancorada na idealização de encontrar e vivenciar um amor peculiar, único. Desse modo, almeja-se essa meta final a partir de critérios idealizados pela pessoa acerca do parceiro(a) e da relação que são formados, sobretudo, por componentes que envolva a paixão, compromisso e intimidade (Sternberg, 2006); ademais, ao encontrarem (ou acharem que encontraram) esses componentes, acreditam que poderão mantê-los de forma equilibrada e a longo prazo, resultando assim na autorrealização, isto é a plena satisfação e aceitação do outro e da relação. Sobretudo, destaca-se que tais crenças e expectativas são construídas no imaginário individual mediante a interferência dos aspectos sociais, por exemplo o que admirável, desejável em um relacionamento romântico nos últimos anos ou em diferentes contextos sociais? Logo, tais respostas influenciaram na formação das crenças acerca do grande amor romântico.

Esse entendimento pode ser mais ainda mais difundido e justificável em virtude das correlações encontradas no presente estudo. Constatou-se que personalidade sombria influenciou na crença grande amor romântico, corroborando parcialmente com a H1, apresentando assim correlações negativas com os traços maquiavelismo e psicopatia. Este achado era esperado e condiz com a literatura, considerando que os traços sombrios se relacionam negativamente com a qualidade dos relacionamentos românticos e bem-estar subjetivo (Ináncsi et al., 2016; Love & Holder, 2016).

Acreditar no grande amor romântico remete a uma ilusão idealizada do amor, que faz sentir e pensar de tal forma que corresponda as expectativas geradas pelos próprios indivíduos. Uma prova disso é que, apesar da experiência por vezes contradizer essa convicção, aquelas pessoas que acreditam no grande amor mantêm a esperança de que este seja uma realização durável ancorados nos padrões do imaginário individual e social de felicidade, prazer e satisfação (Maquillansky & Nussbaum, 2017).

Porém, no presente estudo observou-se que as crenças do grande amor romântico são explicadas negativamente pelo traço sombrio da psicopatia. Tal resultado é convincente, uma vez que pessoas com elevado nível de psicopatia são centradas em si mesmas, estão em busca de benefícios próprio e estão pouco dispostas a promoverem benefícios voltados ao outro, como a confiança, afeto e comprometimento (Love & Holder, 2016).

Nesta direção, psicopatas não acreditam no grande amor romântico, mas somente no amor a si mesmos. Logo, ao estabelecerem um relacionamento amoroso, tendem a ser curtos e sem qualquer envolvimento que conduza a intimidade ou vínculo afetivo. A propósito disso, Monteiro (2017) assegura que a psicopatia pode contribuir para a diminuição na qualidade do relacionamento interpessoal (e.g., infidelidade, parceiros casuais), além disso, provoca componentes de mal-estar (e.g., ansiedade, depressão) na vida dos indivíduos. Essas características podem ser justificadas em decorrência da natureza impulsiva e imprevisível dos psicopatas (Jonason et al., 2011).

Quanto a relação negativa com o maquiavelismo, era esperado e justificado teoricamente uma vez que são manipuladores, insensíveis, egoísta, dominantes, cínicos e guiados de uma moral utilitária (Book, Visser, & Volk, 2015). Para além disso, costumam pensar de forma concreta e prática, sendo assim provavelmente não acreditam na idealismo do grande amor romântico e, assim como os psicopatas, se envolvem em relacionamentos amorosos visando ganhos pessoais (e.g., envolvimento sexual, *status*, poder, domínio social; Ináncsi, et al., 2016).

A incerteza e a desconfiança dos maquiavélicos em relação ao parceiro e a relação amorosa resultam no descrédito acerca do grande amor romântico. Tal argumento pode ser sustentado mediante o estudo de Ináncsi et al. (2015), no qual verificaram que os maquiavélicos são emocionalmente instáveis, desconfiados e ansiosos nos relacionamentos íntimos.

Isto posto, o maquiavelismo e a psicopatia fazem parte da personalidade sombria (desviante), em razão disso são socialmente indesejáveis (Jones & Paulhus, 2014). Com isto, assegura-se que pessoas que acreditam no grande amor romântico buscam por parceiros que percebem o amor e a relação a partir das expectativas prévias socialmente aceitáveis (e.g., fiel, empático, amável). Logo as características da personalidade sombria não são cobiçadas ou projetadas para aqueles que desejam um relacionamento saudável e durável.

Quanto à personalidade virtuosa não ter apresentado relação com o grande amor romântico, justifica-se dado o fato que os traços perdão, gratidão e altruísmo correspondem a variáveis psicológicas pró-sociáveis que precisam ser exercidos em decorrência de acontecimentos ocorridos no passado ou presente, praticados por outra pessoa (Oliveira & Gouveia, 2017). Ao contrário disso, acreditar no grande amor romântico demanda um esforço imaginário em que a pessoa desenvolve expectativas acerca do parceiro(a) e da relação que pretende vivenciar a posterior, algo imaginário, idealizado, direcionado ao futuro.

Apesar de o grande amor romântico estar vinculado a aspectos imaginários, esses são idealizados a partir de variáveis socialmente aceitáveis. Isto pode ser comprovado mediante os achados sobre os valores sociais no presente artigo, corroborando parcialmente com a H2 (Gouveia & Guedes, 2017). Os valores humanos são de natureza psicológica, mas que, não obstante, possuem um forte componente social, o qual se constitui durante o processo de socialização dos indivíduos. Nesta perspectiva, são definidos como critérios de orientação que guiam os indivíduos e expressam cognitivamente suas necessidades básicas (Gouveia, 2013).

Em razão do mencionado acima, os resultados sobre a relação da valores sociais (*normativos e interativos*), sustenta o embasamento dos critérios do grande amor romântico, além de estarem na mesma direção dos estudos empíricos semelhantes. A título de exemplo, Gouveia e Guedes (2017) ao buscarem conhecer a relação entre os valores humanos na realização profissional e amorosa, isto é de viajar para o exterior e fazer o doutorado ou fica

no país (Brasil) e abdicar do doutorado no exterior, constataram que as pessoas que optavam por desistir de viajarem para se casarem eram mais guiados por valores normativos e interativos; ao contrário, os que optavam por viajarem e abdicar da relação amorosa eram mais guiados por valores de experimentação e realização e menos por valores normativos.

Tais achados são concebíveis, uma vez que pessoas guiadas por valores normativos e interativos consideram o compromisso amoroso como algo que está de acordo com as normas sociais, buscando assim atender as demandas institucionais e sociais (e.g., constituição familiar; tradição e religiosidade), bem como a necessidade de pertença e filiação. A crença acerca do grande amor romântico compactua do mesmo entendimento, pois tem em conta que a pessoa com quem irá se relacionar amorosamente atenderá aos preceitos sociais (e.g. religião e tradição), atribuindo o amor como algo único, que demanda compromisso, compatibilidade e permanência, além da afetividade e convivência.

Por exemplo, Santos, Guerra, Coelho, Gouveia e Souza (2012) ratificam que os valores sociais (normativos e interativos) explicam o compromisso religioso, sugerindo que pessoas com alto compromisso religioso tendem a seguir as normas sociais, cumprindo suas atividades e deveres (e.g., compromisso afetivo), ao passo que indivíduos com baixo nível de compromisso religioso estariam mais propensos a ir à busca de prazer e aventura momentâneas que não requer responsabilidades.

Ademais, é consistente nas pesquisas científicas, tanto quanto no senso comum, que amar promove bem-estar na vida das pessoas, tornando-as, por exemplo, mais felizes, satisfeitas e bem-sucedidas profissionalmente (Holanda, 2019). Diante disso, o presente estudo seguiu na mesma direção, uma vez que pôde ser comprovado a influência do bem-estar nas crenças do grande amor romântico, corroborando parcialmente com a H3.

Observou-se então que todas as variáveis que representavam o bem-estar apresentaram relação com o grande amor romântico. Tal resultado é congruente com os aspectos que

caracterizam a variável foco, bem como com os estudos empíricos. Nesta direção, Theodorou, Violani e Alessandri (2017) afirmam que a positividade é uma disposição pessoal de perceber eventos estressantes como favoráveis e vantajosos. Em consonância, Caprara, Alessandri e Caprara (2019) alegam que esse construto exerce um papel importante na promoção de percepções individuais e sociais mais positivas, a exemplo de situações de conflito intergrupais (Theodorou, Livi, Alessandri, Pierro, & Caprara, 2019).

A partir disso, pode-se inferir que pessoas que apresentam uma maior predisposição a avaliar as situações da vida de forma positiva, também o farão acerca do parceiro(a) romântico(a). Logo, atribuirão as crenças do grande amor romântico características positivas (e.g., esperança e entusiasmo, satisfação com a vida, confiança consigo mesmo, companheirismo, compatibilidade e fidelidade), que promovem também maior bem-estar quanto a outras variáveis (e.g., afetos positivos; satisfação com a vida; felicidade; Love & Holder, 2016).

A propósito disso, o presente estudo demonstrou relação positiva entre o grande amor romântico e variável do bem-estar (i.e., satisfação com a vida, vitalidade e afetos positivos) e, negativa com afetos negativos, favorecendo assim a uma maior aceitação sobre o grande amor romântico e sua relação com variáveis do bem-estar, as quais correspondem a virtudes humanas, que retratam os aspectos positivos do ser humano. Acerca disso, Souza et al. (2014) constataram a relação positiva entre a positividade e a satisfação com a vida e vitalidade. Com base nisso, Feeney e Collins (2015) alegam que o bem-estar se manifesta na vida das pessoas das seguintes formas: (1) relacional, inclui satisfação e comprometimento, baixos níveis de conflito e angústia nas relações íntimas; (2) psicológica, inclui humor positivo, bem-estar subjetivo e falta de sofrimento ou distúrbio psicológico; e (3) física, inclui evitar doenças ou à pré-doença e falta de sintomas físicos.

De forma geral, os achados acima discutidos, favorecem a aceitação quando aos

componentes que permeiam as crenças acerca do grande amor romântico, assegurando que este se refere a uma construção idealizada por parte das pessoas, não obstante influenciada por variáveis da personalidade sombria, valores sociais e bem-estar. Para tanto, é cabível destacar as limitações do presente estudo, uma vez que poderão ser dirimidas em estudos futuros.

Desse modo, foram utilizadas medidas de autorrelato e podem interferir nas respostas dos indivíduos, uma vez que esses podem responder de acordo com o que é socialmente aceitável; não foi utilizado medidas que avaliassem aspectos vinculados aos relacionamentos amorosos (e.g., tipos de amor; atributos desejáveis do parceiro(a) ideal); também não foi realizado a testagem de modelos (explicativo, mediação ou moderação) que possibilitasse compreender como o grande amor romântico se relaciona ou sofre alteração em decorrência da interação com outras variáveis. Isto posto, pesquisas adicionais são necessárias para entender melhor as relações causais entre o grande amor romântico, a psicopatia, valores sociais, positividade, além da inclusão de outras variáveis do relacionamento amoroso.

Referências

- Andrade, A. L., & Garcia, A. (2009). Atitudes e crenças sobre o amor: Versão brasileira da Escala de Estilos de Amor. *Interpersona: An International Journal on Personal Relationships*, 3(1), 89-102.
- Barros, R. S. N., Soares, A. B., & Hernandez, J. A. E. (2019). Social skills, empathy, love, and satisfaction in the family life cycle. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 36, doi: 10.1590/1982-0275201936e180032. doi: 10.1590/1982-0275201936e180032.
- Bell, R. R. (1975). *Marriage and family interaction*, 4th ed., Homewood, IL: Dorsey Press.
- Book, A., Visser, B. A., & Volk, A. A. (2015). Unpacking “evil”: Claiming the core of the Dark Triad. *Personality and Individual Differences*, 73, 29–38. doi:10.1016/j.paid.2014.09.016.
- Caprara G. V, Alessandri G., Eisenberg N., Kupfer A., Steca P., Caprara M. G., Yamaguchi S., Fukuzawa, A., & Abela J. (2012). The positivity scale. *Psychol Assess*, 24(3), 701–712. doi: 10.1037/a0026681.
- Caprara, G. V., Alessandri, G., & Caprara, M. (2019). Associations of positive orientation with health and psychosocial adaptation: A review of findings and perspectives. *Asian Journal of Social Psychology*, 22(2), 126–132. doi: 10.1111/ajsp.12325.
- Cassepp-Borges, V., & Ferrer, E. (2019). Are We Missing the Circumplexity? An Examination of Love Styles. *Journal of Relationships Research*, 10. doi:10.1017/jrr.2019.13.
- Cassepp-Borges, V., & Pasquali, L. (2012). Estudo nacional dos atributos psicométricos da Escala Triangular do Amor de Sternberg. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 22(51), 21-31. doi:10.1590/S0103-863X2012000100004.
- Ceulemans, E., & Kiers, H. A. L. (2006). Selecting among three-mode principal component models of different types and complexities: A numerical convex hull based method.

- British Journal of Mathematical and Statistical Psychology*, 59, 133-150. doi: 10.1348/000711005X64817
- Damásio, B. F. (2012). Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. *Avaliação Psicológica*, 11, 213-228.
- Diener, E., Emmons, R., Larsen, J., & Griffin, S. (1985). The Satisfaction With Life Scale. *Journal of Personality Assessment*, 49(1),71-75. doi: 10.1207/s15327752jpa4901_13.
- Ekas, N. V., Timmons, L., Pruitt, M., Ghilain, C., & Alessandri, M. (2015). The Power of Positivity: Predictors of Relationship Satisfaction for Parents of Children with Autism Spectrum Disorder. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 45(7), 1997–2007. doi:10.1007/s10803-015-2362-4.
- Feeney, B. C., Collins, N. L. (2015). A new look at social support: A theoretical perspective on thriving through relationships. *Personality and Social Psychology Review*, 19, 113-147. doi: 10.1177/1088868314544222.
- Fletcher, G. J., Simpson, J. A., Campbell, L., & Overall, N. C. (2015). Pair-bonding, romantic love, and evolution: the curious case of Homo sapiens. *Perspect. Psychol. Sci.* 10, 20–36. doi: 10.1177/1745691614561683.
- França, P. S., Natividade, J. C., & Lopes (2016). Evidências de Validade da Versão Brasileira da Escala Amor do *Marriage and Relationships Questionnaire* (MARQ). *Psico-USF*, 21(2), 233-243. doi: 10.1590/1413-82712016210202.
- Freitas, N. B. C. (2017). Estratégias de resolução dos conflitos conjugais: uma explicação a partir da personalidade e dos valores humanos. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba, 152f. João Pessoa-PB.
- Freud, S. (1955). Group psychology and the analysis of the ego. In: *The standard edition of*

- the complete psychological works of Sigmund Freud*. vol. IS. London: Hogarth.
- Ghana, K., Saada, Y., & Untas, A. (2013). Effects of love styles on marital satisfaction in heterosexual couples: A dyadic approach. *Journal of Marriage & Family Review*, 49(8), 754-772. doi: 10.1080/01494929.2013.834025
- Gomes, A. I. A. S. B., Gouveia, V. V., Silva Júnior, N. A., Coutinho, M. L., & Santos, L. C. O. (2013). Escolha do (a) parceiro (a) ideal por heterossexuais: são seus valores e traços de personalidade uma explicação? *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(1), 29-37. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722013000100004>.
- Gonçalves, M. P. (2012). Atributos desejáveis do (a) parceiro (a) ideal: valores e traços de personalidade como explicadores (Tese de doutorado). Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba, 237f, João Pessoa, PB.
- Gouveia V. V., Ribeiro, M. G. C., Loureto, G. D. L., Silva Neta, O. F., Gouveia, R. S. V., Vilar, R., & Freire, S. E. A. (2019). Scale of Positive and Negative Affects (EAPN-10): evidence of its psychometric adequacy. *Temas psicol.*, 27(1), 189-203. doi: 10.9788/TP2019.1-14.
- Gouveia, V. V. & Guedes, I. O. (2017). Porque sei que é amor! Orientações axiológicas e atitudinais na escolha de realizações afetiva e profissional. (Relatório de pesquisa) Programa de Iniciação Científica – PIBIC. Departamento de Psicologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB.
- Gouveia, V. V. (2013). *Teoria funcionalista dos valores humanos: fundamentos, aplicações e perspectivas*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Gouveia, V. V., Carvalho, E. A. B., Santos, F. A., & Almeida, M. R. (2013). Escala Tetrangular do Amor: Testando sua estrutura e invariância fatorial. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 33(1), 32-45. doi: 10.1590/S1414-98932013000100004.
- Gouveia, V. V., Fonseca, P. N., Cavalcanti, J. P. N., Diniz, P. K. C., & Dória, L. C. (2009).

- Versão abreviada da Escala Triangular do Amor: evidências de validade fatorial e consistência interna. *Estudos de Psicologia*, 14(1), 31-39.
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., Fonseca, P. N., & Coelho, J. A. (2009). Life satisfaction in Brazil: Testing the psychometric properties of the Satisfaction With Life Scale (SWLS) in Five Brazilian Samples. *Social Indicators Research*, 90, 267-277. doi: 10.1007/s11205-008-9257-0.
- Gouveia, V. V., Milfont, T., Gouveia, R. S. V., Medeiros, E. D., Vione, K. C., & Soares, A. K. S. (2012). Escala de Vitalidade Subjetiva – EVS: Evidências de sua Adequação Psicométrica. *Psic.: Teor. e Pesq.*, 28(1), 5-13.
- Gouveia, V. V., Monteiro, R. P., Gouveia, R. S. V., Athayde, R. A. A., & Cavalcanti, T. M. (2016). Avaliando o lado sombrio da Personalidade: evidências psicométricas do *dark triad dirty dozen*. *Revista Interamericana de Psicologia*, 50(3), 420-432.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2013). *Multivariate data analysis: Pearson new international edition*. Pearson Higher Ed.
- Hefner, V. & Wilson, B. (2013). From Love at First Sight to Soul Mate: The Influence of Romantic Ideals in Popular Films on Young People's Beliefs about Relationships. *Journal Communication Monographs*, 80(2), 150-175. doi: 10.1080/03637751.2013.776697.
- Hendrick, C., & Hendrick, S. S. (1986). A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50(2), 392-402.
- Hendrick, C., & Hendrick, S. S. (1990). A Relationship-Specific Version of the Love Attitudes Scale. In: Neuliep, J. W. (Ed.) (1990). Handbook of replication research in the behavioral and social sciences. *Journal of Social Behavior and Personality*, 5(4), 239-254.
- Hendrick, C., Hendrick, S. S., & Reich, D. A. (2006) The brief sexual attitudes scale, *The*

- Journal of Sex Research*, 43(1), 76-86. doi: 10.1080/00224490609552301.
- Hernandez, J. A. E. (2003). Os Componentes do Amor e a Satisfação. *Psicologia Ciência e Profissão*, 21(3), 58-69. doi: 10.1590/S1414-98932003000100009.
- Hernandez, J. A. E.; Soares, V. L. A. B. (2013). Gênero, amor e satisfação em casais homo e heterossexuais. *Relações românticas, conjugais e parassociais*, 68, 1-24.
- Hoesni, S. M., Kadir, N. A., Sulaiman, W. S. W., & Hafidz, S. W. M. (2016). Love and marital satisfaction among urban malays: Comparing three groups Length of marriage. *Jurnal Psikologi Malaysia*, 30(2), 32-41.
- Holanda, I. R. (2019). *Estudo sobre o bem-estar no trabalho à luz da psicologia positiva*. (Dissertação de Mestrado). Programa de pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal do Ceará, 158f. Fortaleza-CE.
- Holgado-Tello, F. P., Chacón-Moscoso, S., Barbero-García, I., & Vila-Abad, E. (2010). Polychoric versus Pearson correlations in exploratory and confirmatory factor analysis of ordinal variables. *Quality & Quantity*, 44(1), 153-166. doi: 10.1007/s11135-008-9190-y.
- Horiuchi, S., Tsuda, A., Yoneda, K., & Aoki, S. (2018). Mediating effects of perceived stress on the relationship of positivity with negative and positive affect. *Psychology Research and Behavior Management*, 11, 299–303. doi:10.2147/prbm.s164761.
- Hudson, N. W., Lucas, R. E., & Donnellan, M. B. (2019). The Highs and Lows of Love: Romantic Relationship Quality Moderates Whether Spending Time With One's Partner Predicts Gains or Losses in Well-Being. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 1-18. doi:10.1177/0146167219867960.
- Ináncsi, T. Láng, A., & Bereczkei, T. (2016). A Darker Shade of Love: Machiavellianism and Positive Assortative Mating Based on Romantic Ideals. *Europe's Journal of Psychology*, 12(1), 137–152. doi:10.5964/ejop.v12i1.1007.

- Ináncsi, T., Láng, A., & Bereczkei, T. (2015). Machiavellianism and adult attachment in general interpersonal relationships and close relationships. *Europe's Journal of Psychology, 11*(1), 139-154. doi:10.5964/ejop.v11i1.801.
- Jonason, P. K., & Webster, G. D. (2010). The Dirty Dozen: A concise measure of the dark triad. *Psychological Assessment, 22*, 420-432. doi:10.1037/a0019265.
- Jonason, P. K., Valentine, K. A., Li, N. P., & Harbeson, C. L. (2011). Mate-selection and the Dark Triad: Facilitating a short-term mating strategy and creating a volatile environment. *Personality and Individual Differences, 51*, 759–763. doi: 10.1016/j.paid.2011.06.025.
- Jones, D. N., & Paulhus, D. L. (2014). Introducing the Short Dark Triad (SD3): A brief measure of dark personality traits. *Assessment, 21*, 28-41. doi:10.1177/1073191113514105.
- Kansky, J. (2018). What's love got to do with it?: Romantic relationships and well-being. In E. Diener, S. Oishi, & L. Tay (Eds.), *Handbook of well-being*. Salt Lake City, UT: DEF Publishers.
- Karandashev, V. (2015). A Cultural Perspective on Romantic Love. *Online Readings in Psychology and Culture, 5*(4), 1-14. doi:10.9707/2307-0919.1135.
- Knox, D. H. & Sporkowski, J. J. (1968). Attitudes of college students toward love. *Journal of Marriage and the Family, 30*, 638–642. doi:10.2307/349508.
- Krüger, H. (2013). Ideologias, sistemas de crenças e atitudes. In: Torres, A. R. R. (orgs.). *Psicologia social: temas e teorias*, Brasília: Technopolitik, 2013.
- Leste, P. (2013). *Visual communication: images with messages*. Massachusetts: Cengage Learning.
- Lorenzo-Seva, U., & Ferrando, P. J. (2013). *FACTOR 9.2. Applied Psychological Measurement, 37*(6), 497–498. doi:10.1177/0146621613487794.

- Lorenzo-Seva, U., Timmerman, M. E., & Kiers, H. A. L. (2011). The Hull Method for Selecting the Number of Common Factors. *Multivariate Behavioral Research*, 46(2), 340-364. doi: 10.1080/00273171.2011.564527.
- Lorenzo-Seva, U., Timmerman, M. E., & Kiers, H. A. L. (2011). *The Hull Method for Selecting the Number of Common Factors*. *Multivariate Behavioral Research*, 46(2), 340–364. doi:10.1080/00273171.2011.564527.
- Love, A. B. & Holder, M.D. J. (2016). Can Romantic Relationship Quality Mediate the Relation Between Psychopathy and Subjective Well-Being? *Journal of Happiness Studies*, 17(6), 2407-2429. doi: 10.1007/s10902-015-9700-2.
- Love, A. B., & Holder, M. D. (2014). Psychopathy and subjective well-being. *Personality and Individual Differences*, 66, 112–117. doi: 10.1016/j.paid.2014.03.033.
- Maslow, A. (1954). *Motivation and personality*. New York: Harper & Row.
- Maslow, A. H. (1962). *Toward a psychology of being*. Princeton, NJ: Van Nostrand.
- Maslow, A. H. (1979). *El hombre Autorrealizado*. Barcelona: Kairós.
- McKeever, N. (2015). *Is the Requirement of Sexual Exclusivity Consistent with Romantic Love?* *Journal of Applied Philosophy*, 34(3), 353–369. doi:10.1111/japp.12157.
- Moguillansky, R. & Nussbaum, S. (2017). Bem-estares e mal-estares do amor no casal moderno. *Rev. Bras. de Psicanálise*, 51(2), 33-54.
- Monteiro, R. P. (2017). *Tríade sombria da personalidade: conceitos, mediação e correlatos*. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB.
- Neto, F., & Wilks, D. C. (2017). Compassionate Love for a Romantic Partner Across the Adult Life Span. *Europe's journal of psychology*, 13(4), 606–617. doi:10.5964/ejop.v13i4.1204.
- Oliveira, I. C. V. & Gouveia, V. V. (2017). Inventário de personalidade virtuosa: elaboração e

- evidências de validade fatorial, convergente e discriminante. In: Oliveira, I. C. V. Personalidade virtuosa: evidências psicométricas e correlatos valorativos e pró-sociais. Tese de Doutorado (não publicada). Programa de Pós-graduação em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB.
- Oravec, Z., Dirsmith, J., Heshmati, S., Vandekerckhove, J., & Brick, T. R. (2020). Psychological well-being and personality traits are associated with experiencing love in everyday life. *Personality and Individual Differences.*, 7, 1-9. doi:10.1016/j.paid.2019.109620.
- Pacico, J. C., & Hutz, C. S. (2015). Validade. In C. S. Hutz, D. R. Bandeira, & C. M. Trentini (Eds.), *Psicometria* (pp. 71-84). Porto Alegre: Artmed.
- Pasquali, L. (2010). Testes referentes a construto: teoria e modelo de construção. In L. Pasquali (Ed.), *Instrumentação psicológica*. Fundamentos e práticas (pp. 165-198). Porto Alegre: Artmed.
- Pimentel, C. E., Silva, F. M. S. M., Santos, J. L. F., Oliveira, K G., Freitas, N. B. C., Couto, R. N., & Brito, T. R. S. (2018). Single-Item Self-Esteem Scale: Brazilian Adaptation and Relationship with Personality and Prosocial Behavior. *Psico-USF*, 23(1), 1-11. doi: 10.1590/1413-82712018230101.
- Rammstedt, B., & Beierlein, C. (2014). Can't we make it any shorter? *Journal of Individual Differences*, 35(4), 212–220. <http://dx.doi.org/10.1027/1614-0001/a000141>.
- South, S. C., Krueger, R. F., Elkins, I. J., Iacono, W. G., & McGue, M. (2015). *Romantic Relationship Satisfaction Moderates the Etiology of Adult Personality*. *Behavior Genetics*, 46(1), 124–142. doi:10.1007/s10519-015-9767-x.
- Yela, C. (1996). Basic components of love: Some variations on Sternberg's model. *Revista de Psicologia Social. Fundacion Infancia y Aprendizaje*, 11(2), 185-201. doi: 10.1174/02134749660569341.

Yela, C. (1998). Temporal course of basic dimensions of love throughout relationships.

Psychology in Spain, 2, 76-86.

Yela, C. (2006). The evaluation of love simplified version of the Scales for Yela's

Tetragonal model based on Sternberg's model. *European Journal of Psychological Assessment, 22*, 21-27.

ARTIGO 3

O EFEITO MODERADOR DOS VALORES SOCIAIS NAS CRENÇAS DO

GRANDE AMOR ROMÂNTICO

THE MODERATOR EFFECT OF SOCIAL VALUES ON BELIEFS OF GREAT

ROMANTIC LOVE

EL EFECTO MODERADOR DE LOS VALORES SOCIALES EN LAS CREENCIAS

DEL GRAN AMOR ROMÂNTICO

Nájila Bianca Campos Freitas

Valdiney Veloso Gouveia

Universidade Federal da Paraíba

Resumo

O presente estudo objetivou testar os efeitos moderadores dos valores sociais (normativa e interativa) na relação entre os componentes do amor (intimidade, paixão e compromisso) e as crenças do grande amor romântico. Os participantes (N = 390, com idades entre 17 a 65 anos) responderam a Escala de Crenças do Grande Amor Romântico, Escala Triangular do Amor, Questionário dos Valores Básicos e Questões sociodemográficas. A princípio, por meio de regressões múltiplas, testou-se o efeito interativo, constatando que os componentes do amor e os valores sociais predisseram positivamente as crenças do grande amor romântico, explicando conjuntamente 21% da variância total. Adicionalmente, identificou-se o efeito moderador dos valores sociais na relação entre os componentes do amor e as crenças do grande amor romântico ($\beta = 0,20$, $t = 2,07$, $p = 0,039$), para diferentes níveis de interações (baixo, médio e alto). Os resultados encontrados asseguram que quanto mais as pessoas endossam valores sociais, mais forte se torna a relação entre os componentes do amor e a crenças do grande amor romântico. O conhecimento sobre estas relações podem subsidiar o desenvolvimento de intervenções psicológicas futuras que promovam bem-estar individual, bem como da relação romântica.

Palavras-chave: valores sociais, crenças, amor romântico, relacionamento.

Abstract

This study aimed to test the moderating effects of social values (normative and interactive) on the relationship between the components of love (intimacy, passion and commitment) and the beliefs of great romantic love. Participants (N = 390, aged 17 to 65 years) answered the Great Romantic Love Belief Scale, Triangular Love Scale, Basic Values Questionnaire, and sociodemographic questions. At first, through multiple regressions, the interactive effect was tested, finding that the components of love and social values positively predicted the beliefs of great romantic love, explaining together 21% of the total variance. Additionally, the moderating effect of social values on the relationship between the components of love and the beliefs of great romantic love was identified ($\beta = 0.20$, $t = 2.07$, $p = 0.039$), for different levels of interactions (low, medium and high). The results found ensure that the more people endorse social values, stronger the relationship becomes between the components of love and the beliefs of great romantic love. The knowledge about these relationships can support the development of future psychological interventions that promote individual well-being, and romantic relationships as well.

Keywords: social values, beliefs, love, relationship.

Resumen

Este estudio tenía como objetivo probar los efectos moderadores de los valores sociales (normativos e interactivos) en la relación entre los componentes del amor (intimidad, pasión y compromiso) y las creencias del gran amor romántico. Los participantes (N = 390, de 17 a 65 años) respondieron a la Escala de Creencias del Gran Amor Romántico, Escala Triangular del Amor, Cuestionario de Valores Básicos y Preguntas Sociodemográficas. Al principio, a través de regresiones múltiples, se probó el efecto interactivo, encontrando que los componentes del amor y los valores sociales predecían positivamente las creencias del gran amor romántico, explicando

juntos el 21% de la varianza total. Además, identificamos el efecto moderador de los valores sociales en la relación entre los componentes del amor y las creencias del gran amor romántico ($\beta = 0.20$, $t = 2.07$, $p = 0.039$), para diferentes niveles de interacción (bajo, medio y alto). Los resultados encontrados aseguran que la gente que más apoya los valores sociales, presentan más fuerte relación entre los componentes del amor y las creencias del gran amor romántico. El conocimiento de estas relaciones puede apoyar el desarrollo de futuras intervenciones psicológicas que promuevan el bienestar individual, así como las relaciones románticas.

Palabras clave: valores sociales, creencias, amor, relación.

Introdução

A expressão “grande amor da minha vida” é comumente utilizada pelas pessoas de diversas culturas e idades (Karandashev, 2019). Acreditar que existe um grande amor romântico e que é possível vivenciá-lo provavelmente fará com que as pessoas atribuam um significado único e positivo ao amor romântico, do contrário, aquelas que acreditam que o amor romântico é uma experiência que não denota exclusividade, que pode ser vivenciado com diferentes pessoas no decorrer da vida, fará com que elas idealizem menos o(a) parceiro(a) e a relação (Zsok, Haucke, De Wit, & Barelds, 2017).

Desde a antiguidade, Platão já concebia o amor romântico como algo complexo, carregado de carência, mas desejável, pois continha a promessa de que era uma necessidade que, ao ser suprida, o indivíduo se sentiria completo (Savian filho, 2016). Desejar um relacionamento romântico remete, para determinadas culturas, especialmente as de caráter mais coletivista, a idealização da busca pela felicidade, dado que é compreendido como um fator único que promoverá à completude a pessoa com quem está em um relacionamento, não obstante, tal crença parece atribuir aos indivíduos uma espécie de status, pódio, disseminado pelas sociedades, especialmente as que possuem valores tradicionais (Cerqueira & Rocha 2018).

Nessa perspectiva, acreditar e buscar um grande amor romântico envolve fatores individual e social. A nível individual, está relacionado ao fato de concretizar um conjunto da idealização acerca do parceiro(a) e da relação, promovendo assim a sensação de realização pessoal, já a nível social, permite dar continuidade ao legado do padrão tradicional de constituir família e, assim, a continuidade da existência da raça humana (Heshmati & Oravec, no prelo; Karandashev, 2015). A propósito disso, a psicologia evolucionista explica que os indivíduos tendem a selecionar e buscar características (e.g., confiança, apoio social, fidelidade) que lhes dê segurança quanto a estabelecerem um relacionamento a longo prazo, e

isto estaria ligado de forma ancestral aos benefícios para o indivíduo selecionado (Gerlach, Arslan, Schultze, Reinhard & Penke, 2019; Williams & Sulikowski, 2020).

Para explicar como o relacionamento romântico é desejável pelos indivíduos, Bauman (2004) ofereceu as seguintes explicações: (1) Apaixonar-se é algo tentador, que envolve sensações prazerosas quanto à conquista; (2) É um desafio que envolve mistério, o qual coloca à prova as habilidades de interação entre duas pessoas; (3) É um provedor de segurança, ao receber do outro apoio social, fidelidade e cumplicidade; e (4) Permite o planejamento e execução dos planos em parceria, provocando a alusão a adjetivos como único, belo e especial.

Isto posto, quais as possíveis crenças que motivam os indivíduos a desejarem vivenciar uma história real de um grande amor romântico? Com base na literatura, Freitas e Gouveia (2020, ver artigos 1 e 2) elencaram componentes que supostamente integram as crenças acerca do grande amor romântico, as quais são: (1) ideal romântico (Freud, 1996; Yela, 1998; 2006), que destacam as crenças sobre o poder do amor e a perfeição do romance, gerando assim uma idealização quanto a sua formação, desenvolvimento, funcionamento e manutenção; (2) equilíbrio e durabilidade (Sternberg, 1986), abordados como a interação e manutenção entre os componentes do amor (intimidade, paixão e compromisso), capazes de promover a satisfação e permanência da relação; (3) autorrealização (Maslow, 1954; 1962), representado pela aceitação plena do outro, submissão a amá-lo pelo que é (ou acredita-se que seja), traduzindo-o como uma complementação pessoal; e (4) aspectos sociais, crenças compartilhadas em decorrência da cultura (Hefner & Wilson, 2013).

Explorar a temática acerca das crenças parece pertinente, uma vez que, servem como estruturas de conhecimento que ajudam a guiar a maneira pela qual os acontecimentos são processados e interpretados, isto é, são representações mentais relacionadas a processos cognitivos, afetivos e comportamentais (Krüger, 2013). Ao tomar como base o amor

romântico, nota-se que as crenças permeiam ideias vinculadas a idealização de viver algo mágico e perfeito com seu par romântico, bem como na relação que será estabelecida, conferindo assim o meio para a felicidade e satisfação pessoal (Hudson, Lucas, & Donnellan, 2019; Papp, Liss, Erchull, Godfrey, & Waaland-Kreutzer, 2017).

Sendo assim, o amor romântico é fortemente sustentado por sentimentos (e.g., confiança, carinho e intimidade) representados por atitudes e comportamentos que variam em função do tempo e/ou cultura e que promovem sentido ao indivíduo (Ferh, 2015; Karandashev, 2015). A propósito disso, por meio da socialização, a cultura influencia na construção do imaginário individual quanto às formas de sentir, pensar e agir, e isto pode se dar mediante a transmissão dos valores (Hei & David, 2018; Soares et al., 2020). Acerca disso, é possível verificar que, desde a década de 70, os valores humanos constituem em uma variável fundamental na adoção e julgamento das atitudes e dos comportamentos (Rokeach, 1973). Seu estudo se dá mediante explicações pautadas em modelos cultural/grupal (e.g., Hofstede, 1984; Inglehart, 1977; Schwartz, 1999) e psicológico/individual (e.g., Rokeach, 1973; Schwartz, 1992; Gouveia, 2013).

Juga-se então pertinente discutir as crenças do grande amor romântico à luz da Teoria Funcionalista dos Valores Humanos (Gouveia, 2013; Gouveia, Milfont, & Guerra, 2014), principalmente por apontar, entre outros, pressupostos de interesse da presente pesquisa: (1) base motivacional, expressando cognitivamente necessidades humanas; (2) princípios-guia de comportamentos, constituídos por categorias que orientam as condutas dos indivíduos em meio social e (3) admite-se a condição perene, o grau de importância atribuído varia em razão de papéis sociais assumidos, mas no geral, continuam aproximadamente os mesmos, independente do tempo e espaço (Gouveia, 2013; Gouveia, Vione, Milfont, & Fischer, 2015).

Com base nos pressupostos, Gouveia (2013, 2016) postula em sua teoria que os valores humanos apresentam duas funções principais: (1) guiar os comportamentos dos

indivíduos no meio social – tipo de orientação (*pessoal, central e social*) e (2) expressar cognitivamente as necessidades humanas – *tipo de motivador (materialista e idealista)*. A combinação das funções originam uma estrutura circumplex 3x2, formada por seis subfunções valorativas: (1) *experimentação*, satisfação das necessidades fisiológicas; (2) *realização*, compreende as necessidades de autoestima; (3) *existência*, satisfação das necessidades mais básicas ; (4) *suprapessoal*, priorização da estética e cognição; (5) *interativa*, necessidades de pertença, amor e filiação pelos seus pares; e (6) *normativa*, respeito as normas e tradição da cultura (ver Figura 1).

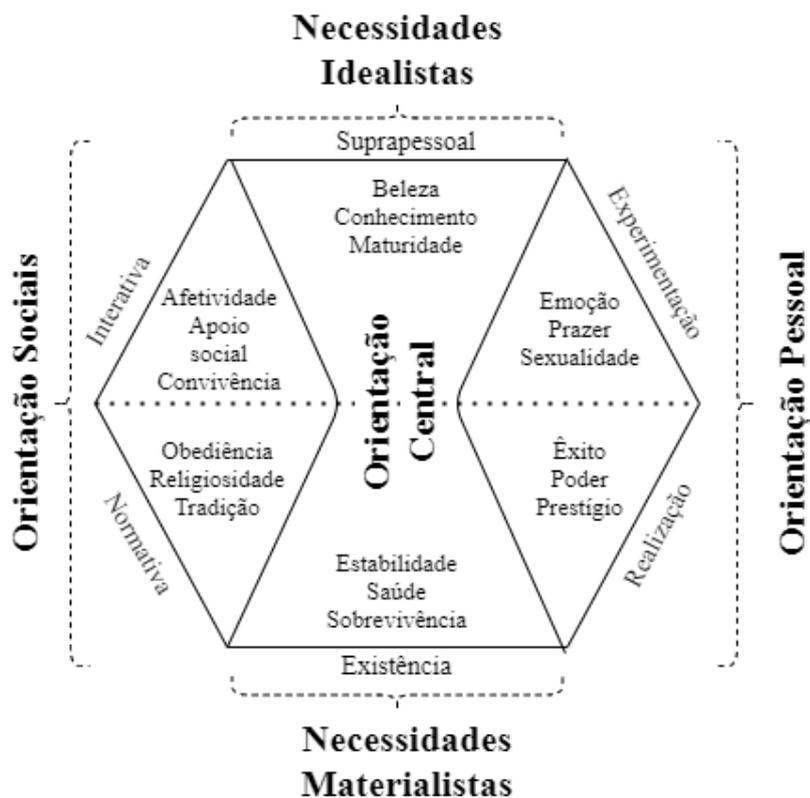


Figura 1. Funções, subfunções e valores específicos (adaptado Vilar, 2020).

Em razão das funções dos valores humanos, parece ser oportuno conhecer o tipo de orientação valorativa que modera a formação das crenças acerca do grande amor romântico. Embora não tenha sido identificado estudos prévios que tratem especificamente sobre isso, Sekibo (2019), observou em um estudo que os valores tradicionais influenciam as

experiências e maneiras de demonstrar o amor, e isso envolve desde a atração física, a sexual até atitudes românticas (e.g., estar junto; formas de agradar).

Compatível a esse entendimento, Lopes, Santos, Shackelford, Tratner, Gouveia (2017) verificaram que quando os sujeitos de seu estudo foram questionados, considerando a possibilidade destes se engajarem em um relacionamento a longo prazo, estes avaliaram negativamente possíveis alvos românticos descritos por apresentarem uma prioridade valorativa baseadas em valores de experimentação (i.e., valores de orientação pessoal). De um ponto de vista evolutivo, tais valores sugerem maior probabilidade a infidelidade, pois, por exemplo valores de excitação (e.g., prazer, sexualidade) podem ser interpretados como promiscuidade sexual, favorecendo a mudanças e inovações na estrutura das organizações sociais, principalmente as de culturas com predomínio de valores tradicionais. Portanto, tais valores não seriam adaptativos às relações românticas de longo prazo.

Não obstante a contribuição dos valores humanos na explicação das crenças do grande amor romântico é promissora agregar a isto os elementos gerais de amor e atração (pessoas, objetos ou ideias), postulados na Teoria Triangular do Amor (TTA), desenvolvida por Robert Sternberg (1986, 2006). Este autor defende que o amor é formado por componentes, os quais, ainda que, sejam representados por diferentes nomes e/ou assumam diferentes graus de importância, estarão presentes em todas as culturas, no decorrer do tempo. Nessa linha de raciocínio, os componentes do amor foram por ele definidos como a paixão, intimidade e compromisso/decisão.

A paixão (componente motivacional) é um elemento romântico e físico (e.g., consumação sexual, atração física, excitação física e emocional); Já a intimidade (componente emocional) refere-se ao companheirismo, conhecimento do outro, compartilhamento e envolvimento afetivo; Por fim, a decisão/compromisso (componente cognitivo) refere-se à decisão de estar com o outro e o compromisso em permanecer na relação (Askarpour &

Mohammadipour, 2016; Hernandez, 2016; Sternberg, 1986, 2006). É possível encontrar uma variedade de estudos com foco nos relacionamentos interpessoais utilizando este modelo teórico, a exemplo de tipos de relacionamentos casuais (Rodríguez, Blais, Lavoie, Adam, Goyer, & Magontier, 2018), estilos de apego (Batinić, Milosavljević, & Barisić, 2016), saúde afetiva e gestação (Fernández-Carrasco, González-Mey, Rodríguez-Díaz, Vázquez-Lara, Gómez-Salgado, & Parrón-Carreño, 2019) e de espiritualidade (Dhamija, Dhamija, & Singh, 2019).

Diante da exposição dos modelos teóricos acima apresentados, espera-se que seja possível ampliar o entendimento acerca das crenças vinculadas ao amor romântico, tal conhecimento servirá ainda para entender a influência do sistema de crenças na constituição que precede, bem como, sucede a relação romântica. Para isso, o presente artigo tem como objetivo testar o efeito moderador dos valores sociais (i.e., subfunções normativa e interativa) na relação entre os componentes do amor (i.e., o escore total das dimensões intimidade, paixão e compromisso) e as crenças do grande amor romântico. Para um detalhamento do modelo conceitual (ver Figura 2).

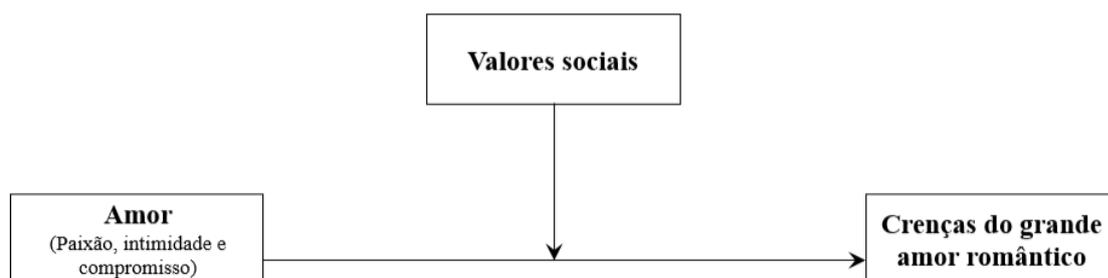


Figura 2. Diagrama conceitual do efeito moderador dos valores sociais na relação entre o amor e crenças do grande amor romântico.

Método

Delineamento e Hipóteses

Tratou-se de um delineamento correlacional, considerando medidas de autorrelato [e.g., valores humanos, componentes do amor (intimidade, paixão e compromisso/decisão) e

crenças sobre o grande amor romântico]. Para sua realização postularam-se duas hipóteses, a saber: (1) as crenças acerca do grande amor se relacionaram positivamente com os componentes do amor (paixão, intimidade e compromisso; Heshamti, Oravecz, Pressman, Batchelder, Muth & Vandekerckhove, 2017; Sternberg & Sternberg, 2018) e (2) os valores sociais irão moderar a relação entre os componentes do amor (TTA) e as crenças acerca do grande amor (Heshmati & Oravecz, 2020, no prelo; Oliveira, 2017).

Participantes

Participaram 390 estudantes universitários com idades variando de 17 a 65 anos ($M = 22,14$; $DP = 6,74$), sendo em sua maioria do sexo feminino (70,3%), heterossexual (77,4%), católica (36,1%) e de classe média (48,7%). Quanto ao status de relacionamento, 39,2% dos participantes informaram estar namorando, seguidos por 33,8% que estavam ficando/nada sério.

Instrumentos

Foram utilizados os seguintes instrumentos:

Escala de Crenças do Grande Amor Romântico (ECGAR). Elaborada por Freitas e Gouveia (2020), esta escala é composta de cinco itens (e.g., Item 3. “Você acredita em um grande e único amor”) com escala de resposta dicotômica (0 = não; 1 = sim), para avaliar as crenças do grande amor. A medida apresentou uma consistência interna satisfatória de (0,84; *Expected a Priori reliability*).

Escala Triangular do Amor (ETA; Sternberg, 1986). Esta medida é composta originalmente por 45 itens, porém no presente estudo utilizou-se a versão reduzida de 15 itens proposta por Gouveia, Fonsêca, Cavalcanti, Diniz e Dória (2009), os itens são compostos por espaços que devem simbolizar mentalmente o nome do(a) parceiro(a), os quais estão distribuídos equitativamente entre os três fatores: *intimidade* (e.g., Item 2. “Eu recebo considerável supor emocional de _____”), *paixão* (e.g., Item 6. “Só em olhar para _____ é

excitante”) e *compromisso* (e.g., Item 7. “Não imagino terminar o relacionamento com _____”). Os itens são respondidos em uma escala com 9 pontos, com os extremos: 1 (Não me descreve nada) e 9 (Me descreve totalmente). Na versão reduzida os índices de confiabilidade variaram entre $\alpha = 0,86$ (*Intimidade*) a $\alpha = 0,88$ (*Compromisso*).

Questionário dos Valores Básicos (QVB; Gouveia, 2013). Este instrumento mensura as prioridades valorativas dos indivíduos. Constituído por 18 itens, sendo distribuídos três itens em cada subfunção (*Experimentação; Realização; Suprapessoal; Existência; Interativa e Normativa*), representando seus valores específicos (e.g., Subfunção *Interativa*, representado pelo valor “*Apoio social. Obter ajuda quando a necessite; sentir que não está só no mundo*”). Tais descritores são respondidos em uma escala de sete pontos, entre 1 (Totalmente não importante) a 7 (Totalmente importante). Os índices de consistência interna foram satisfatórios, variando nas subfunções valorativas entre $\alpha = 0,48$ (*suprapessoal*) e $\alpha = 0,70$ (*normativo*).

Questões sociodemográficas para fins de caracterização da amostra, com itens sobre idade, sexo, religião e status de relacionamento.

Procedimentos

Os participantes responderam ao presente estudo em ambientes de sala de aula. Inicialmente, encontrou-se em contato com os professores por e-mail institucional, solicitando-os a permissão para aplicação dos questionários, com agendamento a critério do professor. Todos os participantes foram informados do caráter voluntário e anônimo da pesquisa, assim como que poderiam vir a desistir a qualquer momento. A duração média de resposta foi de 20 minutos.

Em relação aos aspectos éticos, previamente à coleta de dados, o projeto foi submetido à Plataforma Brasil, aprovado sob o parecer (CAAE: 29861820.7.0000.5188), com o intuito de verificar sua adequação aos princípios éticos em pesquisas científicas envolvendo seres

humanos, de acordo com o que regulamenta o Conselho Nacional de Saúde e o Ministério da Saúde, por meio da resolução nº 510/16 (Brasil, 2016).

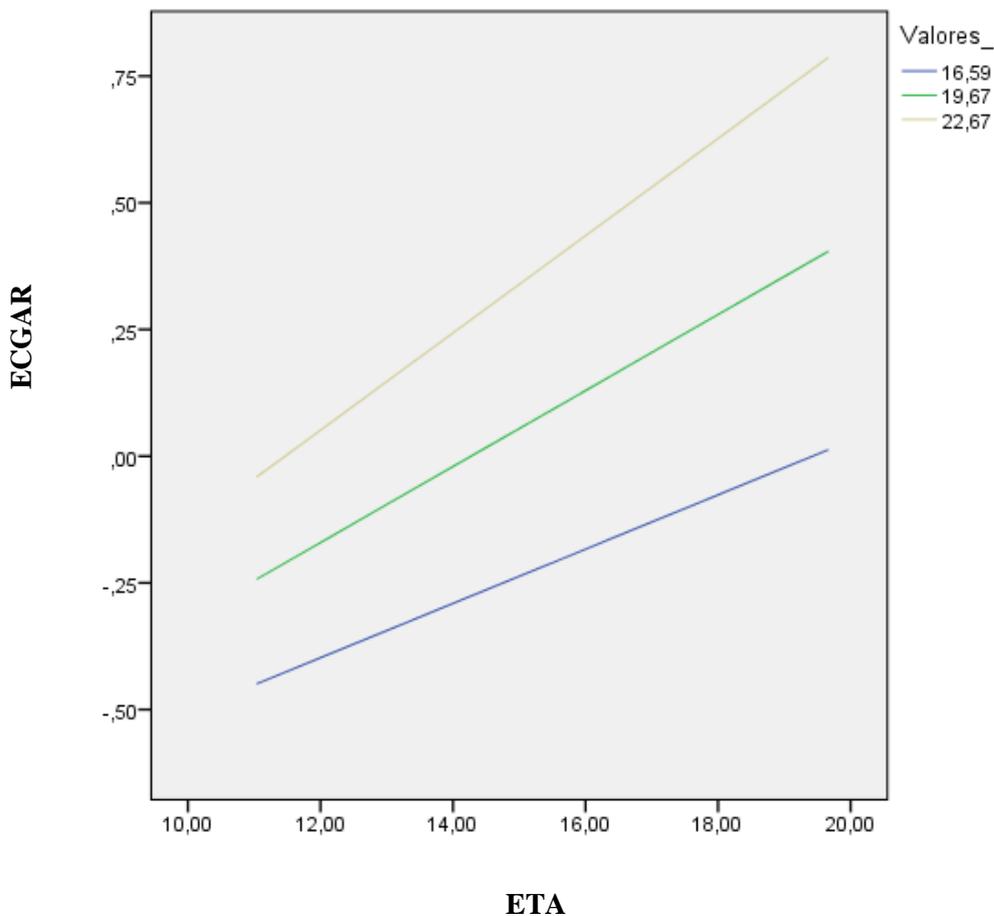
Análise de dados

As análises dos dados foram realizadas com o pacote estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS, versão 23). Inicialmente, empregou-se tal pacote para fins de cálculo de estatísticas descritivas e análises de correlação de *Pearson* para as variáveis do presente estudo. Em um segundo momento, utilizou-se para testar um modelo de moderação simples da relação $ETA_Total \rightarrow ECGAR$, tendo como variável moderadora os valores sociais (i.e., efeito de interação $ETA_Total * \text{valores sociais}$).

Resultados

Para testar o efeito interativo previsto, realizaram-se regressões múltiplas, primeiramente padronizando-se as pontuações das variáveis e, em seguida, criando os termos de interação multiplicando as pontuações padronizadas. Para tal análise, foram adotados os procedimentos preconizados por Miles e Shevlin (2001), inserindo-se a variável independente e a moderada no passo 1 da regressão e seu termo de interação no passo 2.

Como esperado, tanto a ETA_Total ($\beta = 0,30, t = 6,13, p < 0,001$), quanto os valores sociais ($\beta = 0,27, t = 5,36, p < 0,001$) predisseram positivamente o ECGAR, explicando conjuntamente 21% da variância total [$F(2, 337) = 46,98, p < 0,001$]. Adicionalmente, identificou-se um efeito moderador dos valores sociais na relação $ETA_Total \rightarrow ECGAR$ ($\beta = 0,20, t = 2,07, p = 0,039$). Em seguida, com o intuito de testar as interações significativas, calcularam-se os efeitos simples, representando as diferenças médias de atitudes positivas em relação ao ECGAR para diferentes níveis de ETA_Total , com baixo, médio e alto endosso de valores sociais usando *ModGraph* (Jose, 2013). Em resumo (Figura 03), observaram-se slopes significativos para as três condições dos valores sociais (baixo, médio e alto; $\beta = 0,05, t = 3,57, p < 0,01$; $\beta = 0,07, t = 6,32, p < 0,001$ e $\beta = 0,09, t = 5,90, p < 0,001$, respectivamente).



ETA
 Figura 3. Efeito moderador dos valores sociais na relação entre os componentes do amor e ECGAR.

Discussão

O presente estudo fornece evidências dos efeitos moderadores dos valores sociais (normativa e interativa) na relação entre os componentes do amor (intimidade, paixão e compromisso) e as crenças do grande amor romântico. A partir disso, assegura-se que, quanto mais as pessoas endossam valores sociais, representados pelas subfunções *interativa* e *normativa* mais forte se torna a relação entre os componentes do amor e a crenças do grande amor romântico. Estes resultados têm implicações importantes para a nossa compreensão sobre o que sustenta as crenças do grande amor romântico e revelam um alvo para estudo promissores, além de intervenções terapêutica.

As crenças do grande amor romântico são incorporadas de idealizações sobre um

único(a) amante e uma relação que presta atenção nas qualidades positivas e negligencia as negativas, avalia como o(a) melhor amante, acredita assim na infinidade da paixão, compromisso e intimidade, dado que o amor vence tudo e supera todos os obstáculos (Karandashev, 2019).

A definição do grande amor romântico apresenta compilação de características descritivas, em termos de sentimentos, pensamentos e comportamentos, manifestados por seus componentes: ideal romântico, equilíbrio e perenidade, autorrealização e aspectos sociais (Freitas & Gouveia, 2020, ver artigos 1 e 2). Com base nisso, os indivíduos que acreditam no grande amor romântico dão importância a características como (1) predestinação e idealização potencial do parceiro(a), (2) a presença e equilíbrio entre componentes, (3) a busca pela autorrealização pessoal e da relação, isto é felicidade e prazer e (4) corresponder aos padrões culturais.

Em termos gerais, as crenças acerca do grande amor romântico são constituídas por atração intensa que envolva os critérios acima mencionados, contidos nos componentes do amor intimidade, paixão e compromisso/decisão, ancorado em projeções de um futuro eterno (Hudson et al., 2019; Karandashev, 2019). À luz desse entendimento, Fisher (2016; 2004) elenca que a experiência do amor associa-se a: (a) "pensar que o(a) parceiro(a) é único(a)"; (b) "prestar atenção às qualidades positivas do(a) parceiro(a)"; (c) sentimentos de "alegria", "aumento de energia", "batimento cardíaco" e "intensa excitação emocional induzida por estar presencialmente ou pensamento com o(a) parceiro(a)"; (d) sentir-se ainda mais conectado em momentos de adversidade; (e) possuir "pensamento intrusivo, dependência afetiva"; (f) sentir-se possessivo e dependente; (g) desejar "união" (h) ter um forte senso de altruísmo e preocupação pelo (a) parceiro(a); (i) reordenar as prioridades para favorecer o(a) parceiro(a); (j) "sentir atração sexual"; e (k) classificar "união emocional" como tendo "precedência sobre o desejo sexual" e (j) é "involuntário" e incontrolável.

Para além dessa evidente universalidade transcultural quanto aos “sintomas do amor”, este também é um conceito social e culturalmente construído (Hei & David, 2018; Karandashev et al., 2020). A experiência cultural do amor está presente por meio das instituições sociais (e.g., igrejas, governos), contextos sociais (e.g., rede sociais, trabalho, produção cinematográfica) e códigos culturais (e.g., "eu te amo" “você é especial” “grande amor da minha vida” “troca de alianças”). Diante disso, os componentes do amor (paixão, compromisso e intimidade; Sternberg, 2006) exercem relação direta com as crenças acerca do grande amor romântico. Tal resultado permite aprofundar ainda mais na compreensão dos fatores subjacentes a essas crenças.

De modo particular, a paixão é um sentimento desejado quando se pensa no grande amor romântico, ainda que para alguns em maior intensidade do que outros. Neste cenário de sensações acaloradas está presente a excitação, representada pelo entusiasmo em experimentar novas sensações prazerosas, que impulsionam a mudanças que permitem a absorção e troca de desejos entre si e o outro. A propósito disto, não é à toa que a paixão é comparada a um vício, pois evoca efeitos neurofisiológicos similares a das pessoas que são viciados em drogas (Fisher, Xu, Aron, & Brown, 2016). Assim, a paixão ocupa um lugar único nos pensamentos, o que o torna um sentimento intenso e, principalmente, exclusivo.

O grande amor romântico dispõe de compromisso com o(a) parceiro(a) e a relação, almeja-se então encontrar a perseverança, o engajamento duradouro, significado ou propósito de vida (Weigel, Ballard-Reisch, & Davis, 2019; Weigel, Etopio, Shrouf & Evans, 2020). Atrelado a isso, os parceiros precisam estar decididos a enfrentar os desafios (e.g., rotina, privacidade, criação de filhos) no decorrer da relação de forma compartilhada (Sternberg & Sternberg, 2018).

A intimidade, por sua vez, “adoça” as crenças acerca do grande amor romântico, por assim dizer, as pessoas esperam que haja confiança, compreensão, conexão e familiaridade

quanto aos comportamentos e decisões presentes na relação (Khalifian & Barry, 2016). Por meio da intimidade, os cônjuges aprendem a compartilharem suas emoções (e.g., apoio, cumplicidade e desejos sexuais). Adiciona-se ainda a esse componente a interdependência, isto é a conexão entre os cônjuges (e.g., passar tempo juntos, negociações, investimento mútuo; Testa, Wang, Derrick, & Leonard, 2019).

Conotações românticas como "eles fazem amor", "eles estão abraçados", "alguém lhes diz 'eu te amo'" e "eles estão de mãos dadas" denota aspecto interpessoal e refletem os componentes do amor, mencionados anteriormente. Para além, as pessoas são capazes de identificarem essas conotações como formas de sentir-se amado(a) em uma variedade de contextos culturais e isso foi comprovado em um estudo realizado por Heshamti et al. (2017). Segundo os autores, existe um consenso cultural sobre o amor sentido, experimentado pelas pessoas e as diferenças culturais afetavam as várias dimensões do amor (e.g., sensação de amar, os pensamentos que vêm à mente quando se está apaixonado e os comportamentos que são considerados apropriados e agradáveis nas vidas amorosas).

Quanto à influência dos valores, nota-se que o efeito moderador dos valores sociais demonstra ser coerente com a literatura científica. Valores interativos (afetividade, apoio social e convivência) possuem caráter pró-social, isto é, são direcionados a promoção do bem-estar do outro (Oliveira, 2017). Ademais, tais valores cumprem funções importante em contextos de relações românticas, relacionando-se a níveis mais elevados de perdão conjugal (Fonsêca, et al., 2017), assim como no contexto do divórcio (Couto, 2017). As crenças acerca do grande amor romântico são constituídas por aspectos positivos, logo quem as idealiza espera encontrar alguém que seja afetuoso e amigável, além disso, que apresente comportamentos de convivência, atenção e cumplicidade acerca dos interesses pessoais (Lopes, 2018). Acreditar no grande amor romântico faz com que as pessoas o idealizem, tornando-o assim único e especial.

Reforçando essa ideia, Heshmati e Oravec (2020, no prelo) realizaram um estudo sobre as crenças de experiências cotidianas do amor, baseadas em critérios pessoais e culturais. Os resultados revelaram que 90% das pessoas acreditavam que eles e os demais se sentiriam mais amados quando seu(sua) parceiro(a) demonstrava comportamentos empáticos acerca da vida do outro, como em momentos de doença ou de oferecer ajuda sem exigir nada em troca. No geral, os autores observaram que ter relacionamentos positivos, sentido de vida, sentir-se realizado e experimentar emoções positivas estavam positivamente relacionados à correspondência entre as crenças das pessoas e indicadores que fazem outros se sentirem amados.

Os valores normativos, por sua vez, representados por obediência, religiosidade e tradição, além de pró-social, reforçam a ideia que as crenças acerca do grande amor romântico são revestidas de normas sociais. Acredita-se então que tal assimilação produz bem-estar e satisfação com a vida das pessoas (Gomes, 2016; Marques, Silva, & Taveira, 2017). Cada cultura lança aos seus membros prescrições sobre as dimensões da vida, entre estas a romântica. Sobre isso, está presente as expectativas que os parceiros precisam alcançar para obterem qualidade em seus relacionamentos (Hoffmeister, Carvalho, & Marin, 2019; Watkins et al., 2019). Isto posto, as crenças acerca do grande amor romântico estão de certa forma, arraigadas aos modelos culturais que, através dos valores normativos podem ser entendidas como um fenômeno que, uma vez estável na realidade, podem ser almejados pelas pessoas (Gouveia, Fonsêca, Milfont, & Fischer, 2011).

As crenças acerca do grande amor romântico guiadas por valores normativos estão ancoradas em princípios normativos, acarretando assim uma maior responsabilidade sobre as decisões tomadas para a própria vida, bem como a do parceiro. Por possuírem o fator religiosidade, provavelmente as pessoas que acreditam nessas crenças, esperam que seu(sua) parceiro(a) apresentem comportamentos como obediência aos pais e as autoridades, siga os

preceitos religiosos quanto ao casamento, assim como exerçam uma boa cidadania.

Em termos conclusivos dos resultados apresentados nesse artigo quanto as crenças das pessoas acerca do grande amor romântico, é possível inferir que estas não se referem a encontrar no outro o que não possui em si, mas, sobretudo, vivenciar os desejos pessoais, a partir de uma perspectiva de valores sociais (normativos e interativos), que envolve os componentes da paixão (romance e intimidade sexual), compromisso (apoio, expressões de amor, fidelidade, consideração e devoção) e intimidade (expressão das emoções, conhecimento de preferências comportamentais, ideológicas, crenças gerais e metas individuais; Aykutoğlu & Uysal, 2017; Marston, Hecht, Manke, Mcdaniel, & Reeder, 1998).

Apesar das importantes contribuições apresentadas neste estudo quanto as crenças que embasam o imaginário das pessoas que acreditam no grande amor romântico, reconhece-se que não está isento de limitações. Elenca-se, portanto, a variável o status civil foi composta de dos participantes que estavam em algum tipo de relacionamento romântico, mas também que não possuía, podendo assim ter interferido na escolha dos valores como princípio-guia de suas vidas, bem como na relação entre as crenças do grande amor romântico e os componentes do triângulo amoroso. Não obstante, a medida para avaliar as crenças dispõe de procedimentos preliminares, isto é, de caráter exploratório (i.e., AFE; Freitas e Gouveia, 2020, ver artigo 2). Com base nestes apontamentos, é oportuno sugerir, como estudos futuros, análises mais robustas (e.g., modelagem por equações estruturais; Brown, 2015), buscando tanto disponibilizar uma versão breve da ECGAR, para fins estritamente de pesquisa, quanto confirmar sua estrutura fatorial, ademais controlando o status civil dos participantes, para eu assim seja possível observar como as variáveis se comportam sem a interferência desta variável. De igual modo, comparar as crenças do grande amor romântico, os componentes do amor e os valores humanos entre as fases de desenvolvimento (jovens, adultos e idosos), de acordo com diferentes categorias sociais (sexo, gays, lésbicas, bissexuais), prioridades das

crenças e valorativas em função da classe socioeconômica, igualmente, a relação entre as crenças e a manutenção ou rompimentos dos relacionamentos românticos (Chalmers, 2019; Heshmati et al., 2017).

Tomar conhecimento sobre as relações e direções dos assuntos supracitados oferece bases para o desenvolvimento de intervenções futuras que promovam bem-estar individual e da relação romântica. Pesquisadores e profissionais (e.g., psicólogos, psiquiatras, terapeutas de casais) podem fazer uso desses dados para direcionar e resolver auto crenças que não estão alinhadas com as crenças culturais e crenças sobre os outros, a fim de cultivar um ajuste emocional, levando ao aumento na qualidade dos relacionamentos.

Referências

- Askarpour, A. & Mohammadipour, M. (2016). Psychometric properties of Sternberg love scale. *Journal of Fundamental and Applied Sciences*, 8(4), 2036-2046. doi.org/10.4314/jfas.v8i2s.164.
- Aykutoğlu, B. & Uysal, A. (2017). The Relationship between Intimacy Change and Passion: A Dyadic Diary Study. *Front. Psychol.* 8. doi: 10.3389/fpsyg.2017.02257.
- Batinic, B., Milosavljevic, M., & Barisic, J. (2016). The influence of attachment styles on romantic love. *European Psychiatry*, 33. doi: 10.1016/j.eurpsy.2016.01.1903.
- Bauman, Z. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- Brown T. A. (2015). *Confirmatory factor analysis for applied research*. New York, NY: Guilford Press.
- Cerqueira, I. C. & Rocha, F. N. (2018). Amor e relacionamentos amorosos no olhar da psicologia. *Revista Mosaico*, 09(2), 10-17. doi: 10.21727/rm.v9i2.1449.
- Chalmers, J. H. (2019). What's Love Got to Do With It? Improving the Effect of Marriage Education. *Interpersona*, 13(2), 171–186, doi: 10.5964/ijpr.v13i2.361.
- Couto, R. N. (2017). *Perdão e crescimento pós-traumático no âmbito do divórcio: uma explicação pautada nos valores humanos*. (Dissertação de mestrado). Brasil: Universidade Federal da Paraíba.
- Dhamija, A., Dhamija, S., & Singh, K. (2019). Mediation Effect of Passion between Intimacy and Commitment in Relationship with God: Triangular Theory of Love. *PURSHARTHA*, 11(2). doi: 10.21844/pajmes.v11i2.14624.
- Fehr, B. (2015). Love: Conceptualization and experience. In M. Mikulincer, P. R. Shaver, J. A. Simpson, & J. F. Dovidio (Eds.), *APA handbook of personality and social psychology: Vol. 3. Interpersonal relations* (pp. 495– 522). Washington, DC: American Psychological

Association.

- Fernández-Carrasco, F. J., González-Mey, U., Rodríguez-Díaz, L., Vázquez-Lara, J. M., Gómez-Salgado, J., & Parrón-Carreño, T. (2019). Significance of Affection Changes during Pregnancy: Intimacy, Passion, and Commitment. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, *16*(3), 2254. doi: 10.3390/ijerph16132254.
- Fisher, H. E., Xu, X., Aron, A., & Brown, L. L. (2016). Intense, Passionate, Romantic Love: A Natural Addiction? How the Fields That Investigate Romance and Substance Abuse Can Inform Each Other. *Front. Psychol.* *7*, 687. doi: 10.3389/fpsyg.2016.00687.
- Fisher, H. (2004). *Why we love: The nature and chemistry of romantic love*. New York:
- Fisher, H. (2016). *Anatomy of Love: A Natural History of Mating, Marriage, and Why We Stray*, 2^a ed. New York, NY: W.W. Norton.
- Fonsêca, P. N., Lopes, B. J., Gusmão, E. E. S., Pessoa, V. S. A., Couto, R. N., Silva, M. I. F. (2017). Marital Forgiveness: An Explanation Based on Human Values. *Trends in Psychology*, *25*, 1913-1926.
- Freud, S. (1996). Sobre o narcisismo: Uma introdução. In *Edição standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. XIV, pp. 75-109). Rio de Janeiro: Imago.
- Gerlach, T. M., Arslan, R. C., Schultze, T., Reinhard, S. K., & Penke, L. (2019). Predictive validity and adjustment of ideal partner preferences across the transition into romantic relationships. *Journal of Personality and Social Psychology*, *116*(2), 313–330. doi: 10.1037/pspp0000170.
- Gomes, A. I. A. S. B. (2016). *Satisfação conjugal e bem-estar subjetivo: contribuições dos valores, traços de personalidade e atributos pessoais*. Tese de doutorado, 232f. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, Brasil.
- Gouveia, V. V. (2013). *Teoria funcionalista dos valores humanos: fundamentos, aplicações e perspectivas*. São Paulo, SP: Caso do Psicólogo.

- Gouveia, V. V. (2016). Introdução à Teoria Funcionalista dos Valores. Em V. V. Gouveia (Ed.), *Teoria funcionalista dos valores humanos: áreas de estudo e aplicações* (pp. 13-27). São Paulo: Vetor.
- Gouveia, V. V., Fonseca, P. N., Cavalcanti, J. P. N., Diniz, P. K. Costa, & Dória, L. C. (2009). Versão abreviada da Escala Triangular do Amor: evidências de validade fatorial e consistência interna. *Estudos de Psicologia (Natal)*, *14*(1), 31-39. doi: 10.1590/S1413-294X2009000100005.
- Gouveia, V. V., Fonsêca, P. N., Milfont, T. L., & Fischer, R. (2011). Valores humanos: Contribuições e perspectivas teóricas. In C. V. Torres, & E. R. Neiva (Eds.), *A psicologia social: Principais temas e vertentes* (pp.296-313). Porto Alegre, RS: ArtMed.
- Gouveia, V. V., Milfont, T. L., & Guerra, V. M. (2014). Functional theory of human values: Testing its content and structure hypotheses. *Personality and Individual Differences*, *60*, 41-47. doi: 10.1016/j.paid.2013.12.012.
- Gouveia, V. V., Vione, K. C., Milfont, T. L., & Fischer, R. (2015). Patterns of value change during the life span: Some evidence from a functional approach to values. *Personality and Social Psychology Bulletin*, *41*, 1276-1290. doi: 10.1177/0146167215594189.
- Hefner, V., & Wilson, B. (2013). From love at first sight to soul mate: The influence of romantic ideals in popular films on young people's beliefs about relationships. *Journal Communication Monographs*, *80*(2), 150-175. doi: 10.1080/03637751.2013.776697.
- Hei, K. C. & David, M. K. (2018). How Love is Perceived by Malaysian Malay Children. *International Journal of Linguistics, Literature and Translation*, *1*(20), 80-104.
- Hei, K. C. & David, M. K. (2018). How Love is Perceived by Malaysian Malay Children. *International Journal of Linguistics, Literature and Translation*, *1*(2), 80-104.

Henry Holt.

- Hernandez, J. A. E. (2016). Análise fatorial exploratória e hierárquica da Escala Triangular do Amor. *Avaliação Psicológica*, 15(1), 11-20. doi: 10.15689/ap.2016.1501.02.
- Heshamati, S., Oravecz, Z., Pressman, S., Batchelder, W. H., Muth, C., & Vandekerckhove, J. (2017). What does it mean to feel loved. *Journal of Social and Personal Relationships*. doi:10.1177/0265407517724600.
- Heshmati & Oravecz. (2020, no prelo). Other people feel loved when I feel loved: Cultural congruence in beliefs on love in relation to well-being. *PsyArXiv*. doi: 10.31234/osf.io/9zgy8.
- Heshmati, S., & Oravecz, Z. (2020, no prelo). Other people feel loved when I feel loved: Cultural congruence in beliefs on love in relation to well-being. doi. 10.31234/osf.io/9zgy8.
- Heshmati, S., Oravecz, Z., Pressman, S., Batchelder, W. H., Muth, C., & Vandekerckhove, J. (2017). What does it mean to feel loved. *Journal of Social and Personal Relationships*, 36(1), 214-243. doi:10.1177/0265407517724600.
- Hoffmeister, A., Carvalho, L. M., & Marin, A. (2019). Compreendendo o Amor e suas Expressões em Diferentes Etapas do Desenvolvimento. *Revista Subjetividades*, 19(3), e9529. doi; 10.5020/23590777.rs.v19i3.e9529.
- Hofstede, G. (1984). *Culture's consequences: International differences in work-related values* (Vol. 5). Sage.
- Hudson, N. W., Lucas, R. E., & Donnellan, M. B. (2019). The Highs and Lows of Love: Romantic Relationship Quality Moderates Whether Spending Time With One's Partner Predicts Gains or Losses in Well-Being. *Personality and Social Psychology Bulletin*. doi:10.1177/0146167219867960 .
- Inglehart, R. (1977). *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles in Advanced Industrial Society*. Princeton, NJ: Princeton University Press

- Jose, P. E. (2013). *Doing statistical mediation and moderation*. New York: Guilford Press.
- Karandashev, V. (2015). A cultural perspective on romantic love. *Online Readings in Psychology and Culture*, 5(4). doi: 10.9707/2307-0919.1135.
- Karandashev, V. (2019). *Cross-Cultural Perspectives on the Experience and Expression of Love*. Springer. doi: 10.1007/978-3-030-15020-4.
- Karandashev, V., Zarubko, E., Artemeva, V. et al. (2020). Cross-Cultural Comparison of Sensory Preferences in Romantic Attraction. *Sexuality & Culture*, 24, 23–53 doi: 10.1007/s12119-019-09628-0
- Khalifian, C. E., & Barry, R. A. (2016). Trust, attachment, and mindfulness influence intimacy and disengagement during newlyweds' discussions of relationship transgressions. *Journal of Family Psychology*, 30(5), 592–601. doi: 10.1037/fam0000194.
- Krüger, H. (2013). Ideologias, sistemas de crenças e atitudes. In: Torres, A. R. R. (orgs.). *Psicologia social: temas e teorias*, Brasília: Technopolitik, 2013.
- Lopes, B. J. (2018). *Explicando as dimensões da amizade: contribuições dos valores e traços de personalidade*. Tese de Doutorado, 203f. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, Brasil.
- Lopes, G. S., Santos, W. S., Shackelford, T. K., Tratner, A. E., & Gouveia, V. V. (2017). Attractive men's desirability as a long-term partner varies with ascribed excitement values. *Personality and Individual Differences*, 107, 6-9. doi: 10.1016/j.paid.2016.11.026.
- Marques, C., Silva, A. D., & Taveira, M. C. (2017). Valores como preditores da satisfação com a vida em jovens. *Psico-USF*, 22(2), 207-215. doi:10.1590/1413-82712017220202.
- Marston, P. J., Hecht, M. L., Manke, M. L., Mcdaniel, S., & Reeder, H. (1998). The subjective experience of intimacy, passion, and commitment in heterosexual loving relationships. *Personal Relationships*, 5(1), 15–30. doi:10.1111/j.1475-

6811.1998.tb00157.x.

Maslow, A. (1954). *Motivation and personality*. New York: Harper & Row.

Maslow, A. H. (1962). *Toward a psychology of being*. Princeton, NJ: Van Nostrand.

Miles, J., & Shevlin, M. (2001). *Applying regression & correlation: A guide for students and researchers*. London: Sage Publications.

Oliveira, I. C. V. (2017). *Personalidade virtuosa: evidências psicométricas e correlatos valorativos e pró-sociais*. Tese de Doutorado, 178f. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa-PB, Brasil.

Papp, L. J., Liss, M., Erchull, M. J. Godfrey, H., & Waaland-Kreutzer, L. (2017). The Dark Side of Heterosexual Romance: Endorsement of Romantic Beliefs Relates to Intimate Partner Violence. *Sex Roles*, 76, 99-109. doi: 10.1007/s11199-016-0668-0.

Psychology in Spain, 2, 76-86.

Rodrigue, C., Blais, M., Lavoie, F., Adam, B. D., Goyer, Marie-France, & Magontier, C.(2018) Passion, Intimacy, and Commitment in Casual Sexual Relationships in a Canadian Sample of Emerging Adults, *The Journal of Sex Research*, 55(9), 1192-1205, doi: 10.1080/00224499.2017.1399195.

Rokeach, M. (1973). *The nature of human values*. New York: Free Press.

Savian Filho, J. *Filosofia e filosofias – Existência e sentidos*. Belo Horizonte: Grupo Autêntica, 2016.

Schwartz, S. H. (1992). Universals in the content and structure of values: Theoretical advances and empirical tests in 20 countries. *Advances in Experimental Social Psychology*, 25, 1-65.

Schwartz, S. H. (1999). A theory of cultural values and some implications for work. *Applied Psychology*, 48(1), 23–47. doi:10.1111/j.1464-0597.1999.tb00047.x.

Sekibo, T. M. S. (2019). *Cultural Orientation and Mate Selection: A Cross-Cultural Internet-*

- Based Study. (Dissertation of Doctor). California Lutheran University.
- Soares, A. K. S., Cavalcanti, T. M., Freire, S. E. A., Rezende, T.A., Ribeiro, M. G. C., & Gouveia, V. V. (2020). “Faca o que eu digo, nao o que eu faco?” Um Estudo sobre a Transmissao Valorativa entre Pais e Filhos. *Revista Colombiana de Psicologia*, 29, 29-44. doi: <https://doi.org/10.15446/rcp.v29n1.72405>.
- Sternberg, R. J. & Sternberg, K. (Eds.). (2018). *The new psychology of love*. Cambridge University Press.
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93, 119–135.
- Testa, M., Wang, W., Derrick, J. L., & Leonard, K. E. (2019). Does Drinking Together Promote Relationship Intimacy? Temporal Effects of Daily Drinking Events. *Journal of Studies on Alcohol and Drugs*, 80(5), 537-545. doi: 10.15288/jsad.2019.80.537.
- Watkins, C. D. *et al.* (2019). National income inequality predicts cultural variation in mouth to mouth kissing. *Sci Rep* 9. doi: 10.1038/s41598-019-43267-7.
- Weigel, D. J., Ballard-Reisch, D. S., & Davis, B. A. (2019). Odd Bedfellows: Self- and Partner-Enhancement in the Communication of Commitment. *Western Journal of Communication*, 1–23. doi: 10.1080/10570314.2019.1691252.
- Weigel, D. J., Etopio, A. L., Shrout, M. R., & Evans, W. P. (2020). The Everyday Communication of Commitment: Testing an Integrated Model of Self-Construal, Cognition, Affect, Motivation and Communication. *Western Journal of Communication*, 1–22. doi: 10.1080/10570314.2020.1739324.
- Williams, M., & Sulikowski, D. (2020). Implicit and explicit compromises in long-term partner choice. *Personality and Individual Differences*, 166, 110226. doi:10.1016/j.paid.2020.110226.
- Yela, C. (1998). Temporal course of basic dimensions of love throughout relationships.
- Yela, C. (2006). The evaluation of love simplified version of the Scales for Yela’s

Tetrangular model basead on Sternberg's model. *European Journal of Psychological Assessment*, 22, 21-27.

Zsok, F., Haucke, M., De Wit, C. Y., & Barelds, D. P. H. (2017). What kind of love is love at first sight? An empirical investigation. *Personal Relationships*, 24(4), 869–885. doi: 10.1111/pere.12218.

CONCLUSÃO GERAL

A presente tese buscou responder sobre quais variáveis psicológicas subsidiam as crenças acerca do grande amor romântico, para isto, o objetivo geral foi verificar em que medida as variáveis psicológicas individuais e sociais oferecem sustentabilidade as crenças acerca do grande amor romântico. Para tal verificação, elaboraram-se três artigos, sendo um com caráter teórico e os demais com foco psicométrico.

Principais resultados empíricos

A partir do que foi demonstrado, julga-se que foi possível construir argumentos favoráveis capazes de responder ao questionamento central da tese. A começar pelo *Artigo 1*, de cunho teórico, o qual objetivou estabelecer os componentes que caracterizam a figura do grande amor romântico, identificados em modelos teóricos consolidados, presentes na literatura científica dos relacionamentos românticos, representados por estudiosos (i.e., Hendrick & Hendrick, 1986; Lee, 1977; Rubin, 1970; Shaver, Hazan, & Bradshaw, 1988; Sternberg, 1986; Yela, 1998). Desta feita, a narração e interconexão destes modelos conduziram características que, presumivelmente, apoiam as crenças do grande amor romântico, o qual se refere a expectativas (ideal romântico; Freud, 1955; Yela, 1998, 2006) sobre o outro e a relação, na busca por viver algo tido como “perfeição”, capaz de promover a satisfação pessoal daquele(a) que o fomentou, adicionando a crença que a paixão, intimidade e compromisso/decisão (componentes centrais do amor) se manifestarão no relacionamento sempre de forma conectada e permanente (equilíbrio e perenidade; Sternberg, 1986, 1997), promovendo assim, por um lado, a sensação de conquista, completude (autorrealização; Maslow, 1962/1954), por outro, a correspondência do padrão de relacionamento (aspectos sociais; Hefner & Wilson, 2013), disseminado pelos modelos culturais (e.g., geração pais-filhos, filmes, novelas, redes sociais, campanhas publicitárias), especialmente aqueles coletivistas.

Ao reunir as possíveis características teóricas que endossam as crenças do grande

amor romântico, o *Artigo II*, por sua vez, objetivou propor a Escala de Crenças do Grande Amor Romântico (ECGAR), a qual reuniu evidências psicométricas satisfatórias. Realizou-se então, validade fatorial, identificando uma medida curta, unidimensional, composta de quatro itens, com índice de confiabilidade favorável. A partir disso, submeteu-se o instrumento a validade convergente, a qual identificou o quanto a ECGAR se relacionaria com variáveis (personalidade sombria e virtuosa, valores humanos e bem-estar) frequentemente presentes nas pesquisas dos relacionamentos românticos (Barros, Soares, & Hernandez, 2019; Caprara, Alessandri, & Caprara, 2019; Hoesni, Kadir, Sulaiman, & Hafidz, 2016; Horiuchi, Tsuda, Yoneda, & Aoki, 2018; Hudson, Lucas, & Donnellan, 2019; Ináncsi, Láng, & Bereczkei, 2016). A partir do exposto, constata-se que a ECGAR se configura como uma medida válida (fatorial e convergente) e com bons índices de consistência interna. Contudo, embora o artigo tenha tido uma ênfase psicométrica, foi possível mapear um conjunto de características psicológicas individuais/sociais que embasam as crenças acerca do grande amor romântico.

Em geral, observaram-se relações negativas entre a ECGAR e traços sombrios (psicopatia e maquiavelismo) e uma variável do bem-estar (afetos negativos), em contrapartida, relações positivas com os valores humanos (normativo e interativo) e variáveis do bem-estar (satisfação com a vida, positividade, vitalidade, afetos positivos). Tais resultados corroboraram com os indícios encontrados no artigo anterior, de que as pessoas que acreditam no grande amor romântico, tendem a avaliar suas vidas de forma positiva, uma vez que esse amor satisfaz suas necessidades individuais, e induz os indivíduos a acreditarem que vivenciar uma relação romântica com o grande amor da sua vida, promoverá, necessariamente, ao menos em termos idealísticos, satisfação com o presente e esperança em um futuro próspero, contentamento, felicidade, bom humor e disposição em gastar a vida com entusiasmo e energia.

As descobertas relatadas até o momento conduziram ao *Artigo III*, o qual pretendeu

aprofundar os conhecimentos sobre a influência dos valores sociais, na relação entre os componentes do amor (intimidade, paixão e compromisso/decisão) e as crenças do grande amor romântico. Para atender tal objetivo, fez-se uso de uma moderação para verificar se a inserção dos valores sociais (normativos e interativos) tornaria a relação entre as variáveis do amor estável ou mais forte, dado que, no estudo anterior esses foram os valores que apresentaram relação com as crenças do grande amor romântico. Como esperado, a moderação confirmou que a relação entre os componentes do amor e as crenças se tornam mais acentuadas ao inserir os valores sociais, afirmando seu papel crucial. Curiosamente, constatou-se que, quanto mais as pessoas endossam os valores sociais, maior é a tendência de acreditarem nos componentes do amor como parte das crenças do grande amor romântico.

Afirma-se então que, os resultados anteriormente mencionados, potencializaram as descobertas acerca das crenças do grande amor romântico e das variáveis psicológicas individuais e sociais. Destaca-se ainda a relevância desses estudos para a área da Psicologia Social, especialmente pelas temáticas em foco: as crenças e os valores humanos. A propósito, há décadas, ambas têm possibilitado uma miríade de contribuições teórico-práticas para a compreensão individual, política, econômica e história das sociedades.

Limitações e direcionamentos futuros

Apesar dos objetivos dos artigos terem sido alcançados, implicando assim em importantes contribuições reportadas no decorrer desta tese, não se podem omitir algumas limitações, pois ao mencioná-las será possível saná-las em estudos futuros, contribuindo assim para o avanço científico da Psicologia Social, especificamente para a área de estudos dos relacionamentos românticos. Reconhece-se então que a Escala do Grande Amor Romântico dispõe um número pequeno de itens, os quais embora representem as categorias do grande amor romântico, a adição de novos itens talvez favorecesse uma medida com maior consistência teórica e psicométrica.

Destaca-se ainda quanto à coleta do *Artigo II*, a qual foi realizada via internet, impossibilitando assim ter controle sobre os respondentes (e.g., quantidade de vezes respondidas, atenção seletiva, compreensão dos itens). Apesar disso, presume-se que, essa possível limitação tenha sido superada no *Artigo III*, o qual foi aplicado presencialmente. Para tanto, é válido acrescentar que, em ambos os estudos, não foi possível realizar análises comparativas (e.g., *teste T*, *anova*), a partir de categorias como status de relacionamento (i.e., solteiro, casado, divorciado), fase de desenvolvimento (i.e., jovem, adulto, idoso), as quais são fatores comumente analisados em pesquisas referentes a relacionamentos românticos e que provavelmente ampliaria a discussão acerca de como as crenças do grande amor romântico são construídas e/ou reforçadas, em razão dessas categorias.

Todavia, assegura-se que os resultados encontrados nesta tese são inéditos e apresentam contribuições relevantes para âmbitos científico, clínico e social. À vista disso, como supracitado nos artigos, existe um amplo interesse dos pesquisadores em estudar variáveis psicológicas (e.g., ciúme romântico, satisfação, qualidade, conflitos e perdão) com pessoas que já estão em algum relacionamento, mas pouco se sabe sobre variáveis que precedem os relacionamentos, a exemplo das crenças e dos valores sociais. Logo, compreender as representações mentais (crenças) associadas a comportamentos que guiam a vida dos indivíduos e expressam suas necessidades cognitivas (valores humanos) permitirá estimar um panorama de como as pessoas irão se comportar nos seus relacionamentos, e a partir disso, potencializar fatores que promoverão relações mais saudáveis e, em contrapartida, minimizar possíveis estressores que enfraquecem ou destroem a relação entre os parceiros românticos.

A propósito disso, é oportuno aqui sugerir estudos futuros que explorem, por exemplo, se as crenças do grande amor romântico favorecem possíveis relacionamentos abusivos. Pois já se sabe que, pessoas que constroem ideais românticos, ao supostamente encontrá-los,

fixam-se nas suas crenças pré-estabelecidas e menosprezam atitudes, comportamentos do(a) parceiro(a) que revelam atos abusivos, chegando até a agressões físicas (McLaren, 2015; Moskowitz, Richmond, & Michniewicz, 2020).

Em outra perspectiva, há estudos que demonstram as ilusões românticas como benéficas aos relacionamentos românticos. Desse modo, isso é possível quando os ideais românticos (sentimentos e percepções) são compatíveis entre os parceiros, colocando em equilíbrio os níveis de comparação (Sternberg & Barnes, 1985). Curiosamente, quando os parceiros estimulam e elevam os níveis de ilusões positivas no relacionamento, tendem a desfrutarem em seus relacionamentos menos incertezas, conflitos e risco de dissolução e maior satisfação (Song et al., 2019).

Não menos importante, acrescentam-se ainda estudos futuros que desenvolvam instrumentos, a exemplo de escalas pautadas no construto das atitudes, dado que permitira conhecer essas a nível cognitivo, afetivo e comportamental. E, a partir disso, poder traçar os perfis das pessoas das atitudes frente ao grande amor romântico. Por fim, é oportuno também inserir variáveis sociodemográficas (e.g., orientação sexual, religião, nacionalidade), pois o entendimento de sua influência poderá se configurar como maiores possibilidades de estratégias que possam vir a intervir em contextos clínicos e/ou grupais.

REFERÊNCIAS

- Angel H. F. (2017) Credition: From the Question of Belief to the Question of Believing. In: Angel H. F., Oviedo L., Paloutzian R., Runehov A., Seitz R. (eds). Processes of Believing: The Acquisition, Maintenance, and Change in Creditions. New Approaches to the Scientific Study of Religion, 1. *Springer*. doi: 10.1007/978-3-319-50924-2_2.
- Barros, R. S. N., Soares, A. B., & Hernandez, J. A. E. (2019). Social skills, empathy, love, and satisfaction in the family life cycle. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 36, doi: 10.1590/1982-0275201936e180032.
- Barros, R. S. N., Soares, A. B., & Hernandez, J. A. E. (2019). Social skills, empathy, love, and satisfaction in the family life cycle. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 36, doi: 10.1590/1982-0275201936e180032. doi: 10.1590/1982-0275201936e180032.
- Beall, A. E., & Sternberg, R. J. (1995). The Social Construction of Love. *Journal of Social and Personal Relationships*, 12(417). doi: 10.1177/0265407595123006.
- Buss, D. (2015). *Evolutionary Psychology: The New Science of the Mind*. 5 ed. The University of Texas at Austin.
- Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (2019). Mate Preferences and Their Behavioral Manifestations. *Annual Review of Psychology*, 70(1). doi:10.1146/annurev-psych-010418-103408.
- Caprara, G. V., Alessandri, G., & Caprara, M. (2019). Associations of positive orientation with health and psychosocial adaptation: A review of findings and perspectives. *Asian Journal of Social Psychology*, 22(2), 126–132. doi: 10.1111/ajsp.12325.
- Caprara, G. V., Alessandri, G., & Caprara, M. (2019). Associations of positive orientation with health and psychosocial adaptation: A review of findings and perspectives. *Asian Journal of Social Psychology*, 22(2), 126–132. doi: 10.1111/ajsp.12325.
- Cerqueira, I. C. & Rocha, F. N. (2018). Amor e relacionamentos amorosos no olhar da psicologia. *Revista Mosaico*, 9(2), 10-17.
- Ekas, N. V., Timmons, L., Pruitt, M., Ghilain, C., & Alessandri, M. (2015). The Power of

- Positivity: Predictors of Relationship Satisfaction for Parents of Children with Autism Spectrum Disorder. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 45(7), 1997–2007. doi:10.1007/s10803-015-2362-4.
- Fisher, H. E., Xu, X., Aron, A., & Brown, L. L. (2016). Intense, Passionate, Romantic Love: A Natural Addiction? How the Fields That Investigate Romance and Substance Abuse Can Inform Each Other. *Frontiers in Psychology*, 7. doi: 10.3389/fpsyg.2016.00687/full.
- Freud, S. (1955). Group psychology and the analysis of the ego. In: *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*. vol. IS. London: Hogarth.
- Gouveia, V. V. (2013). *Teoria funcionalista dos valores humanos: fundamentos, aplicações e perspectivas*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Gouveia, V. V. (2016). Introdução à Teoria Funcionalista dos Valores. Em V. V. Gouveia (Ed.), *Teoria funcionalista dos valores humanos: áreas de estudo e aplicações* (pp. 13-27). São Paulo: Vetor.
- Hefner, V. & Wilson, B. (2013). From Love at First Sight to Soul Mate: The Influence of Romantic Ideals in Popular Films on Young People's Beliefs about Relationships. *Journal Communication Monographs*, 80(2), 150-175. doi: 10.1080/03637751.2013.776697.
- Hefner, V. (2019). Does love conquer all? An experiment testing the association between types of romantic comedy content and reports of romantic beliefs and life satisfaction. *Psychology of Popular Media Culture*, 8(4), 376–384. doi:10.1037/ppm0000201.
- Hendrick, C., & Hendrick, S. S. (1986). A theory and method of love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 50, 392-402. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.50.2.392>.
- Hoesni, S. M., Kadir, N. A., Sulaiman, W. S. W., & Hafidz, S. W. M. (2016). Love and

- marital satisfaction among urban malays: Comparing three groups Length of marriage. *Jurnal Psikologi Malaysia*, 30(2), 32-41.
- Horiuchi, S., Tsuda, A., Yoneda, K., & Aoki, S. (2018). Mediating effects of perceived stress on the relationship of positivity with negative and positive affect. *Psychology Research and Behavior Management*, 11, 299–303. doi:10.2147/prbm.s164761.
- Hudson, N. W., Lucas, R. E., & Donnellan, M. B. (2019). The Highs and Lows of Love: Romantic Relationship Quality Moderates Whether Spending Time With One's Partner Predicts Gains or Losses in Well-Being. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 1-18. doi:10.1177/0146167219867960.
- Ináncsi, T. Láng, A. Bereczkei, T. (2016). A Darker Shade of Love: Machiavellianism and Positive Assortative Mating Based on Romantic Ideals. *Europe's Journal of Psychology*, 12(1), 137–152. doi:10.5964/ejop.v12i1.1007.
- Karandashev, V. (2019). *Cross-Cultural Perspectives on the Experience and Expression of Love*. Springer. doi: 10.1007/978-3-030-15020-4.
- Knee, C. R., & Bush, A. L. (2008). Relationship beliefs and their role in romantic relationship initiation. In S. Sprecher, A. Wenzel, & J. Harvey (Eds.), *Handbook of relationship initiation*, (pp. 471–485). New York, NY: Psychology Press.
- Krüger, H. (2013). Ideologias, sistemas de crenças e atitudes. In: Torres, A. R. R. (orgs.). *Psicologia social: temas e teorias*, Brasília: Technopolitik, 2013.
- Lee, J. A. (1977). A typology of styles of loving. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 3(2), 173-182.
- Maslow, A. (1954). *Motivation and personality*. New York: Harper & Row.
- Maslow, A. H. (1962). *Toward a psychology of being*. Princeton, NJ: Van Nostrand.
- H. (2015). Falling in love with romantic ideals: women in relationships with child molesters, *Culture, Health & Sexuality*. doi: 10.1080/13691058.2015.1066857.

- Moskowitz, K., Richmond, K., & Michniewicz, K. (2020). Caught in a bad romance: Endorsement of traditional romantic ideology, internalized heterosexism, and intimate partner violence experiences among sexual minority individuals. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*. doi:10.1037/sgd0000380.
- Papp, L. J., Liss, M., Erchull, M. J., Godfrey, H., & Waaland-Kreutzer, L. (2017). The Dark Side of Heterosexual Romance: Endorsement of Romantic Beliefs Relates to Intimate Partner Violence. *Sex Roles*, 76(1-2), 99–109. doi: 10.1007/s11199-016-0668-0.
- Quintard, V., Jouffe, S., Hommel, B., & Bouquet, C. A. (2020). Embodied self-other overlap in romantic love: a review and integrative perspective. *Psychological Research*. doi: 10.1007/s00426-020-01301-8.
- Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 16, 265–273.
- Sardogan, M. E. (2014). Perceived influence of parenting styles over irrational belief in romantic relations. *Educational Research and Reviews*, 9(20), 913–919. doi:10.5897/err2014.1881.
- Shaver, P., Hazan, C., & Bradshaw, D. (1988). Love as attachment: The integration of three behavioral systems. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 264-292). New York: Yale University.
- Snyder, M. (1984). When Belief Creates Reality. *Advances in Experimental Social Psychology*, 18, 247–305. doi:10.1016/s0065-2601(08)60146-x.
- Soares, A. K. S. (2015). *Valores Humanos no Nível Individual e Cultural: Um estudo pautado na teoria funcionalista*. (Tese de doutorado – não publicada). Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós-graduação de Psicologia Social. João Pessoa-PB.
- Song, H., Zhang, Y., Zuo, L., Chen, X., Cao, G., d' Oleire Uquillas, F., & Zhang, X. (2019). Improving Relationships by Elevating Positive Illusion and the Underlying

- Psychological and Neural Mechanisms. *Frontiers in Human Neuroscience*, 12. doi: 10.3389/fnhum.2018.00526.
- Sprecher, S., Wenzel, S., & Harvey, J. (2008). *Handbook of relationship initiation*. New York: Psychology Press
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93(2), 119-135. doi: <http://dx.doi.org/10.1037/0033-295X.93.2.119>.
- Sternberg, R. J. (1997). Construct of a triangular love scale. *European Journal of Psychology*, 27, 313-335.
- Tukachinsky, R., & Dorros, S. M. (2018). Parasocial romantic relationships, romantic beliefs, and relationship outcomes in USA adolescents: rehearsing love or setting oneself up to fail? *Journal of Children and Media*, 12(3), 329–345. doi:10.1080/17482798.2018.1463917.
- Yela, C. (1998). Temporal course of basic dimensions of love throughout relationships. *Psychology in Spain*, 2, 76-86.

Anexo I- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Universidade Federal da Paraíba Centro de Ciências
Humanas Letras e Artes - Campus I, Bloco C – 2º andar, sala 01
Núcleo de Pesquisa Bases Normativas do Comportamento
Social

Cidade Universitária, s/n - 58051-900 - Joao Pessoa, PB -
Brasil Tel / Fax. +55 83 32167856; cel. +55 85999015404
E-mail: vvgouveia@gmail.com



PESQUISA: Grande e único amor: evidências psicométricas e contribuições psicossociais

Pesquisador Responsáveis: Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia

Prezado (a) colaborador(a),

Você é convidado(a) a participar desta pesquisa que tem como finalidade conhecer as implicações dos traços de personalidade (sombria e virtuosa), valores humanos e os atributos desejados do parceiro(a) ideal no grande e único amor romântico.

PARTICIPANTES DA PESQUISA: Estudantes universitários de uma Instituição Pública da cidade de João Pessoa com idades igual ou superior a 18 anos, de ambos os sexos. Participarão da pesquisa aqueles voluntários que, ao serem convidados a colaborar, concordem.

ENVOLVIMENTO NA PESQUISA: Ao participar deste estudo, você deve responder a um livreto envolvendo questões objetivas sobre as variáveis traços de personalidade (sombria e virtuosa), valores humanos e os atributos desejados do parceiro(a) ideal no grande e único amor romântico e questões sociodemográficas. Ressaltamos, que conforme preconiza a Resolução CNS 510/16, você tem a liberdade de se recusar a participar e pode ainda deixar de responder em qualquer momento da pesquisa, sem nenhum prejuízo. Sempre que quiser, você poderá pedir mais informações sobre a pesquisa. Para isso, poderá entrar em contato com o coordenador da pesquisa.

RISCO E DESCONFORTO: A participação nesta pesquisa não traz complicações; talvez, apenas, algum constrangimento que algumas pessoas sentem quando estão fornecendo informações sobre si mesmas. Os procedimentos utilizados nesta pesquisa seguem as normas estabelecidas pela Resolução 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, e não oferecem risco à sua integridade física, psíquica e moral. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à sua dignidade.

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Apenas os membros do grupo de pesquisa terão conhecimento das respostas, e seu nome não será usado em nenhum momento. Todos os dados serão analisados em conjunto, garantindo o caráter anônimo das informações. Os resultados poderão ser utilizados em eventos e publicações científicas, desde que resguardos o anonimato dos participantes.

BENEFÍCIOS: Ao participar desta pesquisa, você não deverá ter nenhum benefício direto. Entretanto, espera-se que a mesma nos forneça dados importantes para a compreensão dos fatores explicativos acerca do grande e único amor romântico, o que servirá de base pesquisas futuras.

PAGAMENTO: Você não terá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa. E nada será pago por sua participação. Entretanto, se você desejar, poderá ter acesso a cópias dos relatórios da pesquisa contendo os resultados do estudo.

Endereço do responsável pela pesquisa: Nome:

Valdiney Veloso Gouveia (docente)

**Instituição: Universidade Federal da Paraíba –Endereço: Cidade Universitária, s/n -
58051-900 - Joao Pessoa, PB – Brasil**

**Telefones p/contato: +55 83 32167856 /
+5583981142288**

E-mail: vvgouveia@gmail.com

Endereço do Comitê de Ética:

**Instituição: Universidade Federal da Paraíba –
Bairro Castelo Branco**

CEP: 58051-900 - Joao Pessoa, PB – Brasil

Telefones p/contato: (83) 3216-7791 / Fax: (83)3216-7791

E-mail: eticaccs@ccs.ufpb.br

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO

Tendo compreendido perfeitamente tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos, das minhas responsabilidades, dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em dele participar e para isso **eu DOU O MEU CONSENTIMENTO EM DUAS VIAS (1ª VIA: PARTICIPANTE / 2ª VIA: PESQUISADOR) SEM QUE PARA ISSO EU TENHA SIDO FORÇADO OU OBRIGADO.**

Nome do participante: _____

Local e Data: _____

Assinatura do participante: _____

Nome do membro da equipe de pesquisa: _____

Assinatura do membro da equipe de pesquisa: _____

Prof. Dr. Valdiney Veloso Gouveia
Pesquisador Responsável

Anexo II- Questionário do Grande e Único Amor Romântico

INSTRUÇÕES: A seguir você encontrará um conjunto de afirmações que tratam sobre o amor. Por favor, leia cada uma delas e marque Sim ou Não para indicar a forma como você pensa, sente ou se comporta a respeito: Saiba que não existem respostas certas ou erradas; importa sua opinião sincera.

	Sim	Não
01. É possível amar, no curso da vida, a mais de uma pessoa, em momentos diferentes?		
02. Você pensa que é possível amar a duas pessoas ao mesmo tempo?		
03. Você acredita em um grande e único amor?		
04. Atualmente, você tem um grande amor?		

Anexo III- Escala Triangular do Amor de Sternberg

INSTRUÇÕES. Leia as afirmações a seguir e, de acordo com a escala de respostas abaixo, escreva um número em cada espaço que as antecede com o fim de expressar em que medida elas descrevem seu relacionamento. O espaço em branco em cada frase **não deve ser preenchido**; apenas mentalize como se estivesse escrito o nome de seu (sua) namorado (a), noivo (a), esposo (a) ou companheiro (a).

1	2	3	4	5
Não me descreve nada	Descreve-me um pouco	Descreve-me mais ou menos	Descreve-me bastante	Descreve-me totalmente

1. Eu vejo meu relacionamento com _____ como permanente (duradouro)	1	2	3	4	5
2. Eu recebo considerável suporte emocional de _____	1	2	3	4	5
3. Espero amar _____ por toda minha vida	1	2	3	4	5
4. Sonho de olhos abertos com _____	1	2	3	4	5
5. Eu particularmente gosto do contato físico com _____	1	2	3	4	5
6. Só em olhar para _____ é excitante	1	2	3	4	5
7. Não imagino terminar o relacionamento com _____	1	2	3	4	5
8. Posso contar com _____ na hora que eu necessitar	1	2	3	4	5
9. Eu não poderia deixar que nada interferisse de algum modo meu compromisso com _____	1	2	3	4	5
10. Sinto que realmente posso confiar em _____	1	2	3	4	5
11. Estou seguro(a) do meu amor por _____	1	2	3	4	5
12. Meu relacionamento com _____ é apaixonante	1	2	3	4	5
13. Sinto que _____ realmente me compreende	1	2	3	4	5
14. Acho _____ muito atraente	1	2	3	4	5
15. Me comunico bem com _____	1	2	3	4	5

Anexo IV- Escala de Entusiasmo e Busca de Verdade nos Relacionamentos Amorosos

INSTRUÇÕES. Por favor, leia com atenção cada afirmação a seguir, tendo em conta o seu relacionamento atual. Saiba que não existem respostas certas ou erradas; queremos conhecer verdadeiramente como você sente, pensa e age com respeito ao seu relacionamento. Neste sentido, utilize a escala de resposta a seguir para indicar o quanto concorda ou discorda com o que está sendo dito, sem se importar com o que pensam as pessoas ao seu redor.

1	2	3	4	5	6	7
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Discordo	Não concordo, nem discordo	Concordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

1. Sou otimista acerca de meu relacionamento	1	2	3	4	5	6	7
2. Comumente analiso meu relacionamento.	1	2	3	4	5	6	7
3. Eu sempre quero saber o que meu (minha) parceiro (a) sente e pensa a meu respeito.	1	2	3	4	5	6	7
4. Procuro insistentemente explicar problemas em nosso relacionamento	1	2	3	4	5	6	7
5. Eu tento esquecer eventos negativos de meu relacionamento.	1	2	3	4	5	6	7
6. Prefiro desfrutar da companhia de meu (minha) parceiro (a) em lugar de focar em coisas ruins.	1	2	3	4	5	6	7
7. Esforço-me para entender meu relacionamento.	1	2	3	4	5	6	7
8. Evito pensamentos negativos acerca de meu (minha) parceiro (a).	1	2	3	4	5	6	7
9. Eu tento pensar positivamente sobre o meu relacionamento.	1	2	3	4	5	6	7
10. Eu sempre vejo o lado positivo quando penso em meu relacionamento.	1	2	3	4	5	6	7
11. Sempre quero saber o que meu (minha) parceiro (a) pensa acerca de nosso relacionamento	1	2	3	4	5	6	7

Anexo V - Questionário de Valores Básicos

INSTRUÇÕES. Por favor, leia atentamente a lista de valores descritos a seguir, considerando seu conteúdo. Utilizando a escala de resposta abaixo, escreva um número ao lado de cada valor para indicar em que medida o considera importante como um princípio que guia sua vida.

1	2	3	4	5	6	7
Totalmente não importante	Não Importante	Pouco Importante	Mais ou menos Importante	Importante	Muito Importante	Extremamente Importante

1. APOIO SOCIAL. Obter ajuda quando a necessite; sentir que não está só no mundo.	1	2	3	4	5	6	7
2. ÊXITO. Obter o que se propõe; ser eficiente em tudo que faz.	1	2	3	4	5	6	7
3. SEXUALIDADE. Ter relações sexuais; obter prazer sexual.	1	2	3	4	5	6	7
4. CONHECIMENTO. Procurar notícias atualizadas sobre assuntos pouco conhecidos; tentar descobrir coisas novas sobre o mundo.	1	2	3	4	5	6	7
5. EMOÇÃO. Desfrutar desafiando o perigo; buscar aventuras.	1	2	3	4	5	6	7
6. PODER. Ter poder para influenciar os outros e controlar decisões; ser o chefe de uma equipe.	1	2	3	4	5	6	7
7. AFETIVIDADE. Ter uma relação de afeto profunda e duradoura; ter alguém para compartilhar seus êxitos e fracassos.	1	2	3	4	5	6	7
8. RELIGIOSIDADE. Crer em Deus como o salvador da humanidade; cumprir a vontade de Deus.	1	2	3	4	5	6	7
9. SAÚDE. Preocupar-se com sua saúde antes mesmo de ficar doente; não estar enfermo.	1	2	3	4	5	6	7
10. PRAZER. Desfrutar da vida; satisfazer todos os seus desejos.	1	2	3	4	5	6	7
11. PRESTÍGIO. Saber que muita gente lhe conhece e admira; quando velho receber uma homenagem por suas contribuições.	1	2	3	4	5	6	7
12. OBEDIÊNCIA. Cumprir seus deveres e obrigações do dia a dia; respeitar seus pais, os superiores e os mais velhos.	1	2	3	4	5	6	7
13. ESTABILIDADE PESSOAL. Ter certeza de que amanhã terá tudo o que tem hoje; ter uma vida organizada e planificada.	1	2	3	4	5	6	7
14. CONVIVÊNCIA. Conviver diariamente com os vizinhos; fazer parte de algum grupo, como: social, religioso, esportivo, entre outros.	1	2	3	4	5	6	7
15. BELEZA. Ser capaz de apreciar o melhor da arte, música e literatura; ir museus ou exposições onde possa ver coisas belas.	1	2	3	4	5	6	7
16. TRADIÇÃO. Seguir as normas sociais do seu país; respeitar as tradições da sua sociedade.	1	2	3	4	5	6	7
17. SOBREVIVÊNCIA. Ter água, comida e poder dormir bem todos os dias; viver em um lugar com abundância de alimentos.	1	2	3	4	5	6	7
18. MATURIDADE. Sentir que conseguiu alcançar seus objetivos na vida; desenvolver todas as suas capacidades.	1	2	3	4	5	6	7

Anexo VI- Escala de Personalidade Sombria

INSTRUÇÕES. Usando a escala a seguir, por favor, indique o quanto cada uma das seguintes afirmações reflete como você normalmente se vê. Para tanto, escreva ao lado de cada frase o número que melhor representa sua opinião em relação a você mesmo.

1	2	3	4	5				
Não me descreve	Descreve-me pouco	Descreve-me mais ou menos	Descreve-me bastante	Descreve-me totalmente				
1. Costumo manipular os outros para conseguir o que quero.				1	2	3	4	5
2. Costumo usar enganações ou mentiras para conseguir o que quero.				1	2	3	4	5
3. Costumo bajular as pessoas para conseguir o que quero.				1	2	3	4	5
4. Costumo explorar outras pessoas para meu próprio benefício.				1	2	3	4	5
5. Eu tendo a ter falta de remorso.				1	2	3	4	5
6. Costumo não me preocupar com a moralidade de minhas ações.				1	2	3	4	5
7. Eu tendo a ser insensível ou indiferente.				1	2	3	4	5
8. Eu costumo ser cínico.				1	2	3	4	5
9. Eu tendo a querer que os outros me admirem.				1	2	3	4	5
10. Eu tendo a querer que os outros prestem atenção em mim.				1	2	3	4	5
11. Eu tendo a buscar prestígio ou status.				1	2	3	4	5
12. Costumo esperar favores especiais dos outros.				1	2	3	4	5

Anexo VII- Inventário de Personalidade Virtuosa

INSTRUÇÕES. Por favor, leia as afirmações a seguir. Independentemente do que possam pensar os demais ao seu redor, indique em que medida cada uma das afirmações descreve como você normalmente se vê. Para tanto, escreva ao lado de cada afirmação o número que melhor representa sua opinião em relação a você mesmo.

1	2	3	4	5
Não me descreve	Descreve-me pouco	Descreve-me mais ou menos	Descreve-me bastante	Descreve-me totalmente

1. Sei reconhecer a ajuda que recebo das pessoas.	1	2	3	4	5
2. Ao colaborar com as pessoas, desejo intimamente ser recompensado.	1	2	3	4	5
3. Tenho dificuldade de agradecer às pessoas.	1	2	3	4	5
4. Sou grato(a) por toda a ajuda que recebi na vida.	1	2	3	4	5
5. Avalio negativamente àqueles que me magoaram.	1	2	3	4	5
6. Vingo-me de quem me faz mal.	1	2	3	4	5
7. Para mim é difícil dizer obrigado.	1	2	3	4	5
8. Ajudo aos outros para receber elogios.	1	2	3	4	5
9. Em geral, esqueço de agradecer as coisas boas que me fazem.	1	2	3	4	5
10. Corro riscos para ajudar ao próximo.	1	2	3	4	5
11. Se alguém me magoou, quero vê-lo prejudicado e infeliz.	1	2	3	4	5
12. Reconheço todas as coisas que os outros têm feito por mim.	1	2	3	4	5
13. Sacrifico-me para fazer favores às pessoas.	1	2	3	4	5
14. Presto assistência aos meus colegas para obter benefício próprio.	1	2	3	4	5
15. Colaboro com as pessoas, ainda que a situação envolva perigo.	1	2	3	4	5
16. Esqueço facilmente as mágoas.	1	2	3	4	5
17. Perdooo facilmente as pessoas.	1	2	3	4	5
18. Sei perdoar aqueles que me fazem ofensas intencionais.	1	2	3	4	5

Anexo VIII- Escala de Positividade

INSTRUÇÕES. A seguir, são apresentadas oito afirmações que tratam de características pessoais. Leia cada uma com atenção e indique o quanto concorda ou discorda com o fato de cada uma descrevê-lo (la), utilizando a escala de resposta ao lado de cada afirmação.

1	2	3	4	5
Discordo completamente	Discordo	Em dúvida	Concorco	Concordo completamente

1. Eu tenho muita fé no futuro.	1	2	3	4	5
2. Eu estou satisfeito com a minha vida.	1	2	3	4	5
3. Geralmente os outros estão disponíveis para mim quando eu preciso deles.	1	2	3	4	5
4. Tenho expectativas acerca do futuro com esperança e entusiasmo.	1	2	3	4	5
5. No geral, estou satisfeito comigo mesmo.	1	2	3	4	5
6. Às vezes, o futuro não parece claro para mim.	1	2	3	4	5
7. Eu sinto que tenho muitas coisas para me orgulhar.	1	2	3	4	5
8. Eu geralmente me sinto confiante comigo mesmo.	1	2	3	4	5

Anexo IX - Satisfação com a Vida

INSTRUÇÕES. Por favor, leia as afirmações a seguir e indique na escala de resposta ao lado o quanto cada uma descreve sua forma de pensar ou sentir. Por favor, escolha a resposta adequada para cada item:

1	2	3	4	5
Não me descreve	Descreve-me um pouco	Descreve-me mais ou menos	Descreve-me bastante	Descreve-me Totalmente

1. Na maioria dos aspectos, minha vida é próxima ao meu ideal	1	2	3	4	5
2. As condições da minha vida são excelentes	1	2	3	4	5
3. Estou satisfeito(a) com a minha vida	1	2	3	4	5
4. Dentro do possível, tenho conseguido as coisas importantes que quero na vida.	1	2	3	4	5
5. Se pudesse viver uma segunda vez, não mudaria nada na minha vida	1	2	3	4	5

Anexo X - Escala de Afetos Positivos e Negativos

INSTRUÇÕES. A seguir você encontrará uma lista com dez estados emocionais. Para cada um deles, pedimos-lhe que indique o quanto você o tem experimentado ultimamente. Faça isso marcando o número na escala de resposta segundo o estado emocional vivenciado. Por favor, seja o mais sincero e honesto possível em suas respostas.

1	2	3	4	5	6	7
Totalmente improvável	Bastante improvável	Improvável	Mais ou menos	Provável	Muito Provável	Totalmente provável

1. Feliz	1	2	3	4	5	6	7
2. Deprimido(a)	1	2	3	4	5	6	7
3. Satisfeito(a)	1	2	3	4	5	6	7
4. Frustrado(a)	1	2	3	4	5	6	7
5. Raivoso(a)	1	2	3	4	5	6	7
6. Divertido(a)	1	2	3	4	5	6	7
7. Preocupado(a)	1	2	3	4	5	6	7
8. Otimista	1	2	3	4	5	6	7
9. Infeliz	1	2	3	4	5	6	7
10. Alegre	1	2	3	4	5	6	7

Anexo XI - Escala de Vitalidade

INSTRUÇÕES. Por favor, leia atentamente as afirmações que seguem e, considerando como você tem se sentido atualmente, pedimos-lhe que indique em que medida cada uma delas é verdadeira em seu caso. Utilize a escala de resposta que segue.

1	2	3	4	5	6
Nada verdadeiro	Pouco Verdadeiro	Mais ou Menos Verdadeiro	Verdadeiro	Muito Verdadeiro	Totalmente verdadeiro

1. Sinto-me vivo(a) e cheio(a) de vitalidade	1	2	3	4	5	6
2. Não me sinto muito disposto(a)	1	2	3	4	5	6
3. Algumas vezes me sinto tão vivo(a) a ponto de transbordar	1	2	3	4	5	6
4. Tenho energia e disposição	1	2	3	4	5	6
5. Desejo viver cada novo dia	1	2	3	4	5	6
6. Quase sempre me sinto disposto(a) e ativo(a)	1	2	3	4	5	6
7. Sinto-me vitalizado(a)	1	2	3	4	5	6

Anexo XII - Informações Sociodemográficas

Por fim, queremos conhecê-lo (a) um pouco mais. Neste sentido, pedimos que responda as perguntas a seguir; lembrando que não é nosso intuito identificá-lo(a). Portanto, não assinhe ou coloque seu nome nesta parte.

1. **Idade:** _____ anos 2. **Sexo:** Masculino Feminino

3. **Qual sua orientação sexual?**

Homossexual Heterossexual Bissexual Outra: _____

4. **Religião?** Católica Evangélica Espírita Não possui Outra: _____

5. **Em que medida você se considera religioso? (Circule um dos números)**

0	1	2	3	4
Nada Religioso				Totalmente religioso

6. **Qual o *status* de seu relacionamento?**

Ficando / Nada sério Namorando Noivo Casado / União Estável

7. **Há quanto tempo você está neste relacionamento?** _____ Anos e _____ Meses

8. **Caso não seja ainda casado (a) com esta pessoa, em sua opinião, qual a probabilidade de vocês virem a se casar ou estabelecer união estável? (Marque)**

0%	10%	20%	30%	40%	50%	60%	70%	80%	90%	100%

9. **Você já traiu seu (sua) companheiro (a) atual?**

Sim Não

10. **Em comparação com as pessoas de seu país, você diria que sua família é da classe socioeconômica:**

1	2	3	4	5
Baixa	Média-Baixa	Média	Média-Alta	Alta